

目 次

論文

Função atributiva do adjetivo em português — posposto ou anteposto ao substantivo Shiro Iyanaga & Pedro Aires	1
堀口大學のリオデジャネイロ滞在 福嶋 伸洋	23
Os 60 anos do início da guerra colonial em Angola César Rodrigues	39

その他

ポルトガル再独立期における対ヴェネチア外交 —独立承認とD.ドゥアルテ王子解放をめぐって— 荻野 恵	55
Ensino de Português como Língua Estrangeira no Japão —Situação Atual e Desafios— Katsumi Kosaka	71
Henrique de Senna Fernandes (1923-2010): Um Vulto, um Povo, uma História Joseph Abraham Levi	91
Universidade de Coimbra : 95 anos de tradição no ensino de língua e cultura portuguesas a alunos estrangeiros Rui Pereira	111
学会規約	131
<i>Anais</i> 投稿規程	134
役員一覧, 執筆者一覧, 編集後記	136

Função atributiva do adjetivo em português — posposto ou anteposto ao substantivo

Shiro Iyanaga & Pedro Aires

I. Introdução

Na língua portuguesa, a posição do adjetivo relativamente ao substantivo implica uma problemática assaz complexa, tanto sintática como semântica, especialmente para os falantes não nativos que necessitam de assimilar as regras intuitivas latentes com o fim de conseguir um certo nível do seu domínio. Este problema aplica-se sobretudo para os aprendentes do português como segunda língua. Por exemplo, para quem tem como língua materna o japonês, dispõe de uma regra muito estável referente ao uso atributivo do adjetivo, permitindo apenas a colocação anteposta para qualificar o substantivo e gerando na sua posposição uma sequência agramatical.

Do ponto de vista lexicográfico, por outro lado, a relativa liberdade posicional do adjetivo no português, ligada intimamente com a sua aceção, constitui um problema que poderia ser solucionado sistematicamente com uma descrição adequada correspondente à intuição dos falantes nativos.

O presente trabalho, portanto, visa esclarecer a natureza da posição instável do adjetivo em relação ao substantivo na língua portuguesa, procurando uma descrição lexicograficamente desejável, tanto para o falante nativo como para os estudantes de PLE (Português Língua Estrangeira).

II. Função atributiva e predicativa do adjetivo ⁽¹⁾

O adjetivo é uma classe de palavras que exerce duas funções essenciais, nomeadamente a atributiva e a predicativa. Na função atributiva, é a palavra que modifica o substantivo restringindo o grupo representado. Por exemplo, comparem-se (1) e (2).

1. Também descrito como «adjetivo em função de adjunto adnominal» em contraste com «adjetivo em função predicativa». Cunha & Cintra (1986:263-266).

- (1) um carro
- (2) um carro branco

No exemplo (1) é representado um elemento aleatoriamente escolhido no grupo formado por todos os carros. Em (2), porém, o adjetivo «branco» modifica o substantivo, escolhendo um grupo constituído por carros brancos e eliminando todos os outros de cores diferentes. Apenas acrescentando uma qualificação referente à cor, o conjunto dos elementos a ser tratado reduz-se substancialmente. Se modificarmos ainda, por exemplo, com um outro adjetivo, como «pequeno», selecionamos o tipo de «carros brancos» conforme o porte, diminuindo ainda mais o número dos elementos em questão. Podemos ainda restringir com outro adjetivo, como «japonês», sendo ainda mais reduzido o número de constituintes do grupo que o sintagma nominal em questão representa.

- (3) um carro branco pequeno
- (4) um carro branco pequeno japonês

Deste modo, com o acrescentar de diversas atribuições expressas por adjetivos, a extensão do grupo do substantivo, de onde se seleciona aleatoriamente um elemento, revela-se cada vez mais reduzida como se demonstra na **Figura 1**.

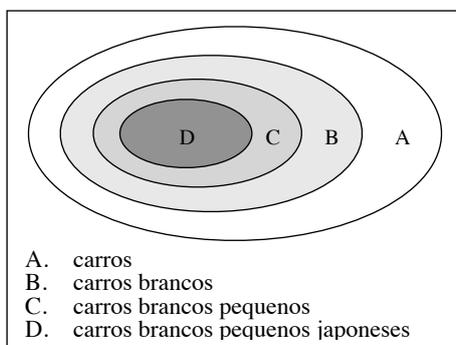


Figura 1

O substantivo combina com um adjetivo facilmente, não obstante se limite o seu número máximo no sintagma nominal, um adjetivo anteposto e três pospostos ou dois adjetivos antepostos e dois pospostos, de acordo com

uma pesquisa efetuada num corpus linguístico, como os seguintes exemplos mostram ⁽²⁾.

(5) única **reação** oficial ocidental conhecida (A+S+A+A+A)

(6) presumível futuro **líder** trabalhista britânico (A+A+S+A+A)

Por outro lado, quando o adjetivo, ligado pelo verbo copulativo, funciona como predicativo do sujeito, atribui o seu sentido ao sujeito ⁽³⁾.

(7) O carro é branco.

Adicionam-se mais adjetivos separados de vírgulas, geralmente até ao penúltimo elemento, colocando a conjunção entre o penúltimo e o último.

(8) O carro é branco, pequeno, desportivo e italiano.

O uso predicativo do adjetivo, portanto, pode manifestar uma variedade estrutural conforme a conjunção que se emprega, tema sobre o qual se pretende tratar em pormenor oportunamente numa outra ocasião ⁽⁴⁾.

III. Posição do adjetivo atributivo: anterior ou posterior ao substantivo

1. Posição do adjetivo relativa ao substantivo

É costume dizer-se que os adjetivos mudam o seu sentido conforme a posição relativa ao substantivo a qualificar ⁽⁵⁾. No entanto, uma observação mais

2. Há casos de dois adjetivos justapostos ligado por uma conjunção, que são considerados como unidade única. Por exemplo, «nacionais e estrangeiros» é tido como uma atribuição ao substantivo «grupos»: cf. Vários grandes grupos empresariais nacionais e estrangeiros (A+A+S+A+A).

3. O verbo em questão é descrito com várias denominações, entre as quais se destacam: verbo predicativo, verbo de ligação, verbo copulativo.

4. Note-se que a falta de conjunção implica a omissão intencional do falante, deixando subentendido que há mais qualificações a acrescentar. Por outro, a substituição da conjunção «e» na frase (8) por «mas» ou «ou» pode gerar uma situação diferente que mereceria por si só uma minuciosa pesquisa semântica.

5. Costuma-se usar uma expressão análoga nos manuais de PLE destinados aos japoneses. De facto, um vocábulo polissémico português corresponde-se com as palavras ou expressões distintas na língua-alvo. A posição do adjetivo referente ao substantivo — anterior ou posterior, seleciona uma das suas aceções, daí que se conclua que este tipo de adjetivo muda o seu sentido de acordo com a posição relativa ao substantivo.

pormenorizada parece mostrar uma situação um pouco diferente da visão tradicional de que costumamos depender para discutir o assunto.

Como é do nosso conhecimento, a gramática ensina que em português o adjetivo se posiciona essencialmente em posição posterior ao substantivo. Por outro lado, sabe-se que há adjetivos que permitem a colocação anteposta ao substantivo, a qual normalmente implica a alteração do seu significado, concedendo-lhe um matiz pessoal e subjetivo⁽⁶⁾.

Por exemplo, como muitos manuais explicam, o adjetivo «grande» colocado antes do substantivo tem um sentido diferente do da colocação posterior⁽⁷⁾. Posto anterior ao substantivo, significa «que é socialmente importante, influente, poderoso»⁽⁸⁾, em contraste com a aceção típica do caso posposto, «que possui dimensões maiores do que o vulgar»⁽⁹⁾. O contraste é, muitas vezes, tratado como o que existe entre o sentido concreto e o seu derivado abstrato nos manuais para os aprendentes.

(9) grande homem

(10) homem grande

Contudo, a posição nem sempre parece *alterar* o sentido do sintagma nominal, quando constituído pelos mesmos elementos com a ordem invertida. Compare-se «grande carro» e «carro grande» em (11) e (12). Embora haja ainda a possibilidade de diferenciar a aceção conforme a devida contextualização, tanto a frase (11) como a (12) podem referir-se apenas ao tamanho físico do carro.

(11) A garagem é tão pequena que não cabe um grande carro.

(12) A garagem é tão pequena que não cabe um carro grande

6. Cunha & Cintra (1986:268), «(...) a sequência ADJETIVO+SUBSTANTIVO provocada pela ênfase dada ao qualificativo, decorre daí a noção de que, anteposto, o adjetivo assume um valor subjetivo». Esta característica é referida, do mesmo modo, por Raposo (p.1451), que usa a expressão «carga afetiva ou avaliativa».

7. No ensino de PLE em língua checa, como se observa em Buda (2017:224), encontra-se focalizado o aspecto dos adjetivos que «mudam de significado conforme a sua posição».

8. Academia das Ciências de Lisboa (2001:1925-1926).

9. idem.

Deste modo, a posição do adjetivo nem sempre se relaciona estreitamente com as diversas aceções. Antes gostaríamos de chamar atenção para o facto de que o adjetivo, como outros vocábulos, é inerentemente polissémico. Sendo seleccionada pelo falante uma das aceções, relacionadas ou não com as posições anterior ou posterior ao substantivo, realiza-se uma das posições pré-definidas.

2. Posição do adjetivo e a sua aceção.

Muitas vezes, a própria aceção de um determinado adjetivo por si só apresenta uma característica difícil de averiguar se é da avaliação objetiva ou subjetiva. Como um exemplo típico tomemos o adjetivo «velho». De acordo com o uso corrente do adjetivo em questão, a sua posição para o substantivo parece consideravelmente livre. De facto, entre (13) e (14) não nos parece possível observar a distinção semântica, se é da avaliação subjetiva ou objetiva.

(13) casa velha

(14) velha casa

Em contrapartida, uma determinada combinação, ou seja uma locução já estabilizada de duas sequências (nomeadamente [adjetivo + substantivo] e [substantivo + adjetivo]), pode representar um contraste semântico muito claro. Por exemplo, comparem-se as seguintes sequências, que fazem um par mínimo de acordo com a ordem dos dois elementos que constituem uma locução.

(15) velha cidade

(16) cidade velha.

Embora seja um adjetivo inerentemente polissémico, como outros vocábulos de classes diferentes, a aceção de «velha» parece idêntica tanto em (15) como em (16). Porém as respetivas referências são completamente

diferentes, pois (15) e (16) são locuções feitas, cujos sentidos estão fossilizados pelo uso da língua⁽¹⁰⁾.

IV. Colocação do Adjetivo : anteposto ou posposto

A posição do adjetivo relativa ao substantivo, deste modo, é selecionada essencialmente de acordo com a intuição do falante nativo que usa um determinado adjetivo numa das suas aceções registadas. Isto significa que os aprendentes do português terão de saber que a tradução de «in the old days» corresponde a «nos velhos tempos», e não a «nos tempos velhos».

De facto, como se exemplifica a seguir na **Tabela 1**, conforme uma

série de ocorrências obtidas em pesquisa do corpus CETEMPúblico sobre o adjetivo «velho», torna-se óbvio que o seu modo de combinação, especialmente aqueles que apresentam uma frequência alta, se mantêm

Tabela 1

velho	
Anteposto (Adj.+Sub.)	Posposto (Sub.+Adj.)
15,676 ocorrências.	2,005 ocorrências.
89%	11%
3,484 valores.	647 valores.
1 tempos 408	cidade 111
2 guarda 306	parte 101
3 amigo 244	zona 94
4 continente 206	vila 59
5 senhora 177	papel 49
6 edifício 173	casas 31
7 tradição 164	ferro 30
8 sonho 157	pneus 29
9 aspiração 129	carros 29
10 amigos 124	ano 27

10.O par mínimo produzido pela colocação de dois elementos idênticos constitui uma das dificuldades para os principiantes do português como língua estrangeira. A intervenção de uma outra língua, em que se usam expressões distintas, poderia ajudar a um melhor esclarecimento. Assim, em vez de se explicar de acordo com a tradicional «alteração do sentido de alguns adjetivos conforme a posição relativa ao substantivo a qualificar», dir-se-ia que a «velha cidade» se expressa em inglês como «old part of the city» e «cidade velha» como «old city» (em japonês, 「旧市街」 e 「古い町」), respetivamente.

invariáveis na sua posição relativa ao substantivo que qualifica ⁽¹¹⁾. Os estudantes da língua, portanto, precisam de assimilar o modo de combinação e o respetivo significado simultaneamente.

Por exemplo, comparando «velha tradição» e «tradição velha», a segunda versão pode encontrar-se em conformidade com a regra. Para estes, a escolha entre as duas expressões torna-se praticamente impossível, até que disponham do seu único critério: o conhecimento de que a posição de um determinado adjetivo altera ou não o seu sentido. O corpus linguístico, portanto, serve como ferramenta ideal para saber qual a melhor combinação em um caso específico. Neste caso em particular, o corpus mostra que a esmagadora maioria de ocorrências é a colocação anterior (164 ocorrências – 98,8%), contra a posterior (2 ocorrências – 1,2%) ⁽¹²⁾.

O resultado das pesquisas efetuadas em corpora linguísticos pode, deste modo, responder ao requisito dos falantes não nativos, que carecem da regra intuitiva de combinação determinante da posição do adjetivo. Uma rápida revisão das dez combinações mais frequentes com o adjetivo «velho», como se pode ver na Tabela 1, evidencia que o adjetivo em questão mostra uma

11. O CETEMPúblico é um corpus de aproximadamente 190 milhões de palavras em português europeu. O PÚBLICO é um jornal diário português de grande circulação, fundado em 1991, e o primeiro jornal português a disponibilizar uma edição electrónica na internet. Este corpus já é um pouco antigo, os artigos que o compõem são de 1991 a 1998, mas linguisticamente continuam a ser uma boa fonte para o português escrito culto europeu, aceite entre os falantes nativos. Este corpus permite uma pesquisa de «Distribuição das formas» em combinação com outras classes de palavras. Portanto, neste caso, efectua-se a pesquisa para verificar que substantivos combinam em posição anterior ou posterior a um determinado adjetivo e com a indicação das respetivas frequências.

12. Nem todas as ocorrências obtidas automaticamente na pesquisa dos corpora podem ser validadas na contagem, precisando de uma leitura. Por exemplo, de uma pesquisa de sequências «apropriado + substantivo» resultam dois casos de «apropriados + observadores». Porém, como se pode observar no contexto, a sequência deve ser excluída. Por exemplo: (...)instalar nos lugares apropriados observadores dotados dos meios necessários, binóculo e telefone, para detectar o início do fogo e avisar o grupo da aldeia e os bombeiros; (...) (De: CETEMPúblico) Deste modo, todos os resultados da pesquisa nos corpora devem ser filtrados com um «tratamento manual».

forte tendência de anteposição, e que a maioria das combinações mais frequentes é considerada como locuções estabilizadas⁽¹³⁾.

Por outro lado, como se representa na **Tabela 2**, o adjetivo «americano» revela uma característica comum a todos os outros toponímicos e gentílicos: a exclusiva posposição relativa ao substantivo. Por exemplo, face à expressão «avião militar americano», mesmo que se queira que o adjetivo assuma um valor subjetivo com carga afetiva ou avaliativa, a expressão *«americano avião militar» é sempre agramatical.

Há também casos de adjetivos com colocação quase exclusivamente ante-

rior ao substantivo: «bom», «meio», «respetivo», «vasto», «restante», «eventual», «inúmero», «mero», «presumível», «alvo», entre outros (mais de 90 % em posição anteposta no referido corpus). Embora muito reduzido no seu número, estes adjetivos mostram uma forte tendência de anteposição em relação ao substantivo que qualificam.

Existem ainda outros tipos de adjetivos que não apresentem inclinação para a posição anterior ou posterior. Por exemplo, o adjetivo «ambicioso», provavelmente porque a sua própria aceção se situa numa dimensão afetiva ou sentimental, tem a sua colocação relativa ao substantivo sem uma diferenciação

Tabela 2

americano	
Anteposto (Adj.+Sub.)	Posposto (Sub.+Adj.)
0 ocorrências.	27966 ocorrências.
0%	100%
	3464 valores
1	— cinema 729
2	— Presidente 693
3	— Estado 364
4	— revista 349
5	— sonho 345
6	— futebol 338
7	— soldados 331
8	— economia 314
9	— continente 302
10	— mercado 292

13. A tabela é composta por resultados obtidos em pesquisa em CETEMPúblico, com o uso da função «Distribuição das formas». <http://www.linguateca.pt> (obtido a 20 de fevereiro de 2021).

semântica explícita⁽¹⁴⁾.

De facto, como se encontram transcritas na **Tabela 3**, as combinações com os substantivos não revelam tendências claras. O mencionado corpus linguístico poderia servir, para falantes não nativos, como uma excelente ferramenta para obter esta importante informação sintática e semântica de adjetivos⁽¹⁵⁾.

V. Indicação da tendência posicional dos adjetivos

Conforme os três adjetivos acima exemplificados, com as respetivas percentagens distribucionais relativas aos substantivos, entende-se que a posição dos adjetivos pode ser descrita por meio da percentagem, como se visualiza nos três gráficos 1 a 3.

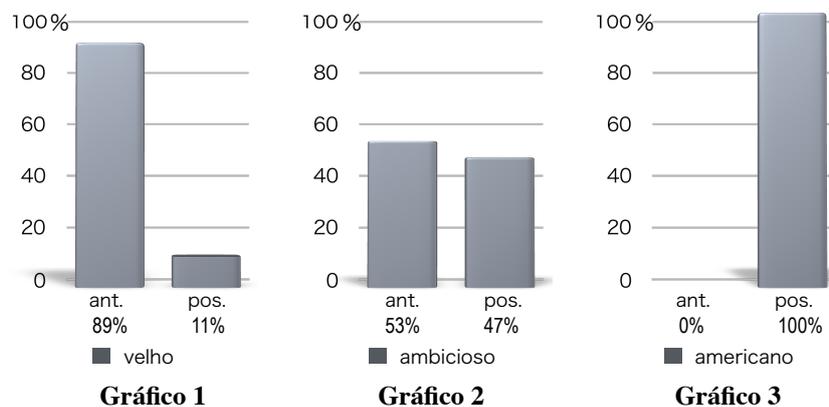
De um ponto de vista prático, porém, descrever todas as proporções de combinação dos adjetivos não parece muito vantajoso ou realista, por ser demasiadamente pormenorizado. Uma solução possível seria a indicação com um único número que referisse a sua inclinação posicional. A percentagem referente à posposição seria representada como A, a referente à anteposição como B e finalmente como C o valor da diferença (A - B). Assim, o valor C

Tabela 3

ambicioso	
Anteposto (Adj.+Sub.)	Posposto (Sub.+Adj.)
984 ocorrências.	886 ocorrências.
53%	47%
1 projecto 219	projecto 176
2 programa 134	programa 43
3 plano 88	projectos 43
4 projectos 29	objectivo 37
5 objectivo 24	homem 30
6 objectivos 17	objectivos 27
7 planos 16	plano 26
8 operação 15	Projecto 18
9 missão 13	metas 17
10 empreendimento 10	equipa 17

14. Gomes (2007:181) considera a diferença semântica devida à colocação do adjetivo referente ao substantivo como «matizes semânticos» nas várias dimensões (psicológica, cronológica, descritiva, afetiva, sentimental).

15. Curiosamente, apesar de um reduzido tamanho, a pesquisa no corpus brasileiro NILC/São Carlos (Linguatca) mostra proporções quase idênticas às reveladas no PE: «velho» 2.116 ocorrências (80,4%): 516 ocorrências (19,6%), «ambicioso» 74 (54,8%): 61 (45,2%); «americano» 0 (0%): 4985 (1100%).



varia de 100 a -100, sendo tanto mais canónico, ou seja, mais inclinado proporcionalmente a uma colocação posterior ao substantivo, quanto maior o número deste índice. Denominaremos o valor C como Índice Normativo da Posição do Adjetivo (INPA).

Como consta na **Tabela 4**, o valor do INPA pode variar teoricamente entre - 100 a + 100. Com o arredondamento para números inteiros, a sua distribuição apresenta-se no **Gráfico 4**, onde se regista o INPA relativos aos 1.521 adjetivos mais frequentes. Os adjetivos que apresentam um valor mais canónico (+100) ocupam cerca de 40 % do total (609 casos) ⁽¹⁶⁾. Salvo no valor 100, a distribuição de INPA dos 1.521 adjetivos não apresenta uma concentração num determinado valor, espalhando-se equitativamente e

Tabela 4

	Percentagem da posição posterior (A)	Percentagem da posição anterior(B)	Diferença A-B=C (INPA)
velho	11	89	-78
ambicioso	47	53	-6
americano	100	0	100

16. Note-se, no entanto, que há casos que apresentam proporcionalmente 100% mas na realidade compreendem todos cujos exemplos da anteposição não atinjam o número inferior a 1%. Por exemplo, o adjetivo «imediato» conta 20 ocorrências de posição anterior ao substantivo e 8.885 na posterior, que representa 99.8%.

criando uma curva ligeiramente côncava no gráfico. Assinale-se igualmente o valor médio de INPA, que é de 68. Tendo o ponto neutro no valor zero, isto significa que os adjetivos do português em geral evidenciam uma forte inclinação à pós-posição, embora apresentem uma relativa liberdade posicional referente ao substantivo, quer na posição anterior, quer na posterior.

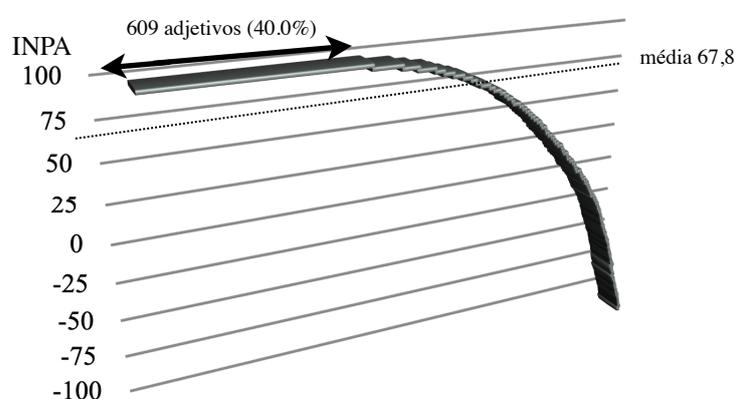


Gráfico 4 Distribuição do INPA de 1.521 adjetivos (média 67,8).

VI. Descrição posicional: informação sintática

1. INPA como indicador sintático

Como se evidenciou numericamente através do INPA, a tendência sintática inerente a cada adjetivo, constitui um elemento importante tanto do ponto de vista científico como didático. De um ponto de vista lexicográfico, apesar de tradicionalmente não ser explorada com a devida atenção, esta informação sintática certamente deveria fazer parte das descrições do adjetivo ⁽¹⁷⁾.

De facto, o INPA mostra claramente em que posição se encontra um determinado adjetivo, tendo como ponto de partida a posição normativa:

17. De acordo com Buda (2017:220), o posicionamento do adjetivo relativo ao substantivo tem sido compreendido como subjetivo, carecendo da «sistematização estabelecida dentro de regras gramaticais.».

quanto mais próximo ao valor 100 maior a tendência de se posicionar posteriormente ao substantivo. Em contrapartida, quanto menor o valor, aproximando-se de -100, inclina-se proporcionalmente à colocação anterior ao substantivo, o que é considerado menos canónico.

2. Indicador sintático prático

Porém, na prática, o valor nem sempre constitui uma clara indicação da tendência proporcional. Por exemplo, entre dois INPA's 84 (indeciso) e 78 (imaginário), além de ser pouco perceptível a diferença, as distribuições proporcionais exatas são somente reconstruídas através das soluções da equação simultânea ⁽¹⁸⁾.

O INPA, de facto, funciona como um indicativo muito claro para saber a inclinação do adjetivo referente à posição canónica. Porém, para a percepção mais intuitiva da tendência proporcional do adjetivo, não nos parece muito prático. Deste modo, precisamos de uma outra medida explícita e simplificada de distribuição proporcional, sobretudo do ponto de vista lexicográfico. Considera-se, pois, tendo este género de esclarecimento proporcional, que se oferecerá uma importante informação sintática do adjetivo, especialmente para estudantes de português como segunda língua.

Podemos assim representar, como se pode ver na **Tabela 5**, um arredondamento das proporções em percentagem para os 10 números inteiros, mostrando o INPA simplificado (1) ou distribuição proporcional igualmente em números inteiros (2). Na prática, a representação proporcional (2) permite uma percepção mais imediata e fácil da distribuição posicional dos adjetivos, representados na coluna (2) da Tabela 5 em números inteiros dentro de 10.

Tabela 5

	(1)	(2)
velho	-8	1:9
sério	0	5:5
americano	10	0:10

Na **Tabela 6**, estão descritos os três modos de representação até agora abordados de alguns dos casos típicos acima aludidos. Na prática, do ponto de vista lexicográfico, é desejável adotar uma descrição mais acessível à percepção intuitiva dos falantes não nativos.

18. Por exemplo, no caso em que o INPA é 84: $x + y = 100$ e $x - y = 84$, ou no caso em que é 78: $x + y = 100$ e $x - y = 78$, para obter as soluções 92 :8 e 89: 11 respetivamente.

Assim, para se compreender mais facilmente a característica proporcional de cada adjetivo, e simplificando a apresentação proporcional através de percentagens (por exemplo, 33% na posição anterior contra 67% na posterior), adotaremos uma forma de apresentação dentro de 10 números integrais. Em vez de indicar a proporção distribucional como [33:67], podemos, deste modo, usar um par de números arredondados [3:7]. Denominaremos este par de números simplificados como «Proporção Distribucional de Adjetivo» (doravante PDA). Exemplificamos a PDA, a DPP (Distribuição Proporcional em Percentagem) e o INPA :

Tabela 6

Adjetivo	PDA	DPP(%)	INPA
velho	9:1	89:11	-78
ambicioso	5:5	53:47	-6
americano	0:10	0:100	100
indeciso	1:9	8:92	84
imaginário	1:9	11:89	78
formidável	7:3	70:30	-40
saudável	3:7	33:67	34

Adotaremos, deste modo, a PDA como indicador sintático de adjetivo na descrição mais acessível à informação necessária. Cita-se uma amostra: ⁽¹⁹⁾

ambicioso /ẽbisi'ozu, -'ɔze/
 【__名】・【名__】 [5:5]
 野心的な、意欲的な：▶ projeto —/ — projeto 野心的計画：O Governo tem um ambicioso projecto de construção de uma estação lunar. 政府は月に基地を建設するという野心的計画をもっている。O objetivo é ambicioso. 目標は意欲的だ。▶ homem — 野心的な男。▶ —a missão 野心的な目標：ambiciosa missão comercial 野心的通商目標。▶ proposta —a 意欲的な提言。

19. Trata-se de uma descrição exaustiva do uso dos adjetivos com base nas ocorrências levantadas no corpus CETEMPúblico. O resultado de análises encontra-se anexo ao presente trabalho (Tabela de 200 adjetivos mais frequentes do LMCPC em ordem alfabética) Verifica-se a PDA dos adjetivos na lista.

VII. Conclusão

A distribuição posicional do adjetivo em relação ao substantivo é uma característica inerente a cada adjetivo da língua portuguesa, cujas duas principais variantes, pelos vistos, não apresentam uma grande diversidade (PE e PB), embora se necessite de um estudo mais profundo para se perspetivar melhor.

Deve-se destacar, mais uma vez, o carácter polissémico do adjetivo, sendo fixo o modo preferido de combinação de acordo com cada aceção do adjetivo em questão. Por outras palavras, a língua dispõe de um determinado modo de combinar o adjetivo com o substantivo para selecionar um dos sentidos do adjetivo polissémico. Este processo produz, como vimos no decorrer do presente trabalho, numerosas combinações estabilizadas essencialmente pelo uso, nas quais não se pode inverter a ordem já consagrada e estabelecida entre o substantivo e o adjetivo⁽²⁰⁾.

Através da análise pormenorizada de distribuição de adjetivos, foram definidos o Índice Normativo da Posição do Adjetivo (INPA) e a Proporção Distribucional de Adjetivo (PDA). A função do INPA é indicar com precisão entre os números -100 a +100 a inclinação canónica de cada adjetivo, face à PDA que serve como indicador simplificado e intuitivo da tendência sintática de um adjetivo em questão. A PDA, na prática, mostra intuitivamente a colocação do adjetivo em posição anterior ou posterior ao substantivo, servindo de modo sintético a respetiva peculiaridade do adjetivo em questão, indicando a posição recomendável do adjetivo relativo ao substantivo.

Do ponto de vista lexicográfico, como já observámos numa amostra acima apresentada, acompanhadas dos exemplos concretos de combinações, na sua maioria fixas, as informações sintáticas deste género integrariam a descrição essencial de cada adjetivo, que não somente orienta os não falantes nativos, mas também todos os que necessitam das soluções concretas baseadas nos usos da língua culta do português moderno. A visão, até agora pouco adotada nos trabalhos anteriores, fará certamente uma parte imprescindível, cremos, da componente descritiva dos adjetivos da língua portuguesa moderna.

20. É uma das facetas importantes da característica do adjetivo em português. Por exemplo, uma combinação «bossa nova» surgida por casualidade, está consagrada na língua e sem possibilidade de inverter a sua ordem, embora o adjetivo «novo» mostre uma tendência fortemente inclinada à posição anterior (INPA: - 82, PDA:9:1). Vide tabela anexa.

【要旨】

ポルトガル語形容詞の限定的用法 — 後置か前置か

彌永史郎・ペドロ=アイレス

規範的にはポルトガル語の形容詞は名詞の後に置かれ、名詞の意味を限定すると言われる。また形容詞が名詞の前に置かれる場合には話者の主観的、個人的な意味が込められる、あるいは位置によって意味が変わる形容詞があるとも説明される。本論ではヨーロッパのポルトガル語の規範的文語コーパスとして定評のあるCETEMPúblicoから、LCMPCの語彙にある形容詞を頻度順に1,500以上を検証し、前置・後置の割合を求め、形容詞は多義的でその名詞に対する位置は基本的に意味によって固定化しており各形容詞に固有の特徴であることを示す。後置される位置を規範的位置として、100%後置を+100、100%前置を-100として形容詞規範位置指数(INPA)を定義し検証済みの形容詞全てに求め、同指数に基づき、より直感的な把握を可能にする10以下の整数比で【前置：後置】の割合を示す形容詞分布比率(PDA)を考案。形容詞の名詞に対する位置に関する言語的直観を【4:6】、【0:10】のように数値化し辞書学的、外国語教育に資する提示方法を提唱する。巻末補遺に頻度順で上位200語の形容詞について実例を提示。

BIBLIOGRAFIA

AIRES, Pedro & IYANAGA, Shiro (2012) *Verbos fundamentais do português — Léxico ideal para aprendizagem do português como língua estrangeira*. Academic Bulletin LXXVIII: 93-108. Quioto. Kyoto University of Foreign Studies.

AIRES, Pedro & IYANAGA, Shiro (2018) *Verbos transitivos em português*. Academic Bulletin XCI: 1-20. Quioto. Kyoto University of Foreign Studies.

BUDA, Jan (2017) *A posição do adjetivo no sintagma nominal em Português*. Étude Romanes de Brno. Brno. Masaryk University.

CETEMPúblico (Corpus de Extractos de Textos Electrónicos MCT/Público). <https://www.linguateca.pt/CETEMPUBLICO/>

CLUL (2000) *Léxico Multifuncional Computorizado do Português Contemporâneo*. http://www.clul.ul.pt/sectores/linguistica_de_corpus/projecto_lmcp.php

CUNHA & CINTRA (1986) *Gramática do português contemporâneo*. Lisboa. Sá da Costa.

MATEUS, Maria Helena Mira, et al. (2003) *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa. Editorial Caminho.

GOMES, Álvaro (2007) *Gramática pedagógica e cultural da língua portuguesa*. Porto. Porto Editora.

PEREIRA, Rui (2017) *Vocabulário do português*. Macau. Instituto Politécnico de Macau.

RAPOSO, Eduardo Buzaglo Paiva, et al. (2013) *Gramática do português*. Lisboa. Fundação Calouste Gulbenkian.

200 Adjetivos

Nº	FQ	Lema	_sub	sub_	%	por 10			IN
1	20517	grande	37406	6262	86	14	9	1	-72
2	18330	político	0	96161	0	100	0	10	100
3	18113	novo	119348	11307	91	9	9	1	-82
4	17844	último	112979	1370	99	1	10	0	-98
5	12351	internacional	0	43677	0	100	0	10	100
6	10285	bom	135419	1220	99	1	10	0	-98
7	10269	português	0	119333	0	100	0	10	100
8	9594	maior	86911	12837	87	13	9	1	-74
9	7667	pequeno	57753	17381	77	23	8	2	-54
10	7524	público	0	90310	0	100	0	10	100
11	6214	melhor	36841	2508	94	6	9	1	-88
12	6170	longo	18833	2145	90	10	9	1	-80
13	5960	importante	15039	12386	55	45	5	5	-10
14	5764	diferente	868	16130	5	95	1	9	90
15	5716	próximo	87141	10465	89	11	9	1	-78
16	5562	nacional	0	73996	0	100	0	10	100
17	5484	antigo	35179	6609	84	16	8	2	-68
18	5427	possível	8412	9238	48	52	5	5	4
19	5016	passado	26693	66555	29	71	3	7	42
20	4902	principal	51244	13580	79	21	8	2	-58
21	4798	económico	0	49981	0	100	0	10	100
22	4706	único	46165	14255	76	24	8	2	-52
23	4626	alto	19415	30483	39	61	4	6	22
24	4521	necessário	3642	13286	22	78	2	8	56
25	4416	velho	15676	2005	89	11	9	1	-78
26	3901	meio	19722	0	100	0	10	0	-100
27	3747	humano	20	29416	0	100	0	10	100
28	3665	atual	43538	12754	77	23	8	2	-54
29	3587	forte	19281	8020	71	29	7	3	-42
30	3538	européu	0	59067	0	100	0	10	100
31	3507	anterior	12985	27542	32	68	3	7	36
32	3402	difícil	4412	7031	39	61	4	6	22
33	3400	geral	0	31127	0	100	0	10	100

Nº	FQ	Lema	_sub	sub_	%	por 10		IN
34	3397	seguinte	5383	19323	22	78	2 8	56
35	3269	médio	5780	14843	28	72	3 7	44
36	3228	mau	19205	1196	94	6	9 1	-88
37	3228	má	8939	499	95	5	9 1	-90
38	3102	preciso	1239	1622	43	57	4 6	14
39	2992	claro	4019	6553	38	62	4 6	24
40	2935	branco	40	10405	0	100	0 10	100
41	2907	natural	1361	12658	10	90	1 9	80
42	2905	local	0	31975	0	100	0 10	100
43	2835	superior	671	24013	3	97	0 10	94
44	2728	cultural	675	22037	3	97	0 10	94
45	2665	aberto	408	5582	7	93	1 9	86
46	2648	elevado	5399	2017	73	27	7 3	-46
47	2633	simples	9563	4048	70	30	7 3	-40
48	2577	especial	3690	20447	15	85	2 8	70
49	2557	baixo	6774	3942	63	37	6 4	-26
50	2516	curto	10865	2757	80	20	8 2	-60
51	2487	financeiro	0	38323	0	100	0 10	100
52	2461	cheio	31	4571	1	99	0 10	98
53	2451	técnico	0	22587	0	100	0 10	100
54	2432	próprio	58618	17972	77	23	8 2	-54
55	2402	comum	773	15627	5	95	0 10	90
56	2364	presente	4501	7062	39	61	4 6	22
57	2320	capaz	11	4665	0	100	0 10	100
58	2308	verdadeiro	20572	1227	94	6	9 1	-88
59	2266	respetivo	20934	950	96	4	10 0	-92
60	2246	fácil	1200	3744	24	76	2 8	52
61	2232	livre	3836	12906	23	77	2 8	54
62	2197	igual	4289	3727	54	46	5 5	-8
63	2197	certo	31950	5205	86	14	9 1	-72
64	2192	pobre	1379	2838	33	67	3 7	34
65	2132	diverso	33869	3914	90	10	9 1	-80
66	2114	vivo	979	4450	18	82	2 8	64
67	2106	real	2534	14290	15	85	2 8	70

Nº	FQ	Lema	_sub	sub_	%		por 10		IN
68	2096	francês	0	33449	0	100	0	10	100
69	2080	enorme	15153	2233	87	13	9	1	-74
70	2048	grave	7574	6251	55	45	5	5	-10
71	2046	pessoal	0	18364	0	100	0	10	100
72	2016	comercial	0	24004	0	100	0	10	100
73	1972	histórico	1261	18605	6	94	1	9	88
74	1949	notório	490	251	66	34	7	3	-32
75	1945	recente	16830	7950	68	32	7	3	-36
76	1916	particular	2799	8756	24	76	2	8	52
77	1900	militar	1	34982	0	100	0	10	100
78	1877	americano	0	27443	0	100	0	10	100
79	1864	central	0	23667	0	100	0	10	100
80	1862	total	5576	15269	27	73	3	7	46
81	1844	regional	0	23614	0	100	0	10	100
82	1834	menor	6574	2243	75	25	7	3	-50
83	1808	todo	32940	6437	84	16	8	2	-68
84	1808	interno	0	22831	0	100	0	10	100
85	1805	rápido	4210	6799	38	62	4	6	24
86	1724	direto	990	18881	5	95	0	10	90
87	1716	profissional	0	21698	0	100	0	10	100
88	1707	fundamental	257	12593	2	98	0	10	96
89	1705	mundial	0	26392	0	100	0	10	100
90	1702	breve	4557	662	87	13	9	1	-74
91	1690	profundo	6593	4724	58	42	6	4	-16
92	1685	religioso	0	11273	0	100	0	10	100
93	1684	espanhol	0	26580	0	100	0	10	100
94	1671	semelhante	1244	9321	12	88	1	9	76
95	1641	oficial	0	31194	0	100	0	10	100
96	1635	negro	700	14543	5	95	0	10	90
97	1632	físico	0	12305	0	100	0	10	100
98	1629	final	0	34766	0	100	0	10	100
99	1604	quente	160	3583	4	96	0	10	92
100	1579	civil	0	25657	0	100	0	10	100
101	1567	socialista	0	23534	0	100	0	10	100

Nº	FQ	Lema	_sub	sub_	%		por 10		IN
102	1562	existente	75	12614	1	99	0	10	98
103	1508	inicial	140	13032	1	99	0	10	98
104	1507	industrial	0	15383	0	100	0	10	100
105	1497	negativo	0	11173	0	100	0	10	100
106	1492	significativo	2117	8467	20	80	2	8	60
107	1488	tradicional	5255	13101	29	71	3	7	42
108	1472	eleitoral	0	30953	0	100	0	10	100
109	1466	inferior	140	5831	2	98	0	10	96
110	1446	normal	1169	9023	11	89	1	9	78
111	1432	morto	0	3965	0	100	0	10	100
112	1429	verde	337	10124	3	97	0	10	94
113	1429	estrangeiro	0	20156	0	100	0	10	100
114	1425	científico	0	14273	0	100	0	10	100
115	1412	agrícola	0	9535	0	100	0	10	100
116	1408	urbano	0	15038	0	100	0	10	100
117	1393	feliz	648	1977	25	75	2	8	50
118	1389	bonito	1148	1393	45	55	5	5	10
119	1383	largo	6567	1633	80	20	8	2	-60
120	1365	rico	1042	2611	29	71	3	7	42
121	1358	pronto	381	1423	21	79	2	8	58
122	1354	moderno	2072	6945	23	77	2	8	54
123	1353	específico	222	10681	2	98	0	10	96
124	1350	frio	300	4985	6	94	1	9	88
125	1339	perdido	0	3147	0	100	0	10	100
126	1338	futuro	19858	4096	83	17	8	2	-66
127	1334	estranho	3608	2829	56	44	6	4	-12
128	1317	vermelho	26	5679	0	100	0	10	100
129	1300	inteiro	935	7923	11	89	1	9	78
130	1296	municipal	0	21071	0	100	0	10	100
131	1295	duro	2883	4962	37	63	4	6	26
132	1287	positivo	100	12668	1	99	0	10	98
133	1281	norte-americano	0	28962	0	100	0	10	100
134	1276	vasto	5245	112	98	2	10	0	-96
135	1271	popular	1020	15363	6	94	1	9	88

Nº	FQ	Lema	_sub	sub_	%	por 10		IN
136	1243	completo	2411	4900	33	67	3 7	34
137	1227	restante	16936	611	97	3	10 0	-94
138	1219	sozinho	0	800	0	100	0 10	100
139	1214	raro	3254	2050	61	39	6 4	-22
140	1211	desportivo	0	1574	0	100	0 10	100
141	1210	triste	1646	1058	61	39	6 4	-22
142	1205	evidente	2141	1812	54	46	5 5	-8
143	1200	disponível	0	6690	0	100	0 10	100
144	1198	britânico	0	22355	0	100	0 10	100
145	1193	suficiente	738	7995	8	92	1 9	84
146	1191	mínimo	2351	11111	17	83	2 8	66
147	1179	máximo	1880	9319	17	83	2 8	66
148	1169	clássico	790	5882	12	88	1 9	76
149	1156	global	70	15168	0	100	0 10	100
150	1155	absoluto	1385	10310	12	88	1 9	76
151	1150	elétrico	0	6945	0	100	0 10	100
152	1146	sério	4058	4290	49	51	5 5	2
153	1145	jovem	19054	3225	86	14	9 1	-72
154	1142	constante	3107	4075	43	57	4 6	14
155	1133	leve	537	1131	32	68	3 7	36
156	1128	externo	0	12606	0	100	0 10	100
157	1126	direito	0	5896	0	100	0 10	100
158	1121	escuro	86	2075	4	96	0 10	92
159	1114	relativo	2012	11839	15	85	1 9	70
160	1105	amarelo	0	3881	0	100	0 10	100
161	1090	moral	0	5955	0	100	0 10	100
162	1087	pior	3595	444	89	11	9 1	-78
163	1084	comunitário	0	21115	0	100	0 10	100
164	1083	puro	3771	2600	59	41	6 4	-18
165	1082	fiscal	0	15962	0	100	0 10	100
166	1081	oriental	0	3257	0	100	0 10	100
167	1080	belo	5085	433	92	8	9 1	-84
168	1065	excelente	11010	829	93	7	9 1	-86
169	1053	pleno	8686	1335	87	13	9 1	-74

Nº	FQ	Lema	_sub	sub_	%		por 10		IN
170	1050	seco	60	1829	3	97	0	10	94
171	1050	permanente	1763	7840	18	82	2	8	64
172	1044	ocidental	101	1315	7	93	1	9	86
173	1040	feminino	0	10530	0	100	0	10	100
174	1033	interessante	1394	2806	33	67	3	7	34
175	1021	habitual	4988	4535	52	48	5	5	-4
176	1020	correspondente	737	2523	23	77	2	8	54
177	1017	impossível	220	1432	13	87	1	9	74
178	1007	líquido	0	6054	0	100	0	10	100
179	1007	inglês	0	11326	0	100	0	10	100
180	1007	brasileiro	0	14145	0	100	0	10	100
181	1003	perfeito	1866	2717	41	59	4	6	18
182	999	coletivo	0	9694	0	100	0	10	100
183	992	autárquico	0	10207	0	100	0	10	100
184	990	fino	549	1107	33	67	3	7	34
185	989	caro	629	800	44	56	4	6	12
186	983	familiar	50	7299	1	99	0	10	98
187	976	reduzido	39	1488	3	97	0	10	94
188	953	independente	284	8169	3	97	0	10	94
189	949	chinês	0	10703	0	100	0	10	100
190	949	adequado	27	2217	1	99	0	10	98
191	948	fechado	0	2042	0	100	0	10	100
192	945	administrativo	0	10098	0	100	0	10	100
193	941	idêntico	3393	5984	36	64	4	6	28
194	939	pesado	1763	2830	38	62	4	6	24
195	938	individual	0	9661	0	100	0	10	100
196	934	seguro	0	2918	0	100	0	10	100
197	922	básico	50	8111	1	99	0	10	98
198	921	duplo	4855	1627	75	25	7	3	-50
199	913	fraco	4176	1902	69	31	7	3	-38
200	913	famoso	4891	1013	83	17	8	2	-66
			média	29.2	70.8	2.9	7.1	41.5	

A média do IN (índice normativo) dos 200 adjetivos mais frequentes é 41,5, pelo que se afirma que a posição posterior do adjetivo ao substantivo a qualificar é uma inclinação mais natural. Em média, setenta por cento dos adjetivos aparecem pospostos ao substantivo e trinta por cento anteposto.

堀口大學のリオデジャネイロ滞在

福嶋 伸洋

はじめに

フランス近現代詩、またサン＝テグジュペリの『人間の土地』や『夜間飛行』といった小説の翻訳者として知られている堀口大學が、1918年から1923年にかけてリオデジャネイロに滞在していたことは、あまり知られていない。この滞在は、大學にとって青年期に当たったこともあって、彼の感性や文業に影響を与えただけでなく、ブラジルの、モデルニズモの詩人たちとの短い交流の機会ともなっていた。

大學は、そのときすでにフランス語に通じていたが、文法も語彙もそれに似通っているポルトガル語を覚えることはなかったようだ。のちに、「ルキス・アニバル・ファルソン」によるフランス語からの重訳とはいえ、第一書房の『現代ブラジル文学代表作選』（1941年）を翻訳刊行している大學は、日本に最初期にブラジル文学を紹介した立役者でもある。

本稿では、大學がリオデジャネイロ滞在について書いている散文、また彼がブラジルの雑誌に寄稿した記事を手がかりに、この短い交流を振り返り、それがブラジル文学をどのように照射しているか、また大學および日本の詩壇にどのような影響を与えたかについて考察する。

1、ブラジル近代主義の機関誌『クラクソン』

1922年2月、ブラジル、サンパウロの市立劇場で、詩人マリオ・ヂ・アンドラーヂやオズヴァウド・ヂ・アンドラーヂ、作曲家エイトール・ヴィラ＝ロボス、画家アニータ・マウファッチらが企て、パウロ・ブラードの資金援助によって実現したイベント〈近代芸術週間 *Semana da Arte Moderna*〉が開催される。ブラジルの文化史では、ヨーロッパで興っていたシュルレアリスムや未来派などの前衛芸術に感化されて行われた、ブラジル芸術の「近代化」を画するものと位置づけられているイベントである。

その熱も醒めやらぬと言ってよい同年5月、〈近代芸術週間〉の主たる参加者たちは、サンパウロとリオデジャネイロを拠点に、『クラクソン』という文芸誌を創刊する。「編集部」の文責となっはいるが、マニフェスト好きのオズヴァ

ウヂを思わせる文体で書かれた緒言は、〈近代芸術週刊〉は「大失敗でもないし大成功でもなく、「青い果実を生んだのだ」と振り返ったうえで創刊の意図を次のように述べている。「高らかに宣言された過ちがあった。伝えるべきではない考えが叫ばれた。再考する必要がある。明らかにする必要がある。打ち立てる必要がある。それゆえの『クラクソン』である」。

おもに、マリオ、オズヴァウヂといったサンパウロの詩人、ギリエルミ・ヂ・アウメイダ、セルジオ・ミリエ（フランス語で寄稿している彼は、筆名にもセルジュ・ミリエ *Serge Milliet* というフランス風の名前を使い、当時もブラジル文壇に漂っていたらうフランス至上主義をあらわにしている）といったリオの詩人が、詩や散文を寄稿しているこの文芸誌は、最終的に第8号と第9号の合併号まで続いたが、その第2号に、ある新しい文学運動について語る次のような評論が読まれる（原文はポルトガル語、以下は拙訳）。

この運動は詩のあらゆるジャンルで起こった。（…）古い詩人たちは、ありふれ、使い古されたテーマを、衰退した言葉づかいで、離れることもできない形式で歌うのみである。詩人たちはみな同じ詩的感興のうちに呼吸していたため、たがいによく似てしまい、扱う対象が何であれ、作者の天稟による違いなどまったく生じさせない。

詩は一種の牢獄だった。そして、今日も続く文学運動を推し進める者たちは、この息を詰まらせるバスターユを打ち倒すという事業に取り組んだのだった。

（…）

実際、幾世紀にも渡って用いられてきた慣習的な詩言語を抑圧し、現行の話し言葉に（…）取って替えたのは若き者たちだった。その話し言葉こそが、これほど短い期間で世界の大国の仲間入りを達成した国民の生のすべてをもっともよく伝えるものである。それゆえ、詩に用いられる言語の根本的な変化のうちに変革の本質はあり、その変化は、進歩など無視して因習に囚われてうぬぼれている公式の学術界からは歓迎されなかった。

しかししだいにそのような追放令は、現在の生を解する者たちに真摯な感情を引き起こしうる、真の詩と認められたものの完全な受容に至る一定の善意に席を譲ったのである。

発表の場がこの『クラクソン』であることを抜きにしても、完全にブラジル詩

の近代主義について語っているものとも読める（同じことが、他の複数の国についても言えるかもしれない）この文章には、すべて大文字で「A POESIA JAPONEZACOMTEMPORANEA（日本の現代詩）」という題が与えられている。

「日本の詩が、それまで沈み込んでいた鈍重な眠りのようなものから抜け出したのは1895年のことである」とし、新しい運動が「短歌、俳諧、新体詩」で起こったと論ずるこの文章の著者名は、やはりすべて大文字で「NICO HORIGOUTCHI」と記されている。この当時、外交官である父の九萬一に伴ってリオデジャネイロに滞在していた青年詩人、堀口大學その人である。この記事の隣には、ショパンを得意とする女性ピアニスト、ギオマール・ノヴァイス——やはり〈近代芸術週間〉でステージに上がっていた——についての、マリオ・ヂ・アンドラーヂの評論がある。

堀口大學全集（小澤書店）の編者でもある長谷川郁夫がものした浩瀚な評伝『堀口大學 詩は一生の長い道』（2009年）でもさすがに見落とされているこのささやかな寄稿について、大學本人は、1923年7月24日付けの読売新聞に「ブラジル土産ばなし」の題で掲載された談話のなかで回想している。

何処の国でも見かけるやうにブラジルの文壇も矢張り詩から芽生えてみるやうです。さうして書肆の店頭にフランス物三分ノ二、といふ程の現象が見られるほどフランス文化の影響の上に置かれてゐる国だけに、詩にしてもその初期に於てはフランス・パルナシャン、フランス・サンボリズムの影響が殆ど詩壇を支配してみたと云つてもよい位です。従つてその当時の詩は、雪も霜もない国でありながら、雪を歌ひ、霜を描き、落葉の音をなつかしむと云つたやうな気持のものが多かつたやうです。

然し最近では如何にもブラジル自身のものであると思はれる若い詩人が出てみます。ローナルド・デ・ガルヴァイヨ、セルデオ・ヴァイワルケ・オランダ、氏等がそれを代表し「クラクソン」誌の上に各々作物を発表して居ります。「クラクソン」とはあの自動車の如何にも近代科学的な響を持った警笛の名前から取つたもので、従つて雑誌の内容も、未来派、立体派、表現派、ダダイズム、と云つたやうなものであります。寄稿者はフランス、ベルギーあたりからもあり世界各国言語によつて書かれたものです。（日本語だけは困るので私なども止むなくフランス語を用ひて寄稿してみました。）¹

¹ 堀口大學『堀口大學全集』第8巻、小澤書店、1986年、281-83頁。

大學本人がいくつかの散文でブラジルでおもにフランス語を使って生活していたことを書いているが、Ronald de Carvalho や Sergio Buarque de Hollanda といった固有名のカナ表記が原音に忠実でないことにも、大學がポルトガル語会話を得意としていなかったことがうかがえる（あたうるかぎり忠実に表記するとすれば、当時の発音ではそれぞれ、「ロナルド・デ・カルヴァーリョ」「セルジオ・ブアルケ・デ・オランダ」などとなるだろうか）。

前者ロナウヂ・ヂ・カルヴァーリョは、現在では文学史で大きく扱われることはないものの、1915年にリスボンとリオデジャネイロを拠点に、ポルトガルを代表する詩人フェルナンド・ベソアらを中心として刊行された詩誌『オルフェウ』にも関わったリオの詩人で、サンパウロで開かれた〈近代芸術週間〉では、同じリオの詩人マヌエル・バンデイラの詩を代読した。知人を六人たどれば世界中の人とつながる、という俗言があるが、堀口大學とフェルナンド・ベソアはただひとりのブラジル人詩人を介してつながっていたことになる。

後者セルジオ・ブアルキ・ヂ・オランダは、ブラジル人を、倫理や義務に従うことより縁故者を最優先することを重んじる「情緒的人間 *homem cordial*」、また、辛抱強い努力を軽視してむしろ一攫千金の危ない賭けに出ることを好む「冒険者 *aventureiro*」と定義した著書『ブラジルの根源』（1936年）で、ブラジル文化論に決定的な足跡を残した歴史家である（また、よく知られているように、歌手のシコ・ブアルキとミウーシャの父親でもある）。

両者とも『クラクソン』に、リオデジャネイロにおける代表者として名を連ねているが、実際には大學が言うような中心的な寄稿者ではなかった。

大學は「フランス語を用いて寄稿していた」と、複数回にわたって寄稿していたようにも取れる言葉で述懐しているものの、実際に掲載されているのは、先に引用したポルトガル語の記事一本のみである。これはあるいは、ロナウヂ・ヂ・カルヴァーリョかセルジオ・ブアルキがポルトガル語に訳したのかもしれない。大學があえて名前を挙げていることから、少なくともこのふたりとは雑誌を通じた面識、親交があったと想定できるだろうし（いっぽう、マリオやオズヴァウドらサンパウロの面々とは実際に会うことはなかったかもしれない）、大學が描いている日本の現代詩の動きは、『クラクソン』の面々にとって自分たちの近代主義運動と重なるものと見えていたはずである。

堀口大學がブラジルの雑誌で発表していたこの記事「*Poesia Japoneza Contemporânea*」の内容は、これまで日本ではほぼ知られていなかったと思われるが、一世紀近く埋もれたままになるほどひそかに、ブラジルと日本という「辺

境」の詩人たちが、フランス語という文学界では長きにわたって主要な地位を保ち続けた言語を介することで、二十世紀の初めに共鳴していたという事実は、驚くに値するだろう。

2、ブラジル詩における「自己異国趣味」

大學は、随筆集『季節と詩心』（1935年）に収められる散文のなかでも、ブラジル詩壇の現況について「ブラジル土産ばなし」と同様のことを書いている。次に掲げるその文章——そこにはブラジルの詩人の名前ひとつも現れていないが——も、「ブラジル土産ばなし」の談話も、フランスの近現代詩に通じていることで鋭い「見る目」を持っていた文学徒による、ブラジル近代主義をめぐる同時代のきわめて貴重な証言である。

さきにも一寸書いたように、ブラジルの北部及び中部地方には秋らしい秋はない。木の葉が一度に散ってしまっ、枯葉を渡る秋の足音が冷たく身にしみるなどという秋の秋らしい感じは全然存在せぬのである。幾年まっても廻って来ないのである。ブラジル全国を通じて山にも里にも雪はふらぬのである。霜さえ置かぬ地方が大部分を占めているのである。

然るにブラジルの詩歌を見ると、雪を賞し、秋を嘆じた名篇が多い。馬鹿らしい事だ。近年になって、二三の青年詩人が、ブラジル特有の熱帯的な自然を歌い出したが、それまでは多くの詩人たちは、全くブラジルの天地を眺める事を忘れていたのであった。途方もない事だが、然も亦、事実なのである。彼等は詩は北欧の大詩人たちに学んだのである。仏蘭西パルナシアン、仏蘭西サンボリスムが長い年月の間彼等の詩の全地平線であったのである。然るにパルナシアン、サンボリスムの詩人たちは競うて、——詩材にも流行がある、御婦人方の半襟のように、紳士諸君の夏羽織のように、詩材にも流行がある、——秋の静けさを、幽鬱を、雪の純潔さを神々しさを歌ったものである。それだから、秋も雪も見た事のないブラジルの詩人たちがわれもわれもと秋を歌い、雪を詠じて傑作を出したのである。彼等は只に詩法を北欧の巨匠に模したのみではなく、その詩材までが北欧のものである。詩作もこうなつてはその意義を失つて了う。筆さきの遊技である。精神的な手淫である。²

² 堀口大學『季節と詩心』講談社文芸文庫、2007年、170頁。

若い詩人たちの登場に期待を寄せている先の談話とは声調を異にして、旧派の詩作を「筆さきの遊技」「精神的な手淫」と厳しく断じている点が印象に残るが、ここで言及されている雪を歌ったブラジル詩の傑作とはどのようなものだったのだろうか。

大學は詩人の名前さえ挙げていないのでこの先は憶測するしかないが、当時のブラジルの「パルナシアン、サンボリズム」を代表する詩人たちに目を配ってみると、ブラジル象徴主義最高峰の詩人と謳われるクルス・イ・ソウザ（1861-98年）の傑作のひとつと目される、白いバラとリネンをまとった乙女を歌うソネット《白い夢》は、たとえば「雪を賞し」た詩篇のひとつである。

As aves sonorizam-te o caminho...
E as vestes frescas, do mais puro linho
E as rosas brancas dão-te um ar nevado...

No entanto, Ó Sonho branco de quermesse!
Nessa alegria em que tu vais, parece
Que vais infantilmente amortalhado! !³

鳥たちがきみのゆく道で歌う……。
もっとも純なりネンの 新しい衣と^[1]
白いバラの花々とで きみは雪を思わせる姿……。

だがしかし 祭りの場の白い夢よ！
きみがゆくその陽気さのなか
きみは 無邪気なまま死に装束をまとめてゆくようだ !!

熱帯の詩人だからこそ、身近に存在しない、稀有な雪の美しさを幻視する、というのは自然なことにも思えるが、このような詩行がヨーロッパの詩にはないブラジルならではの魅力を持つかという観点からのみ見れば、堀口大學が指摘したように否と言わざるを得ないだろう。

同じくクルス・イ・ソウザのソネット《初聖体》には、処女なる純潔を表わす

³ Cruz e Souza, *Broquéis e Faróis*, Campinas, Russel Editores, 2003, p.22.

「白」の言い換えのため「雪 neve」の語が用いられている。

Grinaldas e véus brancos, véus de neve,
Véus e grinaldas purificadores,
Vão as Flores caruais, as alvas Flores
Do Sentimento delicado e leve.

Um luar de pudor, sereno e breve,
De ignotos e de prônubos pudores,
Erra nos pulcros virginais brancores
Por onde o Amor parábolos descreve...⁴

花の綾 白いヴェール 雪のヴェール
ものみな純にする ヴェールと綾
生き身の花々 妙にして仄かな感覚の
純白の花々が 進みゆく。

香り高く 静謐で儂い
未知なるものと婚礼との香の 月影が
優美な 処女なる白みのうちを 漂い
そこでは寓話が 愛をものがたる……。

ここでは「処女」の美しさへの幻想が、白さと雪とに仮託されているが、奴隷の両親のもとに生まれた黒人詩人クルス・イ・ソウザが「白さ」に対して、白人詩人が感じることのない過剰な価値を感じていたことも想像に難くはない。

いっぽう、高踏主義 *parnasianismo* を代表する、世紀末最大の詩人という評価が定まっているオラーヴォ・ピラッキ (1865-1916年) の《無力なる言葉》では、詩人の裡なる「思念」を生きたまま体現することのできない「形式」たる言葉を「雪でできた墓碑」にたとえている。

⁴ *Ibid.*, p.31.

O Pensamento ferve, e é um turbilhão de lava:
A Forma, fria e espessa, é um sepulcro de neve...
E a Palavra pesada abafa a Idéia leve,
Que, perfume e clarão, refulgia e voava.⁵

熱くたぎる〈思考〉は 渦巻く溶岩。
冷たく薄っぺらな〈形式〉は 雪でできた墓碑……。
重い〈言葉〉は窒息させてしまう 軽やかな〈思念〉を
香りにして閃きとして 輝き宙を舞うものを。

大學が日本の旧派について語っていた「ありふれ、使い古されたテーマを、衰退した言葉づかいで、離れることもできない形式で歌うのみ」という言葉がそのまま当てはまりそうな、「只に詩法を北欧の巨匠に模したのみではなく、その詩材までが北欧のもの」であるこれらの詩行については、「筆さきの遊技」「精神的な手淫」という評定も至当と言いうるかもしれない。

「二三の青年詩人が、ブラジル特有の熱帯的な自然を歌い出した」という大學の言は、近代主義の主導者たち、マリオ・ヂ・アンドラーヂと、とりわけオズヴァウド・ヂ・アンドラーヂの「食人主義 Antropofagia」として知られる詩風にもっともよく当てはまる。しかしまた大學のブラジル詩観が、オズヴァウドら近代主義者の、十九世紀の詩人たちを断罪することに急ぎすぎ、西洋のまなざしを借りていわば「自己異国趣味 auto-exotismo」とでも呼びうる美学を打ち立てた遠近法に囚われすぎていることも確かである。たとえばオラーヴォ・ビラッキは、《ポルトガル語》や《ブラジル音楽》などの詩篇で、ソネットという旧弊な「離れることもできない形式」においてではあるが、「ブラジル特有の熱帯的な自然」をすでに歌っているからである。

のちにもふれるように、この時期、訳詩集『月下の一群』（1925年）に大成するフランスの近現代詩を読み漁り、翻訳を進めていた大學が、「仏蘭西パルナシアン、仏蘭西サンボリスム」を長い年月に渡って「詩の全地平線」としていたブラジル詩を熱心に読んでいなかったことは必然でもある。いずれにせよ、それほどポルトガル語に通じていなかった大學がこのような問題の所在を探り当てていることが興味深く思われるのは、これがのちにもブラジル表象のあり方をめ

⁵ Olavo Bilac, *Poesias*, São Paulo, Martins Fontes, 2001, p.145.

ぐって繰り返される周期的な問題であるに留まらず、大學の、言ってみれば「ブラジルの詩人はブラジルらしいものを歌うべきである」というあまりにも素朴な異国趣味の助言に偶然に沿う形で、実際に幸運な解決に到った例が存在するからである。

その代表例は、フランスの監督マルセル・カミュがリオのカーニヴァルを描いた映画『黒いオルフェ』(1959年)の主題歌《幸せ A Felicidade》である。詩人ヴィニシウス・ヂ・モライスの手になる、ボサノヴァの傑作として名高いこの歌の詩には当初、「幸せは狂おしく／繊細なもの／あらゆる色の／花と愛があり／小鳥たちの巣がある」といった、ごくありふれた、ある意味では使い古された言葉が並んでいた。フランス人監督マルセル・カミュはしかし、これでは売れそうにないという理由で、よりブラジルらしいもの、リオのカーニヴァルでしか見られないものを歌い込んで書き直すように詩人に求めた。ヴィニシウスが渋々これに応じて、「貧しい人びとの幸せは／カーニヴァルの大がかりな幻／人びとは一年を働き詰める／一瞬の夢を求めて／王さまの、海賊の、女庭師の／衣裳を作るために」という、カーニヴァルをめぐる人びとの感情を簡潔な言葉で捉えた詩行が生まれた。

ヴィニシウスはのちのちまで、映画全体にまで渡ったカミュのこのような「異国趣味」を批判しているが、このような「よそゆき」のブラジル表象のしかたは、ウンベルト・エーコの言う「ハイパーリアリズム」の成功例と捉えることもできるだろう。エーコは、現実を忠実に再現する蠟人形のリアリズムに対し、たとえばディズニー・アニメのキャラクターの誇張された表情の描き方は、人びとが抱く幻想を忠実に再現するハイパーリアリズムである、としている。ブラジルの堀口大學やマルセル・カミュのような外来者にとっては、それが半ば「演じられた」ものであるとしても、自分たちが抱く幻想の再現にこそ美しさが感じられるのだろう。この映画が世界的にヒットしたことは、そのような感じ方をしていたのが彼らだけではないことの証左と言える。

ヴィニシウスがこのあと、このようないわば「自己異国趣味 auto-exotismo」をみずからのものとしながら「ブラジルのもの」を歌うことに長けたボサノヴァの詩人として成功してゆくことは、知られているとおりである。

また、オズヴァウドの食人主義を引き継いで60年代に「熱帯主義 Tropicália」を掲げた歌手カエターノ・ヴェローゾもまた、自分たちの運動に、「ブラジルを、観光客のためのみならずブラジル人のためにも、エキゾチックなものに変え

る傾向⁶」があることを認めている。このように、自己異国趣味でブラジルを表象して国際的な成功をつかむ者たちの戦略を、大學は20年代のブラジル詩にふれた際にすでに予見していたようだった。

3、堀口大學のリオデジャネイロ

外交官の父・九萬一の転任に伴う形で、メキシコ、ベルギー、スペイン、フランス、ルーマニアといった諸外国を渡り歩いた大學はのちに、「私に一番住み心地のよかったのは、何と云ってもブラジルでした」と回想し、リオデジャネイロに着いた1918年10月から帰朝する1923年7月までのおよそ五年間のブラジル滞在について、「私の一生のうちで一番よい時期ではなかったか」と述べている。その理由は、「暗い憂鬱な性質」の自分がまた「明るい空気の中に生活することを愛する」ことにあると大學は説く。

最初にまず、まず最初に、それが明るい国であるからです。それは実に明るい国なのです。例の外光派の画のように、色眼鏡と日傘とはこの国のために発明された品物で、どうやらそれはあるらしいのです。元来私は、暗い憂鬱な性質の男なのですけれど、然もまた私は明るい空気の中に生活することを愛するのです。すでに内側の暗い私はせめて外側だけでも明るいことを欲するものらしいのです。黄と緑と空色、その国旗のようにブラジルは明るい国です。然るに光りと色と匂いとは理学の三位一体です。明るい光りの国、激しい色の国、強い匂いの国。それは感覚の天国でなくてまた何でしょう。⁷

1928年4月には、「私にはリオ・デ・ジャネイロが世界第一の美景です。そこで過ごした五年間、それは多分、私の一生のうちで一番に幸福な年月であったらしい」とさえ書いている。このリオの街を描き、《梨甫》とこの街の名を漢字で表した題の詩篇が、詩集『新しき小径』(1922年)に収められている(「Pão de Açúcar」が「パオ・デ・アスカー」と表記され、ã, ó, ú, rの発音が正しく理解されていないところには、彼のポルトガル語力の一部が窺える)。

⁶ Caetano Veloso, *Verdade Tropical*, São Paulo, Companhia das Letras, 1997, p.246.

⁷ 堀口大學『季節と詩心』、60頁。

酔つて酔つて酔つぱらつた^{リオ} 梨甫の夜景です
銀河^{あまのがは} は裸でねころんだ天女です
—ごめん下さい^{めい}暑いから失礼いたします
美湾のふちを馳け周る^{めぐ} 狂ほしい松火行列
塔砂糖岩^{パオ・デ・アスカ} からは人魂が綱渡り
首尾よく仕遂げましたらお手拍子ご喝采
ぢやぶぢやぶと海は何時までも何を洗つてゐるのか
椰子の木の交通^{パオ・デ・アスカ} 巡査は垂直に地から生え
突当つても仲々に動かない
暗中に^{くろんぼ} 黒奴美人の^{しろ} 皓い齒
煙草の煙と音楽のいつばいにつまつたキャバレーから
赤い顔した月が^{ひまろひよろ} 蹣跚と海の上へ出て来る

現在とは異なってまだほとんど人のいなかったリオの海岸に遊びながら、大學は「いくつかの海の詩を拾った」と述懐する。たとえば、『砂の枕』(1927年)に収められた、大學が晩年に居を構えた葉山の海景に重ね合わせて見ることもできそうな《要》という詩は、実際にはコパカバーナ海岸から大西洋を望みながら着想したものであることを、大學は1957年になって、「海の詩のふる里」という短文で明かしている。

海が扇を広げる
ああ 私は要だ
遠い白帆はさびしい
私に似て
ありありと独りぼっちだ

しかし、この時期の大學の仕事でもっとも重要なものではやはり『月下の一群』に成る詩群の翻訳である。1941年、ブラジルからの依頼を受けて『現代ブラジル文学代表作選』という短篇集をフランス語から重訳して第一書房から上梓した際、大學は、通常は頼まれ仕事を好まない自分がその翻訳の依頼を快諾した理由が、ブラジルに対する自分の「不誠実」と「心の苛責」にあったとしながら、ブラジル滞在時のことを次のように振り返っている。

青春の五箇年を過ぎた土地だもの、ブラジルが今日多分に僕といふ人間のなかに滲みこんでみたとしても、別に不思議はない筈だ。不思議はない筈だが事実として、ブラジルはあんまり僕の中には滲みこんではみないのである。それにはまた理由のあることなのであって、これはちやんと説明のつくことだと自分では思つてゐる。つまりその五箇年の間、僕はフランス文学に深ばまりしてゐてブラジルもブラジル文学も更にかへりみる余裕がなかつたのである。⁸

訳詩集『月下の一群』の日本モダニズム詩に対する衝撃の大きさ、影響の広さについては再論するまでもないかもしれないが、たとえば三好達治は、「明るい希望的な無限の示唆と、時には心理的、時には解析的な、詩語の駆使や詩法の位取りを、手に取るやうに教へられた⁹」と、また伊藤整は、「私に一番大きな影響を与えたのは『海潮音』（上田敏訳、1905年）と『日本近代名詩集』（生田春月編、1920年）について、大正の末頃たしか一四年頃に出た堀口大學の歴大な訳詩集『月下の一群』であつたらう。近代フランス詩のエッセンスとも言ふべきこの訳詩集は、私のみでなく昭和期の新詩人たちにどれほど大きな影響を与へたかわからない¹⁰」と述べている。近年では亀井俊介が『名詩名訳ものがたり』（2005年）で、「日本の近代詩は『月下の一群』まで来て、漢字でいう近代よりもむしろ西洋語でいうモダンな言葉遣いによって、モダニズムの芳香を発散しだしたといえそうだ。大正末期から昭和初年に登場してきた新しい詩人の多くは、この訳詩集から大きな刺激や影響をうけ、まさにモダニズムの詩を展開して近代詩の歴史を変えることになるのである¹¹」と総括している。

鮎川信夫は明治から昭和の詩人たちについて論じた1966年の『詩の見方』で、大學自身の詩についても、「砂の枕」を取りあげ、「この「砂の枕」という短詩は、わずか四行だが大学の詩の特色をよく表わしている。軽妙なウィットニズムとか、明るいエピキュリアニズムとか、洒脱なエロティシズムとか、即興の面白さと無邪気さにあふれていたのが当時の大学の詩で、それは在来の詩に見られ

⁸ 堀口大學『堀口大學全集』第7巻、小澤書店、1983年、396-97頁。

⁹ 鮎川信夫『近代詩から現代詩へ——明治、大正、昭和の詩人』思潮社、2005年、52頁。

¹⁰ 窪田般弥「昨日の定評より、明日の価値」、堀口大學『月下の一群』講談社文芸文庫、1996年、611-12頁。

¹¹ 亀井俊介・沓掛良彦『名詞名訳ものがたり——異郷の調べ』岩波書店、2005年、124頁。

ない要素だった。短歌的、俳句的なしめった抒情、枯淡な抒情にかわって、モダンな抒情がここに登場したわけである¹²⁾としている。

砂の枕はくづれ易い
少女よ お行儀よくしませう
沢山な星が見てあますれば
あらはな膝はかくしませう

鮎川は続いて、大學のこの詩風が「やはり訳詩をやっているうちに自から培われたものであろう」と推定している。なぜなら、『月下の一群』は現代詩にも測り知れない影響を与えた名訳詩集ということになっている。自身の詩情の内的発酵と無縁であるはずがないからである。とはいえ、自作が先か翻訳が先かという議論にはそれほど意味はないだろう。同じくフランス近代詩を訳しても、上田敏の『海潮音』や大學の慶応での師にあたる永井荷風の『珊瑚集』とは詩風も受けとられ方も異にしていること一事を見ても、大學あつての『月下の一群』の翻訳文体でありまた彼の創作詩であり、どちらがどちらを生んだとは決しがたいように思われる。

ただひとつ確かなのは、この詩篇「砂の枕」もまた先に引用した「要」と同じく、リオデジャネイロの海辺で生まれたということである。市街地に近いポタフォゴ海岸を避け、無人の場所を求めて車を駆って出向いたというコパカバーナ海岸での想いを、大學はこう振り返る。「孤愁に、流離の思いに、身内の痛いほどな気持で、あそこの広漠とした大西洋の地平線に、熱い瞳を向けたことも、一度や二度ではなかった。「要」と題する五行の詩は、そんな時、あの砂浜に落ちていた。波が打ち上げた五角形の人手のように」。

ブラジルやポルトガルの抒情詩の粹、愛する人や場所から離れている悲しみの感覚であり、それを想い起こす幸せの感覚でもある「saudade」にも通じる「孤愁」「流離の思い」に身を浸しつつ大學が詩作し、またヴァレリーを、アポリネールを、ゲールモンを訳していた時期に滞在していたコパカバーナ海岸、30年ほどのちの1958年にはボサノヴァを生み育てたこの海岸に打ち寄せる波は、その40年ほど前、誰に知られることもないまま、日本モダニズム詩の揺り籠をひそかに揺すっていたのかもしれない。

¹²⁾ 鮎川信夫『近代詩から現代詩へ——明治、大正、昭和の詩人』、50-51頁。

終わりに

20世紀前半にはなお、「文学」は、フランス、イギリス、ドイツ、スペイン、イタリア、そしてアメリカが占有するものだったと言っても過言ではない。そのヨーロッパ中心主義が崩れ始める最初のきっかけが、ガブリエル・ガルシア＝マルケスやホルヘ・ルイス・ボルヘスを中心に1960年代末に起こったラテンアメリカ文学ブームだったが、ブラジル文学はその波にも乗ることはなかった。ましてそれ以前には、西ヨーロッパやアメリカという中核地域から見れば、ブラジル文学は辺境の、取るに足りないというか未知の——そして未知であっても惜しいとも思われない——存在でしかなかった。日本文学も同じような地位にあったと言えるだろう。

そのような二国の詩人たちが、リオデジャネイロで偶然に出会い、ささやかな交流をフランス語を共通言語として行なっていたという稀有な事例は、今後、世界の文学のあり方を考える上でもひじょうに興味深い。ブラジルの詩人も日本の詩人も、強いフランス志向を共有しつつも、たがいの国の詩に関心を寄せていた。さらに大學は、ブラジル詩について鋭い考察を行い、みずからの詩業にもブラジル、そしてリオデジャネイロから明白に影響を受けていた。ほとんど忘れ去られていたこの交流は、また日本の文人がブラジル文壇に関わった最初の機会であり、日本でのブラジル文学紹介の小さな第一歩となったと言えるのではないか。

Permanência no Rio de Janeiro do poeta japonês Horiguchi Daigaku

Nobuhiro Fukushima

Daigaku Horiguchi (1891-1982), poeta japonês conhecido também pelas traduções da literatura francesa, residiu no Rio de Janeiro entre 1919 e 1923 devido ao trabalho de seu pai como diplomata. Este fato ainda não é suficientemente conhecido no Japão, provavelmente devido à sua fama principal estar ligada à literatura francesa. Porém, neste período, Horiguchi até contribuiu com um artigo para a Klaxon, uma revista de arte moderna do Brasil. Através dos artigos sobre a sua permanência no Rio, que Horiguchi escreveu depois de voltar para o Japão, poder-se-ia confirmar que este autor manifestava um certo interesse na poesia brasileira contemporânea, apesar de sua habilidade da língua portuguesa parecer limitada. Horiguchi diria repetidas vezes que o Rio era uma das suas cidades preferidas e escreveu vários poemas no Rio e sobre o Rio.

OS 60 ANOS DO INÍCIO DA GUERRA COLONIAL EM ANGOLA

César Rodrigues

Introdução

A 13 de Abril de 1961, António de Oliveira Salazar, Presidente do Conselho de Portugal há quase três décadas, aparecia diante das câmaras da Radiotelevisão Portuguesa para fazer um importante comunicado à nação. Referindo-se a uma recente remodelação governamental, o chefe de estado português anunciava que iria a partir de então assumir a tutela do Ministério da Defesa e introduzir algumas alterações nas chefias das Forças Armadas. Esta intervenção, que colocava Salazar directamente no controlo dos destinos militares do país, vinha a propósito de sublevações ocorridas em Angola nos meses anteriores, e era justificada através de palavras que ficariam gravadas na memória histórica portuguesa:¹ “se é precisa uma explicação para o facto de assumir a pasta da Defesa Nacional [...] a explicação concretiza-se numa palavra, e essa é: Angola. [...] Andar rapidamente e em força é o objectivo que vai pôr à prova a nossa capacidade de decisão [...] a fim de defender Angola e com ela a integridade da Nação.”² Com estas declarações ficava marcada a decisão portuguesa de resistir aos alentos independentistas no então ultramar português, consagrando de forma indelével o início da guerra colonial portuguesa (1961-1974).

¹ Luís Nuno Rodrigues, «Militares e Política: a Abrilada de 1961 e a Resistência do Salazarismo», *Ler História*, n. 65 (2013): par. 1–2, doi:10.4000/lerhistoria.447. O momento do discurso é elegantemente capturado por Rodrigues no sentido de enquadrar a tentativa de golpe de estado do general Botelho Moniz, que será apresentada mais adiante neste artigo.

² Cit. por Nogueira, Franco (1984), Salazar. Vol. V. A Resistência (1958-1964), Porto, Livraria Civilização Editora, pp. 244-245.

A guerra colonial foi, indubitavelmente, um dos episódios mais relevantes da história recente de Portugal, envolvendo várias dimensões de foro político, estratégico económico e social. Tendo começado em Angola, o conflito alastrou-se nos anos seguintes à Guiné-Bissau (1963) e a Moçambique (1964), terminando treze anos depois aquando da “revolução dos cravos” de 25 de Abril de 1974. Constituiu, assim, uma encruzilhada chave para o regime do Estado Novo, assinalando o princípio do fim do império colonial português e de quase cinco séculos de história ultramarina. Celebrando-se actualmente os sessenta anos da eclosão da guerra em Angola, o presente ensaio propõe-se recordar os acontecimentos que deram origem ao conflito, analisando os seus principais factores, causas e dinâmicas. A primeira parte aborda o contexto internacional do pós-guerra e a situação de Angola na viragem para os anos 60. A segunda secção revisita a sublevação da Baixa do Cassange, os acontecimentos de 14 de Fevereiro em Luanda e os ataques de 15 de Março no noroeste do território. No terceiro momento, analisam-se a “abrilada” de Botelho Moniz e a decisão de Salazar de enfrentar a luta anticolonial em África pela via das armas. Por fim, o ensaio conclui contextualizando o início da guerra colonial no que ficaria conhecido na historiografia portuguesa como o “ano horrível” do regime Salazarista, marcando um ponto de viragem importante do Estado Novo e na história contemporânea de Portugal.³

O império português num mundo em mudança

O contexto internacional do pós-guerra trouxe alterações importantes à ordem colonial em que Portugal estava instalado. A derrota

³ A expressão “ano horrível” tem sido frequentemente utilizada para caracterizar o impacto que o ano de 1961 teve para Salazar e o Estado Novo, em virtude dos vários episódios que nesse ano abalaram o regime. Um bom exemplo dessas referências pode ser encontrado em António Luís Marinho, *1961: O Ano Horrível de Salazar* (Lisboa: Temas e Debates, 2011).

dos regimes autoritários na Europa, a emergência de um bloco socialista liderado pela União Soviética e pela China, e o declínio económico e militar das potências europeias vieram precipitar o surgimento da consciência independentista em vários territórios colonizados. Em África, esse alento descolonizador, a que Harold Macmillan chamou em 1960 os “ventos de mudança”,⁴ traduziu-se em várias sublevações armadas seguidas da independência de novos estados. A França, derrotada na Indochina e a braços com uma insurreição na Argélia, procedeu à descolonização da maioria das suas possessões até 1960. Já o Reino Unido, tendo enfrentado insurreições armadas na Ásia, Médio Oriente e África, iniciou uma agenda descolonizadora abrangente que iria atribuir a independência a vários dos seus territórios até 1965. Por fim, também a Bélgica se viu forçada a retirar de África, concedendo independência ao Congo em 1960 após um atribulado processo de contestação anticolonial.

Perante esta tendência global, Portugal permanecia num estado aparente de afastamento e inércia. Embora as autoridades portuguesas tivessem noção das dinâmicas de autodeterminação em curso, recusavam, contudo, a ideia de que a retirada de África era inevitável, arreigando-se ao invés à convicção de que a presença portuguesa no ultramar era um facto histórico imutável e inerente à identidade do país. O regime de Salazar promovia a ideia de antiguidade e brandura do seu modelo de presença ultramarina, tomando a tese “lusotropicalista” de que os portugueses dispunham de uma vocação especial para a miscigenação e diálogo inter-racial.⁵ Na tentativa de adaptar a aparência do império às normas

⁴ Ver: «1960: Macmillan Speaks of “wind of Change” in Africa», 3 de Fevereiro de 1960, http://news.bbc.co.uk/onthisday/hi/dates/stories/february/3/newsid_2714000/2714525.stm. Acedido 2 de Março de 2021.

⁵ A tese do “lusotropicalismo” originou do sociólogo brasileiro Gilberto Freyre na década de 1930 e foi utilizada pelo Estado Novo no sentido de promover a sua política colonial. Sobre essa matéria, ver, por exemplo: Cláudia Castelo,

emergentes do pós-guerra, o governo português tinha inclusivamente redefinido a designação formal das suas colónias – denominadas de “províncias ultramarinas” a partir dos anos 50 – e esboçado reformas no sentido de promover a legitimidade de Portugal nesses territórios.⁶ Não obstante, a situação colonial portuguesa permanecia problemática e propícia a desalentos, e os anos seguintes revelar-se-iam bastante desafiantes nesse contexto.

Com efeito, à viragem para a década de 1960, Portugal começou a ficar cada vez mais isolado na sua política colonial. A ascensão de novos estados-membros à ONU, muitos deles recém-descolonizados, ditou o aparecimento de normas anticoloniais e a proclamação do direito de autodeterminação das respectivas sociedades. Destacavam-se, desde logo, as resoluções da Assembleia Geral que instavam Portugal a prestar contas relativamente aos seus territórios “não autónomos.”⁷ Ao mesmo tempo, entre os países aliados, as pressões também aumentaram à medida que as grandes dinâmicas da Guerra Fria se começavam também a jogar na África Austral.⁸ Em Washington, a nova administração Kennedy mostrava-se ostensivamente favorável a um processo de descolonização abrangente por

Modo Português de Estar no Mundo: O Luso-Tropicalismo e a Ideologia Colonial Portuguesa (1933-1961) (Porto: Afrontamento, 1998).

⁶ Ver: Pedro Aires Oliveira, «Uma Descolonização Fora de Horas», em *História da Expansão e do Império Português* (Lisboa: A Esfera dos Livros, 2014), 519–25; António Duarte Silva, *O Império e a Constituição Colonial Portuguesa (1914-1974)* (Lisboa: Imprensa de História Contemporânea, 2019), pt. V.

⁷ A. E. Duarte Silva, «O litígio entre Portugal e a ONU (1960-1974)», *Análise Social* xxx, n. 130 (1995): 7–11.

⁸ Ver: Correia, João Manuel Pinto. «As dinâmicas indiretas da Guerra Fria nas possessões ultramarinas de Angola e Moçambique.» *Revista de Ciências Militares* V, n. 1 (2017): 115–48.

parte de Lisboa.⁹ Já o Reino Unido, na senda da sua própria descolonização, fazia apelos semelhantes aos líderes portugueses, convidando-os a ter bom-senso relativamente à inviabilidade da sua política africana.¹⁰ No entanto, o governo de Salazar permanecia inamovível. Poucado até então aos “ventos de mudança,” e encarando os “seus problemas na África sob um ponto de vista estritamente moral, ou até mesmo teológico”¹¹ o regime português seria em 1961 confrontado com uma luta anticolonial quando nesse ano se dá uma violenta sublevação em Angola.

O início da luta armada em Angola

À viragem da década de 1960, Angola, a maior e mais rica das colónias portuguesas, apresentava-se relativamente imperturbada pelos desenvolvimentos políticos que decorriam em África. Esta calma aparente escondia, contudo, um território propício à revolta. Com cerca de 1.247.000km², Angola tinha uma área 11 vezes maior que a de Portugal. A sua população era composta por 4,9 milhões de indivíduos divididos em 94 tribos e 9 grupos etnolinguísticos, representando a população branca apenas 3.5% do total.¹² O território era rico em recursos naturais como o petróleo, minério e pedras preciosas, e dispunha de enorme potencial agrícola, em particular o café, o sisal e o algodão. No entanto, as realidades política, social e económica perfilavam um modelo de exploração colonial

⁹ Ibid., 25–26. Sobre as relações entre a administração Kennedy e o governo de Salazar, ver: José Freire Antunes, *Kennedy e Salazar O Leão e a Raposa* (Lisboa: Leya, 2013).

¹⁰ Pedro Aires Oliveira, «Harold Macmillan, os “ventos de mudança” e a crise colonial portuguesa (1960-1961)», *Relações Internacionais*, n. 30 (Junho de 2011): 21–38.

¹¹ Ibid., 32.

¹² John P. Cann, *Contra-insurreição em África* (Lisboa: Atena Editora, 1998), 22–23.

favorável ao subdesenvolvimento e à contestação. A economia assentava sobretudo no sector primário e era fortemente condicionada por Lisboa. A industrialização era fraca. As infraestruturas, parcas, impediam a comunicação e o comércio, sendo que o acesso à saúde, educação ou segurança também era muito limitado. Por último, o panorama socioeconómico era marcado por um quotidiano de desigualdades, maus-tratos, pobreza e trabalhos forçados em relação à população negra.¹³

Foi com base nesta realidade que se criaram condições para o início da insurreição armada em Angola. A 4 de Janeiro de 1961 teve início na zona da Baixa do Cassange uma revolta de camponeses contra as más condições laborais existentes na região e o cultivo obrigatório do algodão imposto pela Companhia Geral dos Algodões de Angola (COTONANG), empresa luso-belga que operava na região de Malange, no norte de Angola. Segundo se verificou na época, a população local vivia em “condições de absoluta miséria moral e material sobre todos os aspectos,” sujeitas à dominação e arbítrio da COTONANG, que coagia os trabalhadores e aplicava castigos corporais com quase total impunidade.¹⁴ Nessa altura, os trabalhadores indígenas recusaram-se durante várias semanas a trabalhar e a pagar impostos, envolvendo-se em tumultos contra as autoridades

¹³ Ver: Gervase Clarence-Smith, «Business Empires in Angola under Salazar, 1930-1961», *African Economic History*, n. 14 (1985): 1–13, doi:10.2307/3601111; Dalila Cabrita Mateus e Álvaro Mateus, *Angola 61* (Lisboa: Texto Editora, 2011), 29–40; Nuno Valério e Maria Paula Fontoura, «A evolução económica de Angola durante o segundo período colonial - uma tentativa de síntese», *Análise Social* 29, n. 129 (1994): 1193–1208; Raquel Varela e João Louçã, «African Forced Labour and Anti-Colonial Struggles in the Portuguese Revolution: A Global Labour History Perspective», em *Worlds of Labour Turned Upside Down*, vol. 41, *Studies in Global Social History* (Leiden: Brill, 2020), sec. 3, doi:10.1163/9789004440395_009.

¹⁴ Anabela Silveira, «A Baixa de Cassange: o prenúncio da luta armada», *Revista Porto* 2, n. 3 (2013): 40–57. Cit. por Vaz, Major Rebocho. Relatório. In: Aniceto Afonso e Carlos de Matos Gomes, *Os anos da Guerra Colonial* (Lisboa: Quidnovi, 2010), 54.

coloniais e a população branca. Este levantamento, entretanto, revelava alguns sinais de politização em torno da causa independentista, aos quais o exemplo do vizinho Congo não era estranho. As autoridades portuguesas reagiram a partir de Fevereiro, reprimindo os revoltosos com recurso a prisões, julgamentos, acções armadas, e até bombardeamentos da Força Aérea.¹⁵

Por essa altura, a 4 de Fevereiro, deu-se um segundo episódio de rebelião anticolonial. Nessa madrugada, um grupo de cerca de 200 angolanos desencadeou vários ataques a edifícios das autoridades portuguesas em Luanda. Munidos sobretudo de armas brancas, os assaltantes tentaram tomar uma esquadra de polícia, a cadeia de São Paulo e a Casa de Reclusão militar, com vista a liberar presos e capturar armas.¹⁶ Havia também a expectativa de que o pronunciamento pudesse corresponder à chegada do paquete Santa Maria, sequestrado dias antes em pleno oceano Atlântico por Henrique Galvão, um audacioso opositor ao regime de Salazar, e que se esperava aportar a Luanda por essa altura.¹⁷ No entanto, o Santa Maria nunca chegou a Angola e os ataques, repelidos pelas autoridades, não só fracassaram como resultaram em detenções e mortos entre os revoltosos. Todavia, o episódio revestia-se de significado político e revelava a emergência de dois movimentos de libertação: a União das Populações de Angola (UPA), de cariz mais tribal e fundada por Holden

¹⁵ Silveira, «A Baixa de Cassange», 47–50.

¹⁶ António Lopes Pires Nunes, «Os assaltos de 4 de fevereiro em Luanda e o massacre de 15 de março no norte de Angola – antecedentes», *Revista Militar*, n. 2545–2546 (Março de 2014): 188.

¹⁷ Mateus e Mateus, *Angola 61*, 101–2; Nunes, «Os assaltos de 4 de fevereiro em Luanda e o massacre de 15 de março no norte de Angola – antecedentes», 186–87. Sobre o assalto ao paquete Santa Maria ver: Henrique Galvão, *Minha Cruzada Pró-Portugal: Santa Maria* (São Paulo: Livraria Martins Editôra, 1961); H. Paulo, «1961: O Assalto do Santa Maria e o Desmoronar do Regime Salazarista em Portugal», *História Revista* 16, n. 1 (2011): 53–80, doi:10.5216/hr.v16i1.14704.

Roberto; e o Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), de inspiração marxista e liderado por Agostinho Neto. Ambos os partidos iriam iniciar a luta armada nos meses seguintes.

O terceiro acontecimento que marcou o início da guerra colonial em Angola foi a vaga de ataques desencadeados a 15 de Março por seguidores da UPA. Nesse dia, grupos armados de catanas e outras armas gentílicas levaram a cabo uma vaga de ataques simultâneos a inúmeras fazendas e povoações no noroeste de Angola, dirigidos sobretudo à população branca, às autoridades coloniais e à população indígena tida como colaboradora dos portugueses.¹⁸ Dessa revolta resultou a morte de 200 a 300 europeus e vários milhares de negros, massacrados indiscriminadamente às mãos dos assaltantes, causando a debandada geral entre os sobreviventes. A sublevação durou vários dias e apanhou as autoridades portuguesas mal preparadas e praticamente de surpresa. As Forças Armadas portuguesas dispunham de menos de 3000 efectivos em Angola, e a aviação era praticamente inexistente. As informações que chegavam da região eram confusas e alarmantes, e em Lisboa os decisores políticos pareciam incapazes de formular uma resposta rápida e adequada aos acontecimentos. Entretanto, no terreno, milícias civis e militares reagiam aos massacres através de retaliações violentas à população negra, que se acredita terem causado entre 8 a 50 mil mortos.¹⁹ Além da crise causada no seio da sociedade angolana, sobretudo entre os colonos, estas perturbações iriam nos meses seguintes colocar em causa a política colonial de Salazar e abalar as estruturas de poder do Estado Novo.

¹⁸ Oliveira, «Uma Descolonização Fora de Horas», 511-18.

¹⁹ Ibid. Para uma crónica detalhada destes acontecimentos, ver: Mateus e Mateus, *Angola 61*, cap. 3.

Da “abrilada” ao “para Angola já e em força”

A gravidade dos acontecimentos vividos em Angola no início de 1961 levantou oposição interna entre os militares portugueses. À cabeça desse movimento encontrava-se o general Botelho Moniz, Ministro da Defesa de Salazar, e um dos mais destacados membros da geração de altos oficiais formados no quadro da NATO que albergavam visões políticas mais liberais. Consciente da fragilidade da posição colonial portuguesa face às novas dinâmicas internacionais, Botelho Moniz tinha alertado nos anos anteriores, embora sem sucesso, para a necessidade de reforçar a presença militar em África a fim de precaver a eclosão de movimentos independentistas. Quando a situação em Angola se deteriorou no início de 1961, o general inclinou-se para a ideia de que era necessária uma alteração de fundo na política colonial portuguesa. Especificamente, Botelho Moniz, apoiado por alguns sectores do meio político-militar e alguns emissários internacionais, procurou persuadir Salazar de que a única saída viável para Portugal consistia em empreender um plano de descolonização semelhante ao das outras potências europeias. Quando estas diligências falharam, o grupo revoltoso virou-se para a promoção de um “golpe constitucional” com vista à destituição de Salazar, com a possibilidade de um “pronunciamento militar” mais vigoroso se necessário. A manobra golpista, que ficou conhecida por “abrilada”, fracassou no dia 13 de Abril quando no último momento o Presidente do Conselho se antecipou aos revoltosos e os neutralizou administrativamente.²⁰ Daí em diante a posição do regime endureceu em matéria de política colonial.

Com efeito, perante o dilema entre descolonizar ou resistir em África, a via de Lisboa passou a ser a das armas. Salazar assumiu directamente o controlo do Ministério da Defesa e procedeu a uma remodelação profunda do seu governo, que passou a incluir figuras com

²⁰ Rodrigues, «Militares e Política».

tendências mais reformistas. Seguindo a sua proclamação de embarcar “para Angola e em força”, o chefe do governo ordenou o envio de um forte contingente de tropas para essa colónia com o objectivo de reocupar as regiões sublevadas e combater os grupos armados da UPA. Após um período inicial de inércia e desorientação, o regime deitou mão a todos os seus recursos para esboçar uma estratégia que pudesse, por um lado, sustentar as ofensivas armadas dos movimentos nacionalistas, e por outro, capturar o apoio das populações locais e dessa forma aumentar a legitimidade da presença portuguesa em África.²¹ Até ao final do ano o número de militares destacados para Angola ascendeu aos 33,000. Administrativamente, o governo português tentou emendar alguns aspectos mais retrógrados do sistema colonial, pondo em marcha o fim da cultura obrigatória do algodão, abolindo o Estatuto do Indigenato, e introduzindo novas leis de trabalho rural.²² Estas acções permitiram restabelecer uma calma relativa em Angola e apaziguar as preocupações da comunidade branca. Contudo, tais intervenções não seriam suficientes para evitar a propagação do conflito nos anos seguintes, nem para prevenir os abalos que o regime iria continuar a sofrer até ao final do ano.

Efectivamente, o ano de 1961 revelar-se-ia o “ano horrível” de Salazar e do Estado Novo. A par da eclosão da guerra colonial em Angola, uma série de outros acontecimentos vieram colocar em causa a sobrevivência do regime. A 1 de Agosto Portugal foi forçado a abandonar o Forte de São Baptista de Ajudá, um pequeno enclave situado no actual Benim habitado por apenas dois funcionários coloniais, após um ultimato por parte do governo desse país.²³ Mais tarde, no dia 10 de Novembro, um grupo de homens comandado por Hermínio da Palma Inácio, um célebre opositor ao regime de Salazar, sequestrou um avião dos Transportes Aéreos

²¹ Cann, *Contra-insurreição em África*.

²² Oliveira, «Uma Descolonização Fora de Horas», 519–25.

²³ *Ibid.*, 518.

Portugueses entre Casablanca e Lisboa, lançando milhares de panfletos anti-regime sobre Lisboa e várias cidades do sul do país.²⁴ Um mês depois, a 18 de Dezembro, a União Indiana invadiu Goa com mais de 30,000 homens e derrotou a guarnição portuguesa de 3,500 soldados em 36 horas, golpeando violentamente a integridade do império.²⁵ Por fim, no último dia do ano, em 31 de Dezembro, algumas dezenas de civis e militares sob inspiração do general Humberto Delgado, opositor a Salazar e ex-candidato a Presidente da República em 1958, tentaram sublevar o Regimento de Infantaria 3 de Beja e inspirar um golpe de Estado a nível nacional, fracassando a intentona.²⁶ Embora o regime sobrevivesse a todos estes episódios, estava contudo lançado o mote para a derradeira etapa do Estado Novo e do capítulo ultramarino da história portuguesa.

Conclusões

O início da guerra colonial em Angola foi um acontecimento crucial na história recente de Portugal cujas implicações se desdobram por várias dimensões. Num primeiro plano, constituiu desde logo o início de um longo conflito armado. Os acontecimentos de Janeiro a Março de 1961 abriram o caminho a uma guerra que se prolongaria durante mais treze anos, estendendo-se à Guiné-Bissau em Janeiro de 1963 e a Moçambique em

²⁴ Ver: «Sequestro era connosco», *Correio da Manhã*, set de 2002, <https://www.cmjornal.pt/mais-cm/domingo/detalhe/sequestro-era-connosco>. Acedido 1 de Março de 2021.

²⁵ Sobre a invasão de Goa e outras questões envolventes, ver: Tom Ruys, «The Indian Intervention in Goa - 1961», SSRN Scholarly Paper (Rochester, NY: Social Science Research Network, 2017), doi:10.2139/ssrn.2989698; Maria Manuel Stocker, *Xeque-Mate a Goa* (Lisboa: Texto Editores, 2005).

²⁶ Ver: Irene Flunser Pimentel, «No 50.º aniversário da Revolta de Beja», *Irente Pimentel*, 16 de Janeiro de 2012, <http://irenepimentel.blogspot.com/2012/01/no-50-aniversario-da-revolta-de-beja.html>.

Setembro de 1964.²⁷ Ao longo desse período, Portugal enfrentou cinco movimentos de libertação a vários milhares de quilómetros, numa altura em que o país não era rico nem militarmente poderoso.²⁸ A par do esforço militar, que no seu auge mobilizou cerca de 150,000 homens, Portugal procurou a partir de 1961 promover também o desenvolvimento socioeconómico das suas províncias ultramarinas com vista a colmatar os focos mais retrógrados da administração colonial e melhorar a legitimidade da sua política. Esta estratégia, todavia, provar-se-ia uma corrida contra o tempo com poucas probabilidades de sucesso.²⁹ Apesar de alguns êxitos militares e do acelerado desenvolvimento económico que se verificou em Angola e Moçambique a partir de meados da década de 1960 e até 1974, Portugal entrou cada vez mais numa situação de crescente isolamento e censura no plano internacional, que combinado com as tensões internas na sociedade portuguesa acabariam por propiciar o fim do regime com a “revolução dos cravos.”

Num segundo plano, o início da guerra em Angola representou um dilema existencial para o regime do Estado Novo, liderado por António de Oliveira Salazar, que se viu confrontado com a escolha entre seguir os “ventos de mudança” e descolonizar, ou, pelo contrário, resistir às pressões independentistas e defender a integridade do império colonial. Para o Presidente do Conselho, defender o ultramar significava preservar um paradigma histórico que não devia ser cedido aos jogos ideológicos da época, em particular a competição entre os blocos da Guerra Fria, para

²⁷ Em Angola, a UPA/FNLA UPA viria a designar-se Frente Nacional de Libertação de Angola (FNLA). Para além da FNLA e do MPLA surgiria também em 1966 a União Nacional para a Independência Total de Angola (UNITA) de Jonas Savimbi. Na Guiné-Bissau, operava o Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC) de Amílcar Cabral, e em Moçambique a Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO), liderada primeiro por Eduardo Mondlane e depois por Samora Machel.

²⁸ Cann, *Contra-insurreição em África*, 19.

²⁹ Oliveira, «Uma Descolonização Fora de Horas», 531–38.

quem a captura de novas zonas de influência era, presumivelmente, o objectivo último nessa região. Assim, entre as grandes tendências internacionais e aquilo que eram os seus valores e visão histórica do país, Salazar optou por embarcar numa ambiciosa campanha político-militar que visava a permanência de Portugal em África. Esta posição de combater “sem espectáculo e sem alianças, orgulhosamente sós”³⁰ contribuiu para que o destino do Estado Novo ficasse inexoravelmente ligado ao destino do ultramar. Tal como em 1961 aquando do início da guerra, também no dia 25 de Abril de 1974 acabou por ser a inviabilidade da política ultramarina e a insatisfação no seio dos militares portugueses que ditou, dessa vez com sucesso, a resolução do problema colonial e a abertura política de Portugal.

BIBLIOGRAFIA

- «1960: Macmillan Speaks of “wind of Change” in Africa», 3 de fevereiro de 1960.
http://news.bbc.co.uk/onthisday/hi/dates/stories/february/3/newsid_2714000/2714525.stm.
- Afonso, Aniceto, e Carlos de Matos Gomes. Os anos da Guerra Colonial. Lisboa: Quidnovi, 2010.
- Antunes, José Freire. Kennedy e Salazar O Leão e a Raposa. Lisboa: Leya, 2013.
- Cann, John P. Contra-insurreição em África. Lisboa: Atena Editora, 1998.
- Castelo, Cláudia. Modo Português de Estar no Mundo: O Luso-Tropicalismo e a Ideologia Colonial Portuguesa (1933-1961). Porto: Afrontamento, 1998.

³⁰ «O Portal da História - Discurso do mês: António de Oliveira Salazar em 1965», <https://www.arqnet.pt/portal/discursos/fevereiro10.html>. Acedido 3 de Março de 2021.

- Clarence-Smith, Gervase. «Business Empires in Angola under Salazar, 1930-1961». *African Economic History*, n. 14 (1985): 1–13. doi:10.2307/3601111.
- Correia, João Manuel Pinto. «As dinâmicas indiretas da Guerra Fria nas possessões ultramarinas de Angola e Moçambique.» *Revista de Ciências Militares* V, n. 1 (maio de 2017): 115–48.
- Galvão, Henrique. *Minha Cruzada Pró-Portugal*. Santa Maria. São Paulo: Livraria Martins Editôra, 1961.
- Marinho, António Luís. 1961: O Ano Horrível de Salazar. Lisboa: Temas e Debates, 2011.
- Mateus, Dalila Cabrita, e Álvaro Mateus. *Angola 61*. Lisboa: Texto Editora, 2011.
- Nogueira, Franco. *Salazar. Vol. V. A Resistência (1958-1964)*. Porto: Livraria Civilização Editora, 1984.
- Nunes, António Lopes Pires. «Os assaltos de 4 de fevereiro em Luanda e o massacre de 15 de março no norte de Angola – antecedentes». *Revista Militar*, n. 2545–2546 (março de 2014): 185–99.
- «O Portal da História - Discurso do mês: António de Oliveira Salazar em 1965». Acedido 3 de março de 2021. <https://www.arqnet.pt/portal/discursos/fevereiro10.html>.
- Oliveira, Pedro Aires. «Harold Macmillan, os “ventos de mudança” e a crise colonial portuguesa (1960-1961)». *Relações Internacionais*, n. 30 (2011): 21–38.
- . «Uma Descolonização Fora de Horas». Em *História da Expansão e do Império Português*, 510–45. Lisboa: A Esfera dos Livros, 2014.
- Paulo, H. «1961: O Assalto do Santa Maria e o Desmoronar do Regime Salazarista em Portugal». *História Revista* 16, n. 1 (2011): 53–80. doi:10.5216/hr.v16i1.14704.
- Pimentel, Irene Flunser. «No 50º aniversário da Revolta de Beja». *Irente Pimentel*, 16 de janeiro de 2012. <http://irenepimentel.blogspot.com/2012/01/no-50-aniversario-da-revolta-de-beja.html>.
- Rodrigues, Luís Nuno. «Militares e Política: a Abrilada de 1961 e a Resistência do Salazarismo». *Ler História*, n. 65 (2013): 39–56. doi:10.4000/lerhistoria.447.

- Ruys, Tom. «The Indian Intervention in Goa - 1961». SSRN Scholarly Paper. Rochester, NY: Social Science Research Network, 2017. doi:10.2139/ssrn.2989698.
- Correio da Manhã. «Sequestro era connosco», set de 2002. <https://www.cmjornal.pt/mais-cm/domingo/detalhe/sequestro-era-connosco>.
- Silva, A. E. Duarte. «O litígio entre Portugal e a ONU (1960-1974)». *Análise Social* xxx, n. 130 (1995): 5–50.
- Silva, António Duarte. *O Império e a Constituição Colonial Portuguesa (1914-1974)*. Lisboa: Imprensa de História Contemporânea, 2019.
- Silveira, Anabela. «A Baixa de Cassange: o prenúncio da luta armada». *Revista Porto* 2, n. 3 (2013): 40–57.
- Stocker, Maria Manuel. *Xeque-Mate a Goa*. Lisboa: Texto Editores, 2005.
- Valério, Nuno, e Maria Paula Fontoura. «A evolução económica de Angola durante o segundo período colonial - uma tentativa de síntese». *Análise Social* 29, n. 129 (1994): 1193–1208.
- Varela, Raquel, e João Louçã. «African Forced Labour and Anti-Colonial Struggles in the Portuguese Revolution: A Global Labour History Perspective». Em *Worlds of Labour Turned Upside Down*, 41:199–223. *Studies in Global Social History*. Leiden: Brill, 2020. doi:10.1163/9789004440395_009.

【要旨】

アンゴラ植民地戦争開始 60 年

セザル・ロドリゲス

本論ではアンゴラでのポルトガルの植民地戦争の起源となる出来事を検討し、主な要因や原因、動態などを分析することを提案する。第一部として 1960 年代当初のアンゴラの状態を主に地域の政治、社会、経済の観点、そして大戦後の国際的文脈から考察する。続いて、反植民地武装闘争の起源となった事件、特にバイシャ・デ・カサンジェでの出来事やルアンダの 2 月 4 日事件、そして北部における 3 月 15 日以降の攻撃について言及する。最後に第三部としてポテーリョ・モニスの「四月事件 Abrilada」と武力によって脱植民地化への抵抗を図ったサラザールの決定について分析する。サラザールにとって「忌むべき年 ano horrível」とも言われる、その年の出来事を中心に考察することでアンゴラ植民地戦争の開始が新国家体制 Estado Novo にとって歴史的転換点であったと結論づけたい。

キーワード：アンゴラ、植民地戦争、ポルトガル、新国家体制、脱植民地化

Resumo

O presente artigo revisita o início da guerra colonial portuguesa em Angola, analisando os seus principais factores, causas e dinâmicas. A primeira parte enquadra a situação de Angola na viragem da década de 1960, nomeadamente à luz da situação política, social e económica do território assim como do contexto internacional do pós-guerra. Num segundo momento, recordam-se os acontecimentos deram origem à luta armada anticolonial, especificamente a sublevação da Baixa do Cassange, o 14 de Fevereiro em Luanda e os ataques de 15 de Março no noroeste do território. Por fim, a terceira parte analisa a “abrilada” do general Botelho Moniz e a decisão de Salazar de resistir à descolonização pela via das armas. O artigo conclui inserindo estes acontecimentos no chamado “ano horrível” de Salazar, identificando o início da guerra colonial em Angola como um ponto de viragem histórico para o regime do Estado Novo.

Palavras-chave: Angola, Guerra Colonial, Portugal, Estado Novo, Descolonização

ポルトガル再独立期における対ヴェネチア外交 -独立承認と D.ドゥアルテ王子解放をめぐって-¹⁾

荻野 恵

I. 本稿の目的

再独立期のポルトガルはヴェネチアに対し二重外交を展開していた。一方は秘密通信員 F.タケット (Francisco Taquet) を現地に派遣して行った D.ドゥアルテ王子に関する非公式交渉で、M. E. マデイラ・サントスの優れた研究が存在する²⁾。他方はウェストファリア講和会議において仲裁国の座を占めていたヴェネチア大使とのフランス全権団を介した公式の交渉である³⁾。本稿では後者の交渉について、主にフランス側の史料から独立の承認と D.ドゥアルテ王子の解放をめぐるポルトガルの外交努力を明らかにする。

II. 非公式外交

「III.公式外交」の前に「非公式外交」について少し触れておく。当時ヴェネチア共和国政府はポルトガルの独立を承認せず、また大使の受け入れも拒否していた⁴⁾。上記の M. E. マデイラ・サントスは、当状況下での両国関係を主に駐仏大使ヴィディゲイラ伯 (後にニーザ侯 o Conde da Vidigueira, o Marquês de Niza) と F.タケットの間で交わされた書簡 (エヴォラ図書館所蔵) を基に著した⁵⁾。

アントワープ生まれの聖職者 F.タケットは再独立蜂起後の 1641 年ブラガンサ家初代国王ジョアン 4 世 (位 1640-1656) の命により、イングランド、ハンブルクへと派遣された⁶⁾。同時期、1642 年ハンブルクではウェストファリア講和の予備条約が締結されている⁷⁾。同年、彼はパリへ派遣され、ヴェネチア本国で大使が受け入れられない代わりに当地でヴェネチア大使と接触し、また D.ドゥアルテ王子と書簡の交流を開始する⁸⁾。同年 10 月王子は神聖ローマ帝国のグラーツから当時スペイン・ハプスブルク家の領土であったミラノへ移動するが、これは王子をヴェネチアへ脱出させる作戦の一部をなし、オーストリア・

ハプスブルク家の領土から離れることを意味していた⁹⁾。翌43年F.タケットはフランス大使の庇護の下、極秘にヴェネチア入りを果たす¹⁰⁾。そこで彼は『ガゼット・ドゥ・フランス』紙が常に手元に届くよう駐仏大使ヴィディゲイラに要請しており、これは彼が『ガゼット』を情報源として購読していた証左となる¹¹⁾。また、F.タケットとウェストファリア仲裁国ヴェネチア大使コンタリーニ (Alvisi Contarini) とは再独立を支持していたパンフレット・ライターである G.B. ビラーゴ (Giovanni Batista Birago) を介して接触を持っていた¹²⁾。

III. 公式外交—QEに現れるヴェネチア外交 (1641-1648) —

今回ウェストファリア講和会議におけるフランスを介した公式の交渉を検討するにあたり、ヴィスコンデ・ドゥ・サンタレン (Visconde de Santarém) 『外交史料集 (Quadro Elementar)』 (以下、「QE」と略記する) を使用する¹³⁾。サンタレンは外交官やトーレ・ドゥ・トンボ国立史料館の館長を務め古美術や古銭学史を研究し、パリでは中世の天文学と地図作成法に関する研究を出版している。QEの中にポルトガル側の史料は少ないが、彼はフランス外務省で史料調査を行い、ブージュジャンの『ミュンスター講和に関する交渉録』(パリ王立図書館蔵) や『ブリエンヌ伯の覚書き』(マザラン図書館蔵) さらに『ガゼット・ドゥ・フランス』、『メルキュール・フランセーズ』等の史料をまとめ、日付のついた形で外交史の流れに構成した。それが当史料集である (表紙図版参照)。前出の M.E. マデイラ・サントスも当史料集を用いてはいるが数箇所言及に留まる。そこで本稿では QE に収められた主にフランス側の史料を通してヴェネチア外交を考察する。

III-1. ポルトガルの独立承認関連

「独立承認」の「a.」から「g.」の内、「c.」と「g.」を除き元の史料はフランス側の『ミュンスター講和に関する交渉録』である。(「*史料1」参照)。

ポルトガルは仲裁国2国の本国においても独立国として承認してもらう必要があり、「a.」の1645年2月26日付¹⁴⁾でフランスは協議を

QUADRO ELEMENTAR

DAS

RELAÇÕES POLITICAS

E DIPLOMATICAS DE PORTUGAL

COM AS DIVERSAS POTENCIAS DO MUNDO,

DESDE O PRINCIPIO

DA

MONARCHIA PORTUGUEZA

ATÉ AOS NOSSOS DIAS;

ORDENADO, E COMPOSTO

PELO

VISCONDE DE SANTAREM,

Das Academias Reaes das Sciencias de Lisboa, Madrid, Napóles, Turim, Munich,
e do Instituto de França, etc.

TOMO QUARTO.

Parte I^a.



IMPRESSO POR ORDEM DO GOVERNO PORTUGUEZ.

PARIZ.

EM CASA DE J. P. AILLAUD,

QUAI VOLTAIRE, n^o 11.



MDCCCXLIII.

仲裁国2国の本国でもすべきと訴えている。「b.」の1645年3月11日付¹⁵⁾では、ポルトガルから仲裁国への希望としてミュンスターに派遣された代表団を全権団として承認することが仲裁国の義務ではないのかとする主張がある。その理由は明白で、全権団としての承認はポルトガルを独立国家とみなすことにつながるからである。そして「d.」の1646年8月13日付¹⁶⁾では仲裁国がポルトガル代表団のパスポート申請受理を拒否していることと、仲裁国本国による国王ジョアン4世の未承認との関係性が理解できる。「c.」においては仲裁国大使がジョアン4世を「国王」と呼んだとあるが、これに対し1646年2月7日付はスペインのミュンスター大使ペニャランダ伯 (el conde de Peñaranda) が立腹したことを伝え、ヴェネチアのコンタリーニは「仲裁国の義務は君主相互間の提案に言及するのみである」と反論している¹⁷⁾。

「e.」1646年8月24日付¹⁸⁾と「f.」1647年3月4日付¹⁹⁾はフランス王室からの協力、支援が具体的に現れている。「G.」の1647年6月3日付では、教皇大使とヴェネチア大使はスペインによる侵略があった場合、フランス国王が軍隊を動員しポルトガルを支援することを認めるとある。フランス・スペイン間の講和はウェストファリアでは締結されなかったため、その後もポルトガル外交は1659年ピレネー条約までフランス重視で進むことになる²⁰⁾。

* 史料1

- a.1645年2月26日付：フランスは仲裁国が入らない限り交渉には応じない。教皇とヴェネチア共和国議会がブラガンサ公をポルトガル国王として承認するためには協議をローマとヴェネチアで行うことが必要である。
- b.1645年3月11日付：ポルトガルにはローマとヴェネチアを説得したい理由があった。それは教皇大使とコンタリーニにミュンスターでポルトガル代表団を全権団とみなしてもらうためである。なぜなら仲裁国の義務のひとつは誰も拒まず、皆平等に扱うことであるからだ。

- c. 1646年2月7日付：スペインのペニャランダ伯は仲裁国がブラガンサ公をポルトガルの国王と呼んだことに立腹した。これに対しヴェネチアのコンタリーニは「仲裁国の義務は君主相互間の提案に言及するだけである」と反論した。
- d. 1646年8月13日付：フランス全権団はパスポートを他の大使らと同様に付与し、ポルトガル全権団を受け入れるべきとした。しかし仲裁国はパスポートの申請受諾を拒否している。理由は教皇及びヴェネチア共和国がブラガンサ公ジョアンをポルトガル国王として承認していないからである。
- e. 1646年8月24日付：フランス国王秘書官から同国全権団に次の知らせが入った。同国全権団が仲裁国に D. ドゥアルテ王子の解放とパスポートの付与を訴えると共に、ポルトガル全権団が講和会議で承認される必要性を伝えたことに同国国王はお慶びである。
- f. 1647年3月4日付：ロングヴィル公はニーザ侯(ヴィディゲイラ伯)に「私は自国の国王にポルトガル国王を支援するための権利条項を条約に入れなくてはならない、と従来の全会議において以上に強く仲裁国と共に主張し続けている」と伝えた。
- g. 1647年6月3日付：フランス・スペイン間の講和に向けた仲裁国である教皇大使とヴェネチア大使は、ポルトガルがスペインによる侵略を受けた場合、フランス国王が軍を動員しポルトガル支援に回ることを認めた。

III-2. D. ドゥアルテ王子関連

次に「D.ドゥアルテ王子の解放」について、*QE* から得た新たな知見を述べる。全てフランス側史料で内訳は「d.」のみマザラン図書館所蔵のマヌスクリプト、それ以外は『ミュンスター交渉録』である。（「*史料2」参照）。

D.ドゥアルテ王子は30年戦争中カトリック教会の防衛を目的として神聖ローマ帝国に軍事奉仕に赴いていた際、母国ポルトガルでカステイーリャ(スペイン・ハプスブルク王権)からの独立反乱が勃発し、皇帝からカステイーリャに売り渡されて、ミラノで幽閉の身となって

いた人物であるが、「a.」の1645年8月19日付^{2 1)}にはウェストファリアにおいて仲裁国すなわち教皇大使とヴェネチア大使から皇帝の下に戻す案が出ていたことが述べられている^{2 2)}。この案に対して「b.」同年10月25日付^{2 3)}で、駐仏大使ヴィディゲイラ伯は神聖ローマ皇帝への引き渡しに従う回答をしている。しかしながら条件付きであることが1647年5月4日付ミュンスター全権大使アヴォーとセルヴィアンの書簡からわかる^{2 4)}。すなわち王子は兄ブラガンサ公ジョアン4世や同郷人を直接・間接に支援してはいけない、との条件である。さらに「e.」の1647年11月22日付^{2 5)}には講和の公表後、王子はミラノを発ち、しかしポルトガルには帰国しないと誓約する条件で直ちに解放される、との協議が仲裁国とフランス全権団の間でなされたとある。

* 史料2

- a. 1645年8月19日付：フランス全権団アヴォー伯らはD. ドゥアルテ王子解放のため可能な限りの努力をしているが、もし解放できない場合、仲裁国は神聖ローマ皇帝の権力下に王子を戻すよう要請するであろう。またポルトガルの大使らに安全通行証を付与することも要請する。
- b. 1646年10月25日付：ヴィディゲイラ伯はD. ドゥアルテ王子問題について訴え続けると付け加えた。彼はどのような危険に遭遇しても王子の生命を守るために幽閉地からの移動、神聖ローマ皇帝への引渡しに従うであろう
- c. 1647年3月2日付：D.ドゥアルテ王子の解放は仲裁国によって約束された。
- d. 1647年5月4日付：仲裁国がD. ドゥアルテ王子に関して12月9日の協定で宣言したように、王子は皇帝権力の下に置かれることになる。それは兄（ブラガンサ公ジョアン）や同国人を直接、間接的に支援しないことを王子に義務付けてのことであった。王子の引渡しは講和調印以前に行われるとの条件で、フランス全権団は協定に同意したのであった。

- e. 1647年11月22日付：ミュンスターのフランス全権団は仲裁国との会議について国王秘書官に報告した。そこでは特に D. ドゥアルテ王子について協議され、講和の公表後直ちに次の条件の下スペインは王子の解放に同意するであろう。条件とはミラノから移動した後、ポルトガルへは帰国しないと誓約することである。
- f. 1648年1月18日付：解放後、D. ドゥアルテ王子はポルトガルに帰国しないと約束することを義務づけなくてはならない。

IV. まとめ

IV-1. ウェストファリア講和の結果とヴェネチアの立場

以上、公式交渉は①駐仏大使ヴィディゲイラ伯、②フランス王室及び同国ミュンスター全権団、③仲裁国（教皇庁・ヴェネチア各大使）間の三角外交を軸に行なわれ、D.ドゥアルテ王子はポルトガルに帰国しないと条件の下、神聖ローマ皇帝に引き戻すところまで交渉は進展していた。しかしながら実際に締結された講和では実現を見ず、またオランダやスイスのように独立の国際承認も得ることはできなかった。結局ポルトガルのウェストファリア外交はオズナブリュック条約集（IPO）第17条11項にスウェーデン側当事者と記載されて幕を閉じたのである²⁶⁾。

視点をヴェネチア側の外交上の優先課題に移すと、それはキリスト教世界の共通の敵であるオスマン・トルコに反対する勢力の支援を得ることであり、M.E.マデイラ・サントスが結論付けるように、ヴェネチアがポルトガルを支援することによって得られる利益は皆無であった²⁷⁾。1645年オスマン・トルコがハンガリーに侵入した際、教皇は全キリスト教徒に対しマルタ騎士団のようにカトリック防衛に努めるよう貢献を要請していた²⁸⁾。そして同年ヴェネチアとオスマン・トルコの間にはカンディア戦争（クレタ戦争～1669年）が勃発するとヴェネチアは対オスマン・トルコ（対イスラム）との戦いにおいて地政学上ヨーロッパの防波堤という役割を担い、キリスト教側の団結が急務となったのである。

IV-2. 国家理性の実践

最後に、従来の研究において未検証である *QE* に現れる国家理性を探してみたところ「*史料3」の結果が出た。

「a.」1641年2月8日付²⁹⁾でローマでも外交においては信仰よりも理性を重んじていることがわかる。そして「b.」の1644年月日なし³⁰⁾では、「教皇とイタリアの諸君主らもフランスと同様、国家理性に基づきポルトガルのスペイン王権からの分離に興味がある。」と、各国が国家理性で動いていたことが現れている。また、「c.」の1646年3月3日付³¹⁾では、「フランスと同じ敵・味方を持つ1人の君主を見捨ててはいけない」と君主にジョアン4世を暗示しながらポルトガル側の国家理性を打ち出している。さらに「d.」1646年5月20日付³²⁾では「フランスがポルトガルに命じた義務は、駆け引きの巧みさと国家理性の他にはなく、ポルトガルは自身の利益を管理することができた。」とあり、ポルトガルが当時の外交努力から得た最大の利益は、その後も独立達成という目的に向けて戦う上で国家理性が不可欠と認識した点にあると分析できるであろう。

* 史料3

- a. 1641年2月8日付：スペイン王権は教皇にカタルーニャを破門させたように、ポルトガル人も異端と通じていたとの理由で、教皇に破門を要請するであろう。しかしローマでは篤い信仰よりも国家理性でスペインについて考えている。
- b. 1644年月日なし：教皇とイタリアの諸君主もフランスと同様、国家理性に基づきポルトガルのスペイン王権からの分離に興味がある。神聖ローマ帝国の諸領邦君主もまた国家理性によりポルトガルの分離に少なからず関心をもっている。
- c. 1646年3月3日付：国家理性はキリスト教世界全体に関わる交渉においてフランスと同じ敵・味方をもつ1人の君主を見捨ててはいけないと要求していた。
- d. 1646年5月20日付：フランスがポルトガルに命じた義務は駆け引きの巧みさと国家理性の他にはなく、ポルトガルは自国の利益

を管理できた。しかしその結果スペイン王権がカタルーニャと低地地方(ネーデルランド)の交換に同意する場合と同様、ポルトガルからフランスに利益が渡っていく。

註

- 1)本稿は 2017 年度 AJELB 大会（於：上智大学）における口頭発表を基に作成したものである。
- 2)Maria Emília Madeira Santos, *Relações diplomáticas entre Portugal e Venaza (1641-1649)*, Lisboa, 1965.
- 3)再独立期のウェストファリア外交については、拙論「ポルトガル再独立期における王弟 D. ドゥアルテ幽閉問題をめぐるウェストファリア外交-L. M. de アゼヴェド『声明』(1645)の外交文書としての側面を検証するために-」『Anais』XL, 2009-2010, 37-51 頁。以下、『声明』と略記する。
- 4) 駐フランス大使ヴィディゲイラの従兄弟であるドミニコ会士 D. de アレンカストレ(Dinis de Lencastre) は 1641 年 2 月フランスの支援及び保護の下ヴェネチア共和国大使に任命されていたが、受け入れ拒否のため彼の使節団派遣は結局中止となった。Conde de Tovar, D. Frei Dinis de Alencastre, *Estudos históricos*, Tomo I, Lisboa, 1932, pp. 53-54. M. E. Madeira Santos, *op.cit.*, p. 15.その後、1641 年 6 月彼はフランスへの第 2 次使節団の一員として M. シドニアによるアンダルシア独立計画への協力をルイ 13 世に要請するため派遣された。拙論「フランス『ガゼット』紙に現れるポルトガル情報—ウェストファリア講和会議期における外交活動を検証するために—」『Anais』XLII,(2012), 56 頁。以下、「フランス『ガゼット』紙」と略記する。
- 5) M. E. マデイラ・サントスは R.コエーリョ『国王ジョアン 4 世の弟 D.ドゥアルテ王子』(全 2 巻)を評価する一方、ヴェネチア外交の看過を指摘し、その研究を自著にまとめた。「書簡」の大部分はエヴォラ図書館所蔵である。J. Ramos Coelho, *História do Infante D. Duarte Irmão de El-Rei D. João IV*, Lisboa, t. I, 1889, t. II, 1890. M. E. Madeira

Santos, *op. cit.*, pp. 11-12, p.49.

- 6) 拙論「ポルトガル再独立における悲劇の王子 D. ドゥアルテについて—最後の希望『1649年フランス国王ルイ14世との条約』を中心に—」『Encontros Lusófonos』10, 2008年, 12-24頁。以下、「悲劇の王子」と略記する。Edger Prestage, *Ministros Portugueses nas Cortes estrangeiras no reino de D. João IV e a sua correspondência, Revista de História*, 4, 1915, p. 224. Edger Prestage e Pedro de Azevedo, *Correspondência diplomática de Sousa Coutinho durante sua Embaixada à Holanda*, vol., I, Coimbra, 1920, p.93. (1643年12月30日付書簡)。以下、「*Correspondência diplomática*」と略記する。
- 7) Visconde de Santarém, *Quadro elementar das relações políticas e diplomáticas de Portugal com as diversas potencias do mundo, desde o princípio da monarchia portugueza até aos nossos dias*, t. IV, Paris, 1843, p. 118. 以下、「QE」と略記する。
- 8) 拙論「悲劇の王子」16頁。
- 9) M. E. Madeira Santos, *op.cit.*, pp35-36. 他方、当時ミラノはカステールリヤ領であったため、スペイン王権への王子の売り渡しでもあった。事実1641年6月王子は皇帝フェルディナンド3世 (Ferdinando III 在位1637-1657)からスペイン国王フェリペ4世 (Felipe IV 在位1621-1665) に4万エスクードで売り渡されている。拙論「悲劇の王子」12頁。
- 10) *Ibid.*, p. 31. タケットとヴェネチアの交渉を仲介したのはポルトガルの利益を重んじていた、ムッシュ・デ・アメオー (Monsieur des Hameaux) というフランス側の人物であった。 *Ibid.*, p. 32.
- 11) *Ibid.*, p.164(Apendice). (1645年12月30日付タケットからヴィデイゲイラへの書簡)。F. タケットについては、E. Prestage, *Correspondência diplomática*, vol.1, p.93. (1643年12月31日付書簡)。
- 12) P. Cardim, p.295. G.B. ビラーゴについては、M. E. Madeira Santos, *op.cit.*, p.49. A. コンタリーニによるフランスとカステールリヤ全権大使間の仲裁に関しては、ポルトガルの定期刊行物『ガセ

ータ』1646年11月号にある。M.E. マデイラ・サントスは当『ガゼータ』を史料に用いていない。拙論「ポルトガル再独立期における『ガゼータ』のウェストファリア講和会議関連情報について—L. M. de アゼヴェド『声明』による影響を分析する試み—」『Anais』XLI, 2012年, 71頁。以下、「『ガゼータ』のウェストファリア会議情報」と略記する。

- 13) *QE*, Intro., p. 14. 現在ミシガン大学所蔵の *QE* が Web 上で公開されており、本稿もそれを使用した。ポルトガル側の史料は、エリセイラ伯『ポルトガル再独立の歴史』(Conde da Ericeira, D. Luis de Menezes, *História de Portugal Restaurado*, 4 vols., Lisboa, 1751.) やトール・ドゥ・トンボ国立史料館所蔵サン・ヴィセンテ・ドゥ・フォーラ (S. Vicente de Fora) 修道院のマニュスクリプトが *QE* において活字化されている。
- 14) *QE*, p. 126.
- 15) *QE*, p. 131.
- 16) *QE*, p.178.
- 17) *QE*, p. 154. 当該箇所はフランス側史料ではなくエリセイラ伯『再独立のポルトガル』からの内容である。(Ericeira, T. I, Liv. IX, p. 586.)
- 18) *QE*, p. 180.
- 19) *QE*, pp. 211-212.
- 20) *QE*, p. 240.
- 21) *QE*, p. 144.
- 22) D. ドゥアルテ王子については、拙論「ポルトガル再独立期における国家理性について—駐スウェーデン大使の『抗議書簡』から—」『Anais』XXXVIII, 2008年、1-18頁、他。
- 23) *QE*, p. 189.
- 24) *QE*, p. 230.
- 25) *QE*, pp.255-256.
- 26) 明石欽司「ウェストファリア条約の研究(1)—近代国家系成立過程の検証—」『法と行政』第3巻、1992年、22頁。同『ウェスト

ファリア条約—その実像と神話—』慶應義塾出版会、2009年、40-41頁、78頁。拙論「声明」45頁、48頁。拙論「『ガゼータ』のウェストファリア会議情報」74-75頁。

27) M. E. M. Santos, *op. cit.*, p.48.

28) 『ガゼット・ドゥ・フランス』1645年3月6日付ローマ発記事。拙論「フランス『ガゼット』紙」55頁、58頁。ポルトガル『ガゼータ』1642年10月号から1647年8月号までに掲載されたヴェネチア発の記事は計6回である。拙論「再独立期の新聞『ガゼータ』の発信地について—ニュース・ソースを探る手がかりとして—」『Encontros lusófonos』5,2003年、19頁。

29) *QE*, p. 26.

30) *QE*, p. 113, p. 118. 当「b.」の出典は、A. M. de Calvalho, *Francia interesada con Portugal en la separación de Castilla con noticias de los intereses comunes de los Príncipes y Estados de Europa*, Barcelona, 1644. 拙論「ポルトガル再独立期における対仏外交—アナ・デ・アウストリア宛文書から—」『Anais』XLVII, 2017年。

31) *QE*, p. 160.

32) *QE*, p. 166, p. 182.

BIBLIOGRAFIA

FONTES

1. *GAZETA*, Coleção de Biblioteca Nacional de Portugal, Reservados 522 vermelho, 1645.
2. *GAZETTE de France*, 1631-1791, 国立国会図書館東京本館。
3. SANTAREM, Visconde de, *Quadro elementar das relações políticas e diplomáticas de Portugal com as diversas potencias do mundo, desde o princípio da monarchia portugueza até aos nossos dias*, t. IV, Paris, 1843.
4. PRESTAGE, Edger e Azevedo, Pedro de, *Correspondência diplomática de Sousa Coutinho durante sua Embaixada à Holanda*, vol., I, Coimbra, 1920.

OBRAS PRINCIPAIS DE CONSULTA

1. BRAZÃO, Eduardo, *A Restauração –Relações diplomáticas de Portugal de 1640 a 1668*, Lisboa, 1938.
2. Idem., Acção diplomática de Portugal no Congresso da Vestefália, *Academia portuguesa da História Separata das Anais*, vol., VII, Lisboa, 1942.
3. CARDIM, Pedro, “ Portuguese Rebels” at Munster : The Diplomatic Self-Fashioning in mid-17 th Century European Politics, *Historiche Zeitschrift*, Beiheft, B. 26, Munchen, 1998.
4. COELHO, José Ramos, *História do Infante D. Duarte Irmão de El-Rei D. João IV*, 1889, t. 2, 1890.
5. PRESTAGE, Edger, Ministros Portugueses nas cortes estrangeiras no reinado de D. João IV e a sua correspondência, *Separata da Revista da História*, 4, Porto, 1915.
6. SANTOS, Maria Emília Madeira, *Relações diplomáticas entre Portugal e Veneza (1641-1649)*, Lisboa, 1965.
7. TOVAR, Conde de, D. Frei Dinis de Alencastre, *Estudos históricos*, Tomo I, Lisboa, 1932, pp. 45-59.
8. 明石欽司「ウエストファリア条約の研究（1）－近代国家系成立過程の検証－」『法と行政』第3巻、1992年。
9. 同『ウエストファリア条約—その実像と神話—』慶應義塾出版会、2009年。
10. 荻野恵「ポルトガル再独立期における悲劇の王子 D. ドゥアルテについて—最後の希望『1649年フランス国王ルイ 14世との条約』—」『Encontros Lusófonos』9, 2008年。
11. 同「ポルトガル再独立期における王弟 D. ドゥアルテ幽閉問題をめぐるウエストファリア外交—L. M. de アゼヴェド『声明』（1645）の外交文書としての側面を検証するために—」『Anais』XL, 2011年。
12. 同「ポルトガル再独立期における『ガゼータ』のウエストファリア講和会議関連情報について—L. M. de アゼヴェド『声明』による影響を分析する試み」『Anais』XLI, 2012年。

13. 同「フランス『ガゼット』紙に現れるポルトガル情報—ウェストファリア講和会議期における外交活動を検証するために—」『Anais』 XLII, 2013 年。
14. 同「ポルトガル再独立期における対フランス外交—アナ・デ・アウストリア宛て文書から—」『Anais』 XLVII, 2017 年。

Resumo

Relações diplomáticas entre Portugal e Veneza
no Congresso de Vestefália

Megumi OGINO

Nesta sondagem, como objectivo, procura-se analisar as relações diplomáticas entre Portugal e Veneza no Congresso de Vestefália através do *Quadro Elementar* por V. de Santarém.

Visto que Veneza, como mediador, ocupa um posto muito importante junto o Sumo Pontífice no dito Congresso, Portugal tenta pedir-lhe auxílio com respeito à liberdade do Infante D. Duarte e à independência de Castela ali. Nessa época, no entanto, o maior interesse de Veneza é conseguir a colaboração dos países europeus cristãos contra os otomanos sem intervir na luta entre a França e a Casa de Áustria. Isto é a causa nacional do governo veneziano, que não tem interesse em apoiar a Restauração.

Por isso, fica claro que Portugal começa a perceber a necessidade da sua "razão de Estado", ganhando auxílio da França, como diz um artigo do *Quadro Elementar* (no 20 de maio de 1646) assim, "Que não tendo a França para com Portugal outras obrigações mais que as exigia a política e a razão de Estado---", embora não consiga os ditos objetivos neste Congresso.

Ensino de Português como Língua Estrangeira no Japão -Situação Atual e Desafios-

Katsumi KOSAKA

1. Introdução

De acordo com o resultado de pesquisa¹ concernente à opinião pública no que se refere às relações diplomáticas, realizada pelo Gabinete Governamental em outubro de 2014, os países pelos quais os japoneses sentem maior afinidade, são em primeiro lugar os EUA (82,6%), em segundo, os países Europeus (66,5%), a seguir vêm os países da Oceania (63,9%). E os países da América Latina e Caribe, inclusive o Brasil, alcançam o sexto lugar (40,6%). Este resultado indica que a maioria dos japoneses sente maior afinidade pelos países em que é falado o inglês, bem como, pelos países europeus.

Por outro lado, segundo o resultado de dados estatísticos obtidos em pesquisa² concernente a residentes estrangeiros no Japão, realizada pelo Ministério da Justiça em dezembro de 2014, a população estrangeira no Japão era na ocasião, de 2.121.831 pessoas. O maior grupo estrangeiro era o de chineses (654.777 pessoas, 30,9%), seguido pelo de coreanos (501.230 pessoas, 23,6%) e filipinos (217.585 pessoas, 10,3%). O grupo de brasileiros (175.410 pessoas, 8,3%) alcançou o quarto lugar.

¹ Esta é uma das pesquisas que vêm sendo realizadas desde 1978 para verificar-se a consciência pública relativa às relações diplomáticas. A cada ano é escolhido um novo país para ser pesquisado. Aqui são citados como resultado, os dados condizentes aos países europeus, os países da Oceania e os países do Sudeste Asiático, obtidos na pesquisa realizada em outubro de 2013. Quanto à classificação dos demais países, ficaram em quarto lugar os países do Sudeste Asiático (60,4%), em quinto a Índia (47,1%), em sétimo a Coreia do Sul (31,5%), em oitavo os países da África (26,2%), em nono a Rússia (20,1%), em décimo os países do Oriente Médio (20,0%), e em décimo primeiro a China (14,8%).

² Esta é uma das pesquisas efetuadas para verificação da situação atual de residentes estrangeiros no Japão que vêm sendo realizadas desde 1947. Quanto à ordem dos demais países, são em quinto vietnamitas (99.865 pessoas, 4,7%), em sexto americanos (51.256 pessoas, 2,4%), em sétimo peruanos (47.978 pessoas, 2,3%), em oitavo tailandeses (43.081 pessoas, 2,0%), em nono nepaleses (42.346 pessoas, 2,0%), em décimo taiwaneses (40.197 pessoas, 1,9%), e outros (248.106 pessoas, 11,7%).

De acordo com estes dados, a maioria dos estrangeiros residentes no Japão não procede de países onde é falado o inglês ou de países europeus, mas sim de países Asiáticos e da América Latina. Isso demonstra que há uma grande divergência entre o alvo de afinidade a que se inclinam os japoneses e a presença dos grupos estrangeiros realmente residentes no Japão. Na realidade, mais próximos para nós japoneses são sem dúvida os estrangeiros residentes em nossa comunidade, a começar pelos brasileiros. Assim sendo, nada mais lógico que nós japoneses não só devamos desejar que os moradores estrangeiros aprendam nossa língua e cultura mas também nós japoneses devamos tentar conhecer a língua e cultura dos residentes estrangeiros reconhecendo-os como membros da mesma comunidade.

Neste sentido, no Japão, avulta-se uma sociedade multicultural, em que o maior grupo estrangeiro não é o que tem por língua nativa o inglês. Focalizando-se principalmente o português, língua materna de brasileiros cuja população no Japão encontra-se em quarto lugar quanto ao número, tenta-se fazer um apanhado da situação atual do ensino de português como língua estrangeira no Japão. E tomando-se como um precedente o ensino de português da “Universidade Provincial de Aichi”, existente na província de Aichi, a qual possui o maior número de residentes de nacionalidade brasileira dentre as 47 províncias do Japão, procurando aclarar a atual situação do ensino de português no país, desejo auxiliar mais e mais quanto ao progresso do ensino de português na qualidade de uma língua estrangeira.

2. Situação atual do ensino de português como língua estrangeira

O Ministério da Educação, Cultura, Esportes, Ciência e Tecnologia desde 1986, vem a cada ano, realizando pesquisa relativa à situação atual do intercâmbio internacional no colégio. Figura 1. mostra a mudança no número de colégios japoneses que oferecem cursos de línguas estrangeiras além de inglês e figura 2. mostra a mudança no número de aprendizes colegiais.

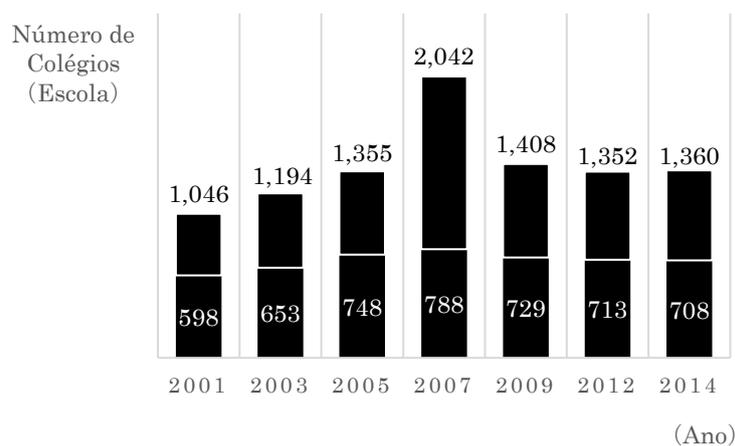


Figura 1. Evolução do número de colégios que oferecem o curso de línguas estrangeiras além de inglês³

³ Estes dados são elaborados pelo autor com base nos dígitos dos dados publicados no site do Ministério da Educação, Cultura, Esportes, Ciência e Tecnologia. Concernente aos resultados, mostra o número real e o total de estabelecimentos de ensino de língua estrangeira, excetuando-se escolas onde é ensinado inglês. O número real indica na contagem uma escola à escola em que foi estabelecido o ensino de língua estrangeira à exceção do inglês. Quanto ao total conta como uma escola a cada língua que for ensinada em cada uma das escolas em que ministrarem várias línguas estrangeiras além do inglês. Por exemplo, se for ensinado numa só escola chinês, francês e português, será contado como três escolas. Por essa razão, o número total excedeu o conteúdo quantitativo de números reais. Em 2011 a pesquisa não foi realizada dado ao terremoto.

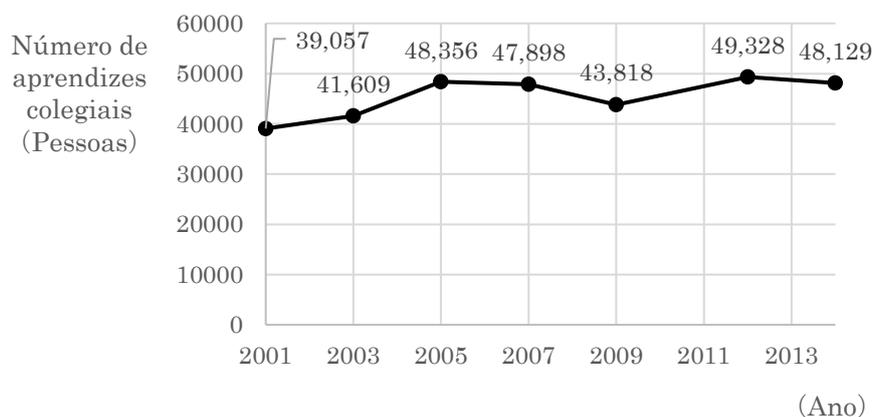


Figura 2. Evolução do número de aprendizes colegiais da língua estrangeira além de inglês⁴

De acordo com esta pesquisa, o número de colégios que ofereciam cursos de línguas estrangeiras além de inglês, em 2014 era de 708 escolas e o número de aprendizes era de 48.129 pessoas. Este número de colégios e também de aprendizes vem aumentando pelo que podemos verificar comparando-se ao resultado obtido em 2001. Entretanto, segundo a pesquisa⁵ fundamental relativa às escolas japonesas realizada pelo Ministério da Educação, Cultura, Esportes, Ciência e Tecnologia em maio de 2014, no Japão, há 4.963 colégios e 3.334.019 estudantes colegiais. Assim pensando, este número de colégios que oferecem cursos de línguas estrangeiras além de inglês, bem como o número de estudantes colegiais não é ainda alto.

⁴ Estes dados são elaborados pelo autor com base nos dígitos dos dados publicados no site do Ministério da Educação, Cultura, Esportes, Ciência e Tecnologia. O número de participantes é indicado por um número total, e mesmo que um aluno receba cursos de diferentes línguas por intermédio de um mesmo idioma, será contado como um para cada língua e se um aluno receba duas línguas estrangeiras diferentes, ele será contado como uma pessoa por idioma. Por exemplo, se um aluno estiver recebendo curso de dois idiomas, chinês e francês, ele será contado como dois. A pesquisa em 2011 não foi realizada pelo terremoto.

⁵ Esta é uma pesquisa realizada desde 1948 para esclarecer itens fundamentais relativos à efetuação da educação escolar.

A partir daqui, viso focalizar principalmente o português. Classificando pelo ponto de vista de cada língua, o número de colégios que oferecem cursos de línguas estrangeiras além de inglês e o número de aprendizes colegiais em 2014, o “chinês” obtém o primeiro lugar (517 colégios, 19.106 aprendizes), a seguir vem o coreano (333 colégios, 11.210 aprendizes), o francês adquire o terceiro lugar (223 colégios, 9.214 aprendizes). E o português está em oitavo lugar (12 colégios, 141 aprendizes).

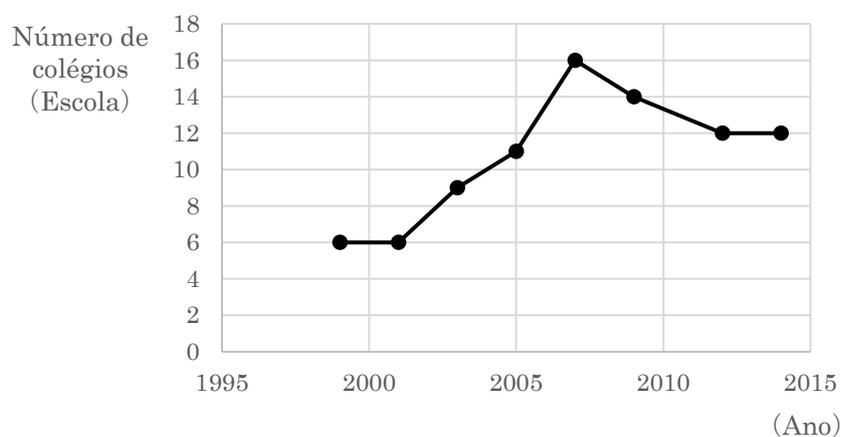


Figura 3. Evolução do número de colégios em que é oferecido português

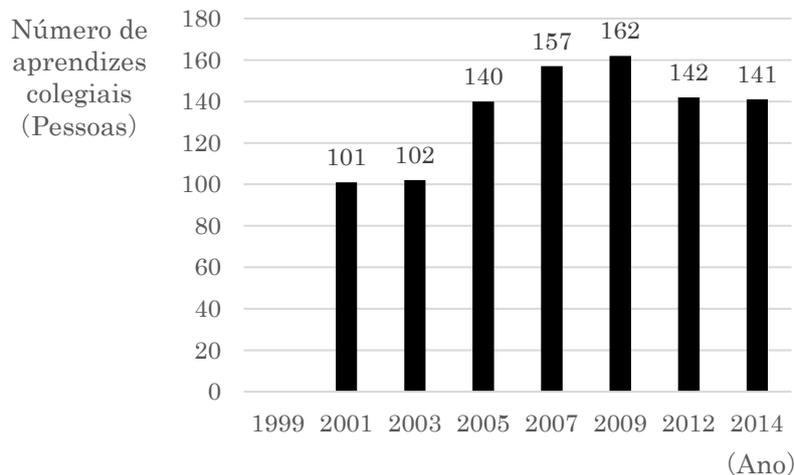


Figura 4. Evolução do número de aprendizes colegiais de português

Figura 3. mostra o número de colégios em que é oferecido o ensino de português e figura 4. mostra a evolução do número de aprendizes colegiais da língua portuguesa⁶. Segundo estes dados, havia apenas 6 colégios em 1999, mas em 2014 atingiu ao número de 12 colégios, e dentre eles, o número de colégios em que é oferecido o ensino de português tem aumentado nestes 10 anos. E também, quanto ao número de aprendizes colegiais da língua portuguesa, onde havia 101 aprendizes em 2001 chegou-se ao número de 141 em 2014. Vê-se aí, que tanto o número de aprendizes de português, quanto ao número de colégios em que se oferece o ensino de português, também têm aumentado dentro desta década. Porém, por outro lado, comparado ao chinês, francês ou coreano além de inglês, há uma grande diferença concernente ao número de colégios em que se oferece as respectivas línguas e ao número dos aprendizes dessas línguas comparado ao português. Apesar de que o grupo de

⁶ No que se refere ao número de escolas abertas em português, os resultados após 1999 e os resultados após 2001 concernentes ao número de estudantes de português, são publicados no site do Ministério da Educação, Cultura, Esportes, Ciência e Tecnologia.

brasileiros residentes no Japão se coloque em quarto lugar quanto ao número populacional, o ambiente de aprendizagem do português como língua estrangeira ainda não é suficientemente organizado. E também observando-se com maior atenção o número de aprendizes colegiais, e o número de colégios em que se oferece o ensino de português, podemos verificar que foi introduzido em mais 6 escolas, mas no entanto, o aumento do número de aprendizes foi de apenas 40 pessoas nestes 10 anos. Por este resultado, é fácil imaginar-se que existem muitos estudantes colegiais que não têm interesse em aprender português, mesmo que haja um ambiente de aprendizagem do português como língua estrangeira.

A seguir, viso explicar quanto à situação do ensino de línguas estrangeiras nas universidades, baseado nos resultados da pesquisa ⁷ realizada pelo Ministério da Educação, Cultura, Esportes, Ciência e Tecnologia desde dezembro de 2014 até fevereiro de 2015, que indica quais os tipos de disciplinas de língua estrangeira foram estabelecidos nas universidades de todo o país. Segundo esta pesquisa, dentre o total de 771 universidades, o inglês está em primeiro lugar (737 universidades) e o curso de inglês é oferecido em mais de 90% de universidades. A seguir, vem o chinês (633 universidades), o francês (505 universidades) e o alemão (498 universidades). O português coloca-se no décimo segundo lugar, sendo ensinado em 64 universidades. Retrocedendo aos resultados da mesma pesquisa do ano de 2001, dentre as 671 universidades, o inglês era ensinado em 662 delas, seguido pelo alemão em 569 universidades, chinês em 539 universidades e francês em 532 universidades. Quanto ao português, por ser extremamente pouco o número de estabelecimentos universitários, era ensinado juntamente a outras línguas em 191 universidades. É impossível discernir-se o número de universidades que ministrassem o curso de português distinto de outras línguas. Além do que, pelo fato de o número ser menor do que o da língua árabe que ocupava o nono lugar, pode se compreender o fato de serem apenas 40 as universidades que ministravam o

⁷ É uma pesquisa sobre o status de implementação de conteúdos e métodos educacionais nas universidades. Resultados desde 2001 foram publicados no site do Ministério da Educação, Cultura, Esportes, Ciências e Tecnologia.

curso de português. Após algumas décadas de anos alcançou o número de 64 universidades, que contudo ainda é insuficiente.

Pelo acima, podemos considerar que o ensino de português como língua estrangeira não é valorizado na sociedade japonesa e por essa razão, podemos concluir que o ambiente de aprendizagem do português ainda não é suficientemente organizado e que são poucos os estudantes que têm interesse pela aprendizagem do português. Isso tem como causa, talvez, vários fatores referentes à baixa vitalidade etno-linguística de português na sociedade japonesa, dado a que os japoneses ostentam uma “imagem negativa” referente à língua e cultura brasileira, o português mesmo é situado como língua minoritária no Japão e é ainda considerado como língua desvantajosa. Entretanto, o significado e a posição da aprendizagem de língua diferem bastante entre o português e outras línguas estrangeiras tais como francês ou alemão, considerando-se pelo ponto de vista em que o português é “a língua comunitária”, a língua materna de brasileiros residentes conosco na mesma sociedade japonesa. Pensando-se na convivência com 175.000 brasileiros residentes no Japão, deveria se enfatizar cada vez mais a importância da aprendizagem de português e no futuro a valorização dessa língua. Mas, como vemos até agora, neste momento, a posição social do ensino de português no Japão é ainda baixa e a preparação do ambiente para aprendizagem se torna urgente.

3. O ensino de português na Universidade Provincial de Aichi

Pela renovação da lei de controle de imigração e reconhecimento de refugiados de 1990 pela qual foi dado aos nikkeis e esposa, visto de permanência isente de restrição de ação, se tornou possível o aumento da entrada de nikkeis brasileiros que vieram com o fito de trabalhar. Como resultado, de acordo com a pesquisa⁸ realizada em fins de dezembro de 2014 pelos Secretaria de imigração do Ministério da Justiça, no que concerne à

⁸ São em segundo Shizuoka (26.476 pessoas), em terceiro Mie (12.559 pessoas), em quarto Gunma (11.942 pessoas) e em quinto Gifu (9.984 pessoas).

população brasileira de cada região, Aichi, uma província que veio evoluindo-se pela indústria de produção está em primeiro lugar com 47.695 pessoas. Daí, focalizando aqui Aichi onde se concentra a maior população de brasileiros em todo o Japão, procuro esclarecer a situação do ensino de português como língua estrangeira, citando como um exemplo a Universidade Provincial de Aichi, onde o ensino de português é oferecido.

3.1 Situação atual e tópicos a serem resolvidos quanto ao ensino de português como “disciplina de cultura geral”

Focalizando-se 64 universidades em que é oferecido o ensino de português como língua estrangeira, há apenas 6 universidades em que é ministrado o curso de português como língua estrangeira especializada. Ou sejam, a Universidade de Estudos Estrangeiros de Tóquio (em Tokyo), Universidade de Sophia (em Tokyo), Universidade de Estudos Internacionais de Kanda (em Chiba), Universidade de Estudos Estrangeiros de Quioto (em Kyoto), Universidade de Osaka (em Osaka) e Universidade de Tenri (em Nara). Nas 58 universidades restantes, o curso de português é oferecido como língua estrangeira dentro do curriculum de “disciplina de cultura geral”. Isto é, há algumas universidades onde existe o curso de português. Todavia, em Aichi onde reside a maior população de brasileiros dentre as 47 províncias do Japão, não há nenhuma universidade onde se ofereça o curso de português como língua estrangeira especializada. Dentro destas condições, desde 2008, em nossa universidade, Universidade Provincial de Aichi, encontra-se aberto o curso de português como uma das “disciplinas de cultura geral”.

No curso de língua estrangeira como uma das “disciplinas de cultura geral”, além de português, consta também inglês, espanhol, francês, alemão, coreano, chinês, russo e japonês. As aulas se realizam duas vezes por semana, dependendo do dia da semana, se oferece aula de gramática e de prática. Havia em 2014, três níveis diferentes para o ensino do português⁹. Ou sejam:

⁹ Dentre três níveis, a aula de português III, o nível mais alto no curso, foi abolida em 2016. A partir de 2017, em todas as aulas de língua estrangeira há apenas dois níveis. Quanto

“português I” para iniciantes, “português II” para alunos de um ano de estudo e “português III” para alunos de dois anos de estudo. Os professores responsáveis são quatro e dentre eles, duas são professoras efetivas. Há convênio entre nossa universidade e a Universidade de São Paulo¹⁰.

Em minha aula de português é ensinada a gramática para iniciantes e alunos do primeiro ano de estudo. O objetivo da aula de português I para iniciantes é a aquisição de fundamentos básicos da gramática até o “presente do indicativo”. Livros didáticos com exercícios abundantes são selecionados. São explicados os itens gramaticais e dados exercícios com repetição para confirmar a compreensão dos alunos. Por outro lado, além de proporcionar conhecimentos gramaticais, tentamos fazer com que reconheçam a importância de aprender português e elevar a motivação da aprendizagem por apresentar aos alunos a cultura brasileira ou a situação atual dos brasileiros residentes no Japão. O objetivo da aula de português II posicionado como nível seguinte ao português I é aprender itens gramaticais até chegar ao “presente do subjuntivo”. Além da realização de exercícios, na aula de português II, é obrigatória a apresentação de trabalho relacionado ao Brasil. Cada aluno escolhe livremente um tema relacionado ao Brasil e a português, prepara material para apresentação por cerca de 10 minutos. No final do semestre, como uma demonstração do resultado da aula, nós organizamos um panfleto sobre a cultura brasileira, juntando os resumos de cada apresentação e os comentários dos alunos.

Através de minha pouca experiência, intento observar alguns tópicos para estudo, relacionados ao ensino de português como “uma disciplina de cultura geral”. Quanto ao número de aprendizes de português, os alunos interessados pelo português são relativamente poucos. Por isso, há apenas uma turma em cada nível. Além disso, o curso de português é ministrado como “disciplina de cultura geral” pelo que, alunos pertencentes a vários departamentos aprendem português juntos na mesma turma. A aula de português I é escolhida principalmente pelos alunos de primeiro ano. Todavia, alunos de ano superior que têm interesse pela aprendizagem de português também podem escolher

à aula de coreano, desde que abrimos o curso, oferecemos apenas um nível para iniciantes.

¹⁰ Mantemos convênio entre nossa universidade e a Universidade do Minho desde 2016.

esta matéria de português I. Isto é, todo aquele que aprende português pela primeira vez, deve escolher a aula de português I. Com isso ocorre uma situação difícil, por exemplo, vamos supor aprender português na mesma turma com aluno de terceiro ano do departamento de espanhol que é língua similar ao português e outro de primeiro ano de história. Como resultado, determinar o progresso da aula é muito difícil para os professores responsáveis, pois há uma grande diferença de compreensão de português quer seja gramatical, quer seja vocabular, entre os alunos. E ainda, apesar de que hajam alunos que relacionem a aprendizagem de português com o emprego, todos os alunos de departamentos diferentes, tais como departamento de educação, de informática e de letras etc, aprendem português na mesma turma¹¹. Isso cria um ambiente em que se torna muito difícil ensinar-se o português especificamente necessário a cada departamento, dado a que os alunos de cada departamento de educação aprendem concentrados as palavras e expressões ensinadas pelo departamento.

Além do que, apesar de que estudem português que é a “língua comunitária” em Aichi onde reside grande número de brasileiros, não há oportunidade de se encontrarem com brasileiros residentes na região e de usarem português fora da aula. A aprendizagem de português restringe-se apenas à sala de aula. Nessas circunstâncias, é extremamente difícil esperar-se que os alunos sintam interesse e consideração pela língua portuguesa e cultura brasileira, pela evolução da motivação ao aprendizado de português, bem como a aprendizagem ativa do português em lugares fora das classes de aula. Nessas circunstâncias, é quase impossível encontrar-se aqueles que continuam o estudo da língua portuguesa até o “português II”, exceto os estudantes do Departamento de Línguas Estrangeiras que são obrigados a continuar o estudo da língua estrangeira por 2 anos. Na situação atual, a maioria dos casos termina com o curso de “português I”¹². Na ocasião em que os estudantes de português escolhem o

¹¹ Quanto aos alunos do departamento de enfermagem o cronograma difere do de alunos de outros departamentos, pelo que são realizadas aulas de português especializadas em prática médica apenas um dia por semana.

¹² Para línguas estrangeiras de disciplinas de cultura geral, apenas alunos do departamento de idiomas estrangeiros devem continuar a ter a mesma língua estrangeira por dois anos. Aos alunos que não pertençam ao Departamento de Línguas Estrangeiras, é deixado ao livre

português dentre várias línguas estrangeiras, ao passo dou como uma razão o fato de adquirirem a capacidade de comunicação com os brasileiros que vivem na mesma região, deparo com a impossibilidade de cultivar conhecimentos mais avançados num espaço de tempo de apenas um ano, ministrando aulas de somente 90 minutos duas vezes por semana. Além disso, é de todo modo impossível treinar-se a uma capacidade de língua portuguesa condizente à necessidade no emprego. Embora, pelo que vemos acima, nem todos esses problemas possam ser resolvidos, julgando que dependendo da imaginação do responsável pelo ensino da matéria seja talvez possível superar-se alguns deles, o autor veio pondo em prática as seguintes tentativas.

3.2 Tentativas para resolver problemas deparados na questão de ensino de português

(1) Participação no concurso de oratória de português

Uma das tentativas é a participação no concurso de oratória. Anualmente, em novembro se realiza em nossa universidade um concurso de oratória a que chamamos de “Concurso de Recitação em Multi-línguas” e o alvo do concurso não é apenas a participação de aprendizes de português. Neste concurso o alvo é obter-se a participação de aprendizes de todas as línguas estrangeiras oferecidas em nossa universidade. Uma parte de poema, filme e obra de literatura é apresentada em cada língua estrangeira escolhida pelos aprendizes, dentro de um período de 3 minutos. Na hora da apresentação, é distribuído um folheto com tradução, a fim de facilitar a compreensão aos ouvintes. Bem como, traduções e informações sobre a obra são mostradas na tela atrás dos apresentadores. O concurso se divide em duas partes, parte I e parte II. À parte I pertence o grupo de aprendizes com menos de 1 ano de estudo. É principalmente para alunos de primeiro ano. Parte II é para o grupo de

arbitrio decidir se continuam ou não a seguir a mesma língua estrangeira do primeiro ano no segundo ano. Quanto aos estudantes do Departamento de Relações Internacionais, Departamento de Línguas Estrangeiras, é possível escolher uma língua estrangeira diferente a cada ano.

aprendizes com mais de 1 ano de estudo. É principalmente para alunos de segundo ano. Os ganhadores de prêmio em cada parte são selecionados por votação do auditório. Este concurso se realiza anualmente, no período de festival da Universidade. Este festival da Universidade é aberto ao público. Por isso, não só alunos e professores da nossa universidade mas também estudantes colegiais que desejem estudar em nossa universidade ou residentes desta região podem participar neste concurso como auditório.

Na Parte I do concurso de 2012, houve 7 grupos de participantes. Ou sejam, de francês, espanhol, alemão, chinês, russo, latim, inclusive português. No caso de português, o tema e texto para apresentação são escolhidos anualmente pelos professores. Um dos participantes de português deste ano apresentou “piadas” como um item da cultura brasileira. O tema de apresentação de 2008 foi “História da Imigração Japonesa ao Brasil”, pois o ano de 2008 foi o centenário da imigração japonesa ao Brasil. O tema de 2009 foi “Um aspecto de choque cultural entre brasileiros e japoneses: os gestos” e o de 2011 foi “Garota de Ipanema”. Assim, o objetivo da escolha de temas para apresentação de pontos de vista diferentes, tem em vista mostrar a variedades da cultura brasileira ao auditório.

Como preparação para a participação neste concurso, estamos empreendendo as seguintes atividades tanto na aula quanto fora delas. Quando o aluno de português I de primeiro ano, participar na Parte I deste concurso, os alunos de português II, um curso mais avançado, preparam para a tradução do texto na aula de português II. Às vezes, o texto da apresentação se torna para iniciantes difícil de traduzir, pois itens de gramática e vocábulos desconhecidos são incluídos. A tradução feita pelos alunos de português II é projetada na tela atrás dos apresentadores no concurso. Com isso, aqueles que não têm interesse pelo concurso também podem participar “indiretamente” no concurso. Além do que, essa atividade é muito útil para treinar a competência de leitura e também pode criar boa relação entre os alunos de português I e português II.

Antes do concurso, fora da aula, nós treinamos ao máximo a pronúncia, expressividade, entonação, tom da voz, movimento de olhos, gestos, etc. E imediatamente antes do concurso, treinamos em frente ao colegas da classe de português I, supondo a apresentação real. Com essa atividade, os participantes

podem sentir o ar do concurso e também podem descobrir os pontos fracos. Por outro lado, aos que não participam no concurso é obrigatório escrever um comentário. O objetivo desta atividade é criar a relação mesmo que mínima, dos que não participam, com o concurso. E ainda, o treinamento da apresentação por colegas na sala de aula se torna num bom estímulo para a aprendizagem de português a toda a classe. Deste modo, envolvendo todos os participantes na aula de português, preparamos nossa participação no concurso todos os anos.

Pela participação neste concurso, os participantes aprendem português por iniciativa própria, sentem confiança em seu português, elevam a motivação da sua aprendizagem de português e aumentam seu interesse pela cultura brasileira. E para quem não participa no concurso também o concurso será um bom estímulo para a aprendizagem de português. Além disso, os ouvintes destes concursos podem obter boa oportunidade para conhecer uma nova língua e cultura. A nossa participação no concurso se torna útil aos residentes japoneses no que se refere ao reconhecimento da existência de residentes brasileiros na comunidade.

(2) Visita à escola brasileira

A segunda tentativa é a visita à escola brasileira nas proximidades de nossa universidade. Em Aichi há grande número de residentes brasileiros e algumas escolas brasileiras. Existe também uma escola brasileira que fica a 10 minutos de carro de nossa universidade. Mais ou menos 30 crianças com idade entre 15 anos estudam nesta escola brasileira. As aulas são oferecidas em português e são usados materiais feitos no Brasil para escola brasileira. Porém esta escola brasileira é no Japão, por isso, as crianças desta escola estudam também japonês para se adaptarem melhor à sociedade japonesa. Dentre as crianças da escola brasileira, algumas estudam apenas na escola brasileira e outras frequentam a escola brasileira depois da aula na escola japonesa a fim de manter a competência de português e a cultura brasileira.

Reunindo os aprendizes de português da classe de português e os alunos interessados no português e na cultura brasileira, visitamos a festa de Natal

realizada na escola brasileira em dezembro de 2013. E lemos alguns livros infantis para crianças brasileiras em ambos os idiomas, o “português” que os estudantes japoneses estão aprendendo e o “japonês” que as crianças brasileiras estão aprendendo. O objetivo da leitura de livros em português para as crianças brasileiras é mostrar o resultado de aprendizagem de português dos alunos japoneses. E o objetivo da leitura de livros em japonês é levar as crianças brasileiras a julgar seu próprio nível de japonês. Dentre os alunos japoneses que participam na visita à escola brasileira, há alguns que têm interesse pelo português, mas que nunca tiveram oportunidade para aprender essa língua. Por isso, antes de efetuar a visita à escola brasileira, decidimos o papel de cada personagem e fizemos treinamento de pronúncia muitas vezes fora da aula. Na festa de Natal, além de lermos livros para as crianças brasileiras, assistimos ao teatro representado pelas crianças, aprendemos dança brasileira, comemos comida brasileira, brincamos juntos e passamos bons momentos.

Através da visita à escola para brasileiros realizada como uma das atividades fora da aula, os alunos japoneses tiveram uma boa oportunidade de conhecer brasileiros residentes na comunidade e pudemos sentir a cultura brasileira como uma maneira de comemorar o Natal. Principalmente os aprendizes de português ganharam oportunidade de usar o português aprendido em classe, no mundo real. Para quem ainda não estudou português também, essa atividade foi ótima para fomentar ainda mais o interesse pela aprendizagem de português, pois todas as pessoas que foram visitar a escola brasileira começaram a aprender português no ano seguinte. E também às crianças brasileiras sob a situação em que consiste um grande problema social a perda da língua materna e da língua de herança, foi boa oportunidade para conhecer os japoneses que estão aprendendo português, isto é, para as crianças foi boa experiência saber que a sociedade japonesa recebe os brasileiros como moradores e que também a importância de português é reconhecida na sociedade, o que cria nelas motivação para aprender português como língua materna, como língua de herança.

4. Terminando

Diferindo de Portugal e Brasil, no Japão, onde os alunos, naturalmente, não têm oportunidade de tocar a língua portuguesa na cidade, para aprender-se o português e melhorar a capacidade, os aprendentes necessitam ter uma motivação para aprender subjetivamente. Especialmente, como muitos de nossos alunos estão aprendendo português para se comunicarem com brasileiros da localidade, podemos dizer que estar em contato com brasileiros e a língua portuguesa constitui um fato realmente envolvido na criação de motivação para aprender. No entanto, mesmo aqui na província de Aichi, é raro deparar-se com tais oportunidades em um estado “natural”, por mais que se trate de uma área de coleção de brasileiros, o que torna difícil levar a uma aprendizagem independente. Dentro dessa situação, será de importante desempenho algum tipo de “encorajamento por parte dos professores”, tal como criar oportunidades “intencionalmente” como desta vez a visita às escolas brasileiras, e estabelecer “objetivos próximos” tais como a recitação em torneios de recitação etc, com o fito de motivar a aprendizagem dos alunos. É sem dúvida demasiado oneroso aos professores realizarem algum tipo de truque educacional em outros lugares além das salas de aula, além de preparar lições diárias. No entanto, em muitos casos, o português está posicionado como uma das “disciplinas de cultura geral” e, na situação em que o tempo de aprendizagem é limitado, cria oportunidades de aprendizado fora da sala de aula e é fornecido em lugares que não sejam salas de aula. O uso bem sucedido de oportunidades de aprendizagem é um dos elementos mais importantes para a educação em língua portuguesa que é considerada como uma “língua comunitária” porque não só tem um efeito educacional, mas também é considerado um vínculo com as relações comunitárias.

No Japão a posição social de português como língua estrangeira é ainda baixa e o estudo dessa área também está em atraso. Por isso, há muitos problemas tais como, livros didáticos, avaliação, orçamento, rede de professores, treinamento etc. Conquanto desempenho meu papel de membro do corpo docente, a fim de proporcionar entre as salas de aula e a sociedade, oportunidades para a conexão necessária à educação de português, daqui por

diante também, continuarei a envidar esforços para disseminar e desenvolver a educação da língua portuguesa de forma a que possamos produzir o maior número possível de pessoas contribuintes à região.

Agradecimentos : Apresento de coração, minha gratidão à Professora Lúcia Barbosa por me ter dado a oportunidade de apresentar minha pesquisa no SELINC realizado em junho, ocasião em que estive hospedada na Universidade de Brasília como pesquisadora visitante por cerca de meio ano, de abril a setembro de 2015, pelo “fundo especial de pesquisa” oferecido pelo presidente da Universidade Provincial de Aichi. Além disso, agradeço também à Professora Lúcia Barbosa pela oportunidade de publicar um artigo recentemente reformulado revisado e corrigido após ter apresentado oralmente no SELINC. A vida de pesquisa semestral em Brasília, o encontro com pessoas da Universidade de Brasília, incluindo a professora Lúcia Barbosa, tornou-se para mim numa valiosa experiência que não poderá ser substituída por nada. Gostaria de aproveitar esta oportunidade para expressar minha sincera gratidão a todos os que cuidaram de mim. Finalmente, gostaria de expressar minha sincera gratidão ao Professor Emérito José Takehara da Universidade de Estudos Estrangeiros de Quioto, o qual concedeu-me a afabilidade de proceder a correção do português neste artigo.

Referências:

HOMUSHO Nyukoku Kanrikyoku. *Zairyu Gaikokujin Tokei*. Disponível em: <http://www.moj.go.jp/housei/toukei/toukei_ichiran_touroku.html>. Acesso em 30 de setembro de 2017

KOSAKA, Katsumi. *Tabunkakasuru Nihonshakai ni Okeru Porutogarugo Kyoiku no Ichiduke-Bogo to Gaikokugo no Ryosokumen kara*. Tese de Doutorado em Língua e Cultura apresentada na Universidade de Osaka, 2009

_____. *Qual a avaliação dada pelos universitários ao estudo da*

língua portuguesa-No caso dos participantes da Língua Portuguesa I. In: Kotoba no Sekai n.4, pp.103-113. Aichi Kenritsu Daigaku Koto Gengo Kyoiku Kenkyujo, 2012 (em japonês) Disponível em:

<file:///C:/Users/Katsumi/AppData/Local/Microsoft/Windows/INetCache/IE/OVL0MFE6/10_阪_p.103-113.pdf>. Acesso em 30 de setembro de 2017

MONBUKAGAKUSHO Shoto Chuto Kyoikukyoku. Kotogakkoto ni Okeru Kokusaikoryuto no Jyokyo ni Tsuite. Disponível em:

<http://www.mext.go.jp/a_menu/koutou/ryugaku/koukousei/1323946.htm>. Acesso em 30 de setembro de 2017

MONBUKAGAKUSHO Shogai Gakushu Seisakukyoku. *Gakko Kihonn Chosa*. Disponível em:

<http://www.mext.go.jp/b_menu/toukei/chousa01/kihon/1267995.htm>. Acesso em 30 de setembro de 2017

MONBUKAGAKUSHO Koto Kyoikukyoku. *Daigaku ni Okeru Kyoikunaiyoto no Kaikakujiyokyo ni Tuite*. Disponível em:

<http://www.mext.go.jp/a_menu/koutou/daigaku/04052801/005.htm>. Acesso em 30 de setembro de 2017

NAIKAKUFU. *Gaiko ni Kansuru Yoron Chosa*. Disponível em: <<http://survey.gov-online.go.jp/index-gai.html>>. Acesso em 30 de setembro de 2017

《要旨》

本原稿は、筆者が2015年4月から9月までブラジリア大学で客員研究員をしていた際、所属していた大学院応用言語学研究科が主催のセミナーで行った依頼講演の内容を加筆修正したものである。講演では、日本の多文化共生の現状とポルトガル語教育の現状、そして、筆者が愛知県立大学でポルトガル語の教育経験を通してみえてきた課題とその解決のために行ってきた試みについて報告した。本講演は、日本の外国語としてのポルトガル語教育の状況を、ポルトガル語教育を専門とする学生や研究者と共有できた点で非常に意義深いといえる。

Henrique de Senna Fernandes (1923-2010): Um Vulto, um Povo, uma História

Prof. Dr. Joseph Abraham Levi 雷祖善博士
George Washington University

We were once known as “Filhos de Macau,” Macanese, Portuguese, Eurasians, Mixed Race. [...] Our race may someday melt away in the vast melting pot as the Incas and the Mayans did, but we shall always be remembered as “Filhos de Macau”¹.

Celebrar a vida, o pensamento, a obra, a mensagem e o espírito de Henrique de Senna Fernandes é celebrar o seu Povo, a sua língua, a sua cultura, a sua cidade, o seu passado, o seu presente e o seu futuro. Portanto, há mais de dez anos do desaparecimento do grande Senna Fernandes, nada de elegias, nada de lamentações, nada de פיוטם *piyutim* (poemas litúrgicos); mas antes, é oportuno festejar o seu legado multifacetado, acto este que nos impele a fazer de maneira que os “filhos de Macau” nunca sejam esquecidos.

É nossa intenção neste texto não duplicar as demais apresentações em honra do nosso Senna Fernandes, quer a nível de análise textual de algumas das suas obras mais conhecidas quer em forma de panegírico. A nossa, ao invés, é uma breve reflexão sobre o espaço físico-temporal que moldou o Homem, o Autor e o seu amado Povo.

Orgulhamo-nos de ser, até à data, os únicos a ter criado nos Estados Unidos da América uma cadeira universitária exclusivamente

¹ Felipe B. Nery. *A Collection of Poems and Essays of Past Decades Involving Discussions of Important Matters & Topics*. Bloomington, IN: AuthorHouse, 2008. 312.

dedicada a Macau². Em ambas as ocasiões que tivemos de oferecer esta disciplina antes de eventualmente mudar de instituição em Maio de 2008, tivemos o prazer de oferecer aos alunos de graduação e pós-graduação uma breve panorâmica da cultura e da civilização de Macau, desde os primórdios até à data³. Em ambas as ocasiões o programa incluía as obras de Henrique de Senna Fernandes, assim como o seu grande contributo à cultura macaense. Inútil dizer que os alunos apreciaram muito o leque diversificado das temáticas propostas, *primae inter pares* o multiculturalismo e questões como identidade macaense e o encontro/desencontro de culturas:

Gostou do que viu. Nunca contemplara uma moça tão atraente, de pé descalço, e nem podia adivinhar que um bairro de “facínoras e desordeiros” entesourasse uma bela jóia como aquela. Nunca vira, também, uma trança igual, tão preta que fulgia ao sol. A-Leng, porque era ela, captou o interesse e teve a desagradável sensação de ser escrutinada da cabeça aos pés. Não estava habituada a um exame tão atrevido, sobretudo, dum estranho e demais “kuailou”. Mais perturbada que irritada, resolveu afastar o insolente, à vista das companheiras⁴.

Alguns anos mais tarde, sempre na mesma instituição norte-americana, tivemos o prazer de incluir o filme baseado num outro

² João Pinto. Entrevista a Joseph Levi. *Macau News*: “Macau nos Estados Unidos da América”. *TDM: Teledifusão de Macau* 14 de Março de 2005; Lina Ferreira. Entrevista a Joseph Levi. *Macau News*: “Macau nos Estados Unidos da América”. *TDM: Teledifusão de Macau* 5 de Agosto de 2006.

³ Cadeiras oferecidas durante o primeiro semestre dos anos lectivos de 2003 e 2006.

⁴ Henrique de Senna Fernandes. *A trança feiticeira*. Lisboa: Fundação Oriente, 1994. 19.

romance de Senna Fernandes, *Amor e dedinhos de pé*, numa cadeira sobre o cinema português, brasileiro e lusófono⁵. O papel da mulher e a cidade em si, as ruas e o movimento a estas ligado, foram entre os aspectos que mais despertaram o interesse dos alunos:

Desceu a pequena encosta, atravessou os campos relvados do Tap-Seac, sob o sussurro dos bambuais e das acácias enfloradas de vermelho, e chegou às hortas de Long Tin Chun, correndo à sombra dos plátanos meditados. Em seguida, abriu-se a zona da Flora, calma e bucólica, longe dos ruídos citadinos. O palacete do Governador espreitava, como uma mancha cor-de-rosa, no meio dum pequeno parque [...]⁶.

Apesar de não ter sido mais prolífico na sua produção literária, como no caso do seu conterrâneo José dos Santos Ferreira, (1919-1993), ou melhor, o Adé, Henrique de Senna Fernandes foi aliás um dos pilares da defesa da identidade macaense, localmente assim como na Diáspora. A sua mensagem apelava-se de facto ao aspecto local e “exótico” transformando-o, por sua vez, em meros tropos universais. Não é de estranhar, então, que os supracitados romances *sennafernandianos* viram a luz também no grande ecrã:

⁵ Cadeira oferecida durante o primeiro semestre do ano lectivo de 2007. Durante o segundo semestre do mesmo ano lectivo, ao invés, tivemos o prazer de encenar a *Estória di Maria co Alfêris Juám – Novela/História de Maria com o Alfêres João – Novela* de José dos Santos Ferreira na cadeira *Portuguese Language Theatre Workshop*. Se tivesse tido a oportunidade de continuar a leccionar nesta instituição teria certamente posto em cena uma das obras de Senna Fernandes.

⁶ Henrique de Senna Fernandes. *Amor e dedinhos de pé*. Macau: Instituto Cultural de Macau, 1994. 378.

[...] Henrique de Senna Fernandes, actual decano das letras macaenses, autor duma obra significativa, embora não muito extensa, que se nos revela impregnada de regionalismo, evocativa de cenas locais, vividas, que acabam por remeter para um universalismo que se insere claramente nas tendências que a globalização tem vindo a favorecer⁷.

O facto de ser multi-étnico, trilingue e multicultural renderam-no particularmente interessante sob o ponto de vista temático-cultural:

[...] as sociedades multiculturais praticam uma aproximação e confronto de que resulta a diferença em geral a que chamamos miscenização. Se analisarmos alguma literatura de Macau (desde o banalizado caso de Camilo Pessanha, passando por narradores de final de século com Adolfo Loureiro, Sam Bruno, Sant'Elmo, Jaime do Inso, até aos recentes prosadores como Senna Fernandes, ou algumas obras de Ondina Braga) concluímos que algumas diferenças existem relativamente à matriz portuguesa, e não são apenas temáticas⁸.

Desde a *Conquista Espiritual do Oriente*⁹ de Frei Paulo da Trindade, (1570- 1651) — muito provavelmente o primeiro “autor”

⁷ Maria Antónia Espadinha. “A literatura macaense em língua portuguesa: Ruptura ou continuidade?” <<http://www.fflch.usp.br/dlcv/lport/pdf/slt06/01.pdf>>. 1-13. 3.

⁸ Ana Paula Laborinho. “Sociedade e cultura e fenómenos literários — perspectivas dos estudos comparados em Macau”. *Administração Revista da Administração Pública de Macau* 16.2 5 (Agosto, 1992): 451-464. 452.

⁹ Paulo da Trindade, OFM. *Conquista Espiritual do Oriente*. Ed. Félix Lopes, OFM. 3 vols. Lisboa: Centro de Estudos Ultramarinos, 1962. Veja-se também: Charles R. Boxer. *O império colonial português (1415-1825)*. Lisboa: Edições 70, 1981. 224.

português nascido em Macau —, é que houve esta necessidade indescritível de expressar a particularidade de ser português de Macau e, mais tarde (com o aparecimento de um novo grupo étnico), a singularidade e, mormente, o orgulho de ser macaense. Muito cedo a mulher euro-asiática passará a ter um papel decisivo na formação desta nova sociedade, deste novo grupo étnico-racial: “[...] Eurasian women, not [the] Chinese women, where the first mothers of the race of the *Macaenses*, the offspring of the first stable families based in Macao”¹⁰.

Os macaenses dos primórdios eram constituídos não só por colonos portugueses, sobretudo homens, e mulheres chinesas, mas também havia consideráveis contribuições de outros grupos étnico-raciais, provindos do Império Português assim como do resto do Mundo de então, particularmente através do papel intermediário de mulheres e/ou escravos japoneses e indianos, assim como de pessoas oriundas do sudeste asiático:

Muitos dos primeiros colonizadores de Macau casaram-se com *japoas* (escravas japonesas) ou mulheres japonesas livres/libertas — estas últimas a residir no bairro japonês de Macau — ou também com *mui chai*, nomeadamente, “con mujeres chinas, no hijas de nobles, sino esclavas o gente suelta”¹¹.

¹⁰ Peter Cabrerós. “Macao Patois Words in English?” *Revista de Cultura* 5 (Janeiro, 2003): 126-151. 137.

¹¹ Joseph Abraham Levi. “A mulher macaense do novo milénio: pós-colonial e ponte entre culturas”, in *A Vez e a Voz da Mulher Portuguesa na Diáspora*. Ed. Maria Antónia Espadinha. Macau: Universidade de Macau, 2009. 45-72. Vejam-se também: León Lopetegui, S.J. “Contactos entre España y China en el siglo XVI. Relación de la China del factor Juan Bautista Román”. *Missionalia Hispánica* 1 (1944): 341-352. 351; Charles R. Boxer. *Fidalgos in the Far East, 1550-1770*. Hong-Kong: Oxford University Press, 1968. 231; Charles R. Boxer. *Portuguese Society in the Tropics: The Municipal*

A História marcou o Povo de Macau; portanto, os usos e costumes dos macaenses — nas suas formas miscigenadas e sincréticas — foram uma constante na evolução e no conseqüente desenvolvimento em características culturais próprias do grupo étnico-racial em questão, ou seja, o *Homo Macaonensis*.

O macaense típico é pois a união genética e cultural de todas as raças e todos os grupos étnico-linguísticos que entraram em contacto com os residentes do antigo enclave português, as palavras-chave sendo empréstimos léxico-culturais, assimilação e adaptação. Em outras palavras, os macaenses:

[...] are a cultural hybrid, having both European and Oriental or Asian traits that allowed them to act as a bridge to connect the cultures of the West and the East. This trait allowed them to assume the role as the region's undisputed intermediary or 'middleman'¹².

O aspecto europeu, porém, sobretudo a presença portuguesa, quase sempre transmitida por via patrilinear ou *agnática*, apesar de ter perdido a sua “pureza” ancestral e, conseqüentemente, a luso-descendência, parece ser uma constante:

Macaenses são os descendentes dos portugueses, nascidos em Macau. Frequentaram as escolas locais, onde o português foi a

Councils of Goa, Macau, Bahia, and Luanda, 1550-1800. Madison: University of Wisconsin Press, 1965. 65.

¹² Peter Cabrerós. “Macao Patois Words in English?” *Revista de Cultura* 5 (Janeiro, 2003): 126-151. 137.

língua veicular de aprendizagem. Devido ao isolamento a que foram votados e à sua radicação em terra longínqua, afastada da Mãe Pátria, foram-se casando, pelos séculos fora, uns poucos com portuguesas, mas a grande maioria com as nativas regionais, misturando-se assim o sangue português com o sangue das chinesas, malaias, filipinas, etc. A percentagem do sangue português, que corre pelas veias dos descendentes desta grande maioria, é irrelevante, visto serem portugueses por descendência. Somente que nasceram em Macau e viveram no âmbito dos costumes locais, que séculos moldaram. Esses são os tais *filos de Macau*¹³.

Além da óbvia herança portuguesa e chinesa, temos de ressaltar a supracitada presença japonesa, assim como as seguintes contribuições, contudo não todas ao mesmo tempo e não todas com a mesma intensidade e percentagem: (a.) africana (quase sempre oriundas do sul do Sara, particularmente da antiga África portuguesa), (b.) ameríndia (com uma preponderância de elementos autóctones brasileiros, porém quase sempre “assimilados” ou “miscigenados” com características europeias e/ou de origem africana), (c.) árabe, (d.) persa, (e.) turca, (f.) indiana, (g.) hindustani, (h.) dravídica, (i.) indonésia, (j.) malaia, (l.) siamesa e (n.) vietnamita, para mencionar os grupos mais predominantes. Consequentemente, ser macaense significa ser “the product of the Portuguese people around the globe”¹⁴, ou melhor, o fruto da união com pessoas de outras culturas e de outras áreas do mundo: “For 450 years Macau was a home and a haven to the Macanese race, created by the

¹³ Renelde Justo Bernardo da Silva. *A identidade macaense. The Macanese Identity*. Macau: Instituto Internacional de Macau, 2001. 31-32.

¹⁴ Felipe B. Nery. *The Transitions. A Novel*. Bloomington, IN: AuthorHouse, 2006. 191.

Portuguese from Portugal who settled there and intermarried with the natives of that land and other peoples of the Far East [and beyond]”¹⁵.

A componente étnico-racial dos macaenses podia assim abraçar todos ou qualquer um dos acima referidos grupos que fazem parte do cenário humano macaense desde o seu estabelecimento em 1557. Como nos dissera Felipe B. Nery (1920-2011), um macaense da Diáspora nascido em Xangai e que viveu em terras californianas por mais de cinquenta anos: “[...] our ancestors were born in or came from Macau. Their original ancestors were part Portuguese, part local, or rather, it could be any nationality: it could be Chinese, or anything else. It is a mixture”¹⁶.

Ou Mun, ou seja, “porta do comércio”, devido à sua posição na foz do Rio das Pérolas em Cantão, era uma antiga cidade portuária ligada à Rota da Especiarias, onde pescadores de Fujian e agricultores de Guangdong (Cantão) compartiam o espaço e, sobretudo, os interesses comerciais. *Ou Mun* era também denominada *Á Má Gao*, nomeadamente, “lugar/baía de Á Má”, templo em honra de Mazu (também grafado Matsu), deusa e protectora de todos os marinheiros da área. De facto em 1488, quase quatro lustros antes da chegada dos primeiros portugueses, a população ergueu, não muito longe do porto, um templo em honra da mesma divindade.

Com o passar do tempo *Á Má Gao* transformou-se em Macau, nome adaptado/adoptado pelos portugueses. Com a autorização dos mandarins de Guangdong (Cantão) os portugueses fundaram Macau,

¹⁵ José Pedro Castanheira. *Macau: The Final Years*. Trad. Felipe B. Nery. 2003. i. [coleção privada do tradutor].

¹⁶ Joseph Abraham Levi. “A Telephone Conversation with Felipe B. Nery. Part I.” 10 de Abril de 2009 (Colma, CA, USA)/11 de Abril 11 de 2009 (Hong-Kong).

onde o Oriente se cruzava com o Ocidente. Nasceram assim o *Filho de Macau* e o *Filho da Terra*:

Filho de Macau is “son of Macau.” His ancestors were/are Macanese. It is different from *Filho da Terra* [son of the Land], which means a “person born in Macau” without any Portuguese and/or Macanese ancestry¹⁷.

O macaense é portanto uma “mistura de misturas”. Como Frederic A. (Jim) Silva (1928-2021) tem justamente afirmado, ser macaense é mais um “estado de espírito” do que qualquer outra coisa; ou seja, é uma escolha que um macaense, apesar das suas origens étnicas/raciais, faz para fazer parte de uma comunidade — a comunidade macaense — em Macau assim como na Diáspora:

[...] most of us are Eurasians. It is an anthropological fact. Some can trace back a Portuguese ancestor [...] Some can also trace direct Chinese ancestry. But for the majority it has been a case of mixed blood and subsequently a mixture of mixtures. In time, all who intermarried settled down to become Sons of Macao. A Son of Macau is not so much a description of a racial type as a frame of mind. One belongs to the community because one wants to belong, and in turn the community accepts, with no barriers other than a willingness to belong¹⁸.

¹⁷ Joseph Abraham Levi. “A Telephone Conversation with Felipe B. Nery. Part I.” 10 de Abril de 2009 (Colma, CA, USA)/11 de Abril de 2009 (Hong-Kong).

¹⁸ Frederic A. (Jim) Silva. *Todo o nosso passado: Os Filhos de Macau, sua história e herança. All Our Yesterdays: The Sons of Macao, Their History*

Como sugere Frederic A. (Jim) Silva in *Things I Remember*, o poder dos macaenses vem de dentro assim como, e mormente, da cultura e da(s) comunidade(s) macaenses, em si extremamente multifacetadas. Devido ao seu próprio passado histórico, os macaenses, talvez subconscientemente, sentiram-se de facto completamente à-vontade neste ambiente imposto pelos portugueses no meio das demais culturas “estrangeiras” em solo macaense:

Knowingly or not, we owed our strength and assurance to our culture and our community. There were enough of us in numbers to live within our own world. We could socialize and intermarry without ever going beyond the community. Most of us, and our fathers and grandfathers before us, appeared happy enough to conform and not feel those psychological hang-ups other Eurasians may have felt in living the colonial life¹⁹.

Durante a administração portuguesa os macaenses, apesar de ser um grupo minoritário sem um estatuto especial, tinham a vantagem de ser um grupo coeso, extremamente unido. Consequentemente, os macaenses conseguiram manter algumas das características que os distinguiam dos demais grupos étnico-linguísticos.

Frederic A. (Jim) Silva também frisa que, devido ao facto de ser uma “grande comunidade”, os macaenses podiam sempre contar com os

and Heritage. Trad. Maria Alice Morais Jorge e Cecília Jorge. Ed. R. Beltrão Coelho. Macau: Livros do Oriente, 1996. 25.

¹⁹ Frederic A. (Jim) Silva. *Things I Remember*. San Francisco: Frederic A. Silva, 1999. 12-13.

seus clubes, os seus nomes *sui generis*, a sua religião, a sua comida, o seu *patuá* e as suas “raízes de Macau, às quais ficavam agarrados”.

De facto Silva sente um enorme orgulho em frisar: “We belonged, and we were secure in the knowledge that we did”²⁰ Em outras palavras, como “*filhos de Macau*” os macaenses sentiam-se “seguros” no seu próprio espaço. Isto era suficiente para se sentirem e fazerem efectivamente parte da própria comunidade. Em outras palavras, durante a administração portuguesa os macaenses conheciam o seu “lugar” e aceitavam-no: “Unfair or unjust as things may have been, we had no hang-ups. We had our own world and our community”²¹.

Talvez o seguinte excerto do “Macanese Manifesto” de Felipe B. Nery represente melhor a questão, nomeadamente, não obstante o passar dos séculos e, apesar de as situações terem mudado, os macaenses continuarão a existir, apesar das “ameaças” de extinção ou da inevitável diluição em outras etnias, raças e línguas deste nosso grande orbe:

We may not all look like our European forefathers but our blood and spirit remain unadulterated — are pure in the sense of ours intent and purpose in life. [...] we have become a race known as Macanese and we are proud of it. We aim to succeed for generations to come wherever we are driven to. [...] Have no fear, for we shall prevail [...]²².

Como mencionado supra, na citação do jesuíta León Lopetegui, S.J., o qual, por sua vez, se referia à *Relação da China* composta por

²⁰ Frederic A. (Jim) Silva. *Things I Remember*. San Francisco: Frederic A. Silva, 1999. 13.

²¹ Frederic A. (Jim) Silva. *Things I Remember*. San Francisco: Frederic A. Silva, 1999. 13.

²² Felipe B. Nery. *The Transitions. A Novel*. Bloomington, IN: AuthorHouse, 2006. xi.

Juan Bautista Román, factor da *Real Hacienda* das Ilhas Filipinas, aquando da descrição do tipo de população que se encontrava no recém-nascido território português na Ásia Extrema, já desde os primórdios da sua fundação os habitantes de Macau se encontravam constituídos por pessoas de origem chinesa, japonesa, indiana, malaia e, obviamente, crioula, esta última definição a abranger qualquer pessoa com ascendência étnico-racial mista, dos euro-asiáticos aos asiáticos multi-étnicos/multiraciais e seus descendentes.

Foi exactamente desta interacção e convivência multiracial/étnica que a etnia macaense surgiu e, com ela, a sua língua crioula, o macaense ou, como precedentemente mencionado, o macaísta, o macaense ou o *patoá* (*Papiá* ou *Papiaçam di Macau*). Como todos os crioulos de base portuguesa, em si, o macaísta conserva elementos arcaicos portugueses, assim como outros idiomas vindos de fora (sobretudo o japonês, as línguas indianas e as do sudoeste asiático) e, obviamente, elementos da língua chinesa, neste caso, o cantonense:

Patua—a mixture of medieval Portuguese, Malay, Cantonese [...], Indian languages and Japanese—was widely spoken in Macau in the 19th and early 20th centuries. Today, fewer than 1,000 in the world speak it²³.

Com os séculos, como era de esperar, a influência do Chinês, sobretudo a nível de léxico e expressões idiomáticas, fez de maneira que o macaísta se tornasse mais e mais aberto a empréstimos sínicos. Com a sempre crescente influência do Inglês, começada já nas primeiras

²³ Freda Wan. “Girl Talk. A Macanese Play Exploring Timeless Women’s Issues Was Written to Rekindle Interest in a Dying Language.” *Sunday Morning Post* (Hong-Kong) Arts/The Review 6 de Março (2005): 9.

décadas do século XX, e através da vizinha Hong-Kong e do resto do Mundo, ultimamente graças à Internet e aos meios de comunicação de massa, o prestígio da língua de Shakespeare se tem manifestado também nas suas contribuições ao macaísta e, de uma certa forma, “corrupting beyond recognition the original pure Portuguese that was still spoken by those newly arriving from Lisbon”²⁴.

A língua macaísta é mais um aspecto desta identidade macaense em risco de extinção, ou melhor, em rápida extinção, para não dizer, já morta. Era a *lingu maquista* de Santos Ferreira e de Senna Fernandes:

De escritores macaenses vivos, espectadores, portanto, e participantes, neste virar do século, apenas poderei citar dois: Senna Fernandes, contista e romancista, e José dos Santos Ferreira, poeta de características populares [...] pois se exprime essencialmente na escrita, na velha «língua de Macau» ou língua macaísta (*lingu maquista*), o dialecto português antigo que em Macau foi falado durante séculos, que Santos Ferreira aprendeu na infância com seus pais e avó e que hoje já quase ninguém fala²⁵.

Aquando de uma entrevista ao *South China Morning Post*, Senna Fernandes assim caracterizou o *modus vivendi* dos macaenses:

²⁴ Jonathan Porter. *Macau. The Imaginary City. Culture and Society, 1557 to the Present*. Boulder: Westview Press, 1996. 85.

²⁵ Graciete Nogueira Batalha. “Situação e perspectivas do Português e dos Crioulos de origem portuguesa na Ásia Oriental (Macau, Hong-Kong, Malaca, Singapura, Indonésia)”, in *Congresso Sobre a Situação Actual da Língua Portuguesa no Mundo. Lisboa – 1983. Actas*. 2 vols. Lisboa: ICALP, 1990. 1: 287-303.

Drinking some good scotch; some girls come a long; We have a fine time. We talk about philosophy, literature and sometimes about money. [...] The meaning of life is enjoying life, the gift God gave to you. We know what it is to enjoy life. That is the fascination of Macau. The mix of East and West. You can't touch it but you can feel it»²⁶.

Fazemos nossas as palavras de Maria Amélia da Conceição António Saldanha, advogada e directora da Casa de Portugal em Macau quando considerou o desaparecimento de Senna Fernandes “uma perda para a identidade de Macau porque através da sua ação como professor, escritor e advogado contribuiu para manter a identidade de Macau, para manter a sua diferença”²⁷.

Henrique de Senna Fernandes, macaense e universal, macaense e imortal: assim restará na História. A sua herança cultural continua nas suas obras e no seu Povo. Continuará em todos aqueles que, como ele, amam Macau. A sua herança cultural reside em nós. Obrigado Henrique!

Henrique de Senna Fernandes: Bibliografia

- Albuquerque, Orlando , Ruy Cinatti, Henrique de Senna Fernandes, Albano M. Matos, Fernando A. Monteiro e Alberto E. Oliveira. *Um Certo Gosto a Tamarindo*. Lobito: O Lobito Capricórnio, 1973.
- Cai, An'an, Yuanyuan Cai, Henrique de Senna Fernandes, Jing Ning, Ricardo Carriço e Yi Ding. *Da Bian Zi De You Huo*. China: [s.n.], 1995.
- Fernandes, Henrique de Senna. *The Bewitching Braid*. trad. David Brookshaw. Hong-Kong: Hong Kong University Press, 2004.

²⁶ James Hogg. “Lament for the Passing of a Way of Life”. *South China Morning Post* 11 de Junho de 1988.

²⁷ Maria Amélia António entrevistada pela Agência Lusa. “Macau: Morte de Henrique de Senna Fernandes é uma “perda” para identidade do território – Amélia António”. Atualidade *Visão* 4 de Outubro de 2010.

- ____. *Mong-há*. Macau: Instituto Cultural de Macau, 1998.
- ____. *A Trança Feiticeira*. Lisboa: Fundação Oriente, 1994.
- ____. *Amor e dedinhos de pé*. Macau: Instituto Cultural de Macau, 1994.
- ____. *Ai Qing Yu Xiao Jiao Zhi*. Pu yu zuo jia cong shu, 3. Macau: Aomen wen hua si shu; Shijiazhuang shi, 1994.
- ____, “Macau de ontem”, in *Presença da Cultura Portuguesa no Extremo Oriente*. Macau: Instituto Cultural de Macau, 1986. 5-20.
- ____. *Nam Van: Contos de Macau*. Macau: Henrique de Senna Fernandes, 1978.
- ____. *A-chan, a Tancareira*. Lobito: Capricórnio, 1974.
- Fernandes, Henrique de Senna e Huijuan Yu. *Da Bian Zi De You Huo*. Aomen: Aomen wen hua si shu, 1996.
- Fernandes, Miguel Senna e Alan Norman Baxter. *Maquista chapado. Vocabulário e expressões do crioulo português de Macau*. Macau: Instituto Internacional de Macau, 2001.

Henrique de Senna Fernandes: Obras incompletas

- Fernandes, Henrique de Senna. “A Noite Nasceu em Dezembro”, in “Cinco Anos, Cinco Livros”, *Livros do Oriente/Ponto Final*.
- ____. “O Pai das Orquídeas”.
- ____. “Os Dores”.

Alguns estudos relevantes

- Arrimar, Jorge e Yao Jingming, eds. *Antologia de Poetas de Macau*. Macau: Instituto Camões, Instituto Cultural de Macau, Instituto Português do Oriente, 1999.
- Azevedo, Rafael Ávila de. *A influência da cultura portuguesa em Macau*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1984.
- Batalha, Graciete Nogueira. “Situação e perspectivas do Português e dos Crioulos de origem portuguesa na Ásia Oriental (Macau, Hong-Kong, Malaca, Singapura, Indonésia)”, in *Congresso Sobre a Situação Actual da Língua Portuguesa no Mundo. Lisboa – 1983. Actas*. 2 vols. Lisboa: ICALP, 1990. 1: 287-303.
- Barros, Leonel. *Templos, Lendas e Rituais — Macau*. Macau: Associação Promotora da Instrução dos Macaenses, 2003.
- ____. *Memórias Náuticas — Macau*. Macau: Associação Promotora dos Macaenses, 2003.

- Boxer, Charles R. *O império colonial português (1415-1825)*. Lisboa: Edições 70, 1981.
- _____. *Fidalgos in the Far East, 1550-1770*. Hong-Kong: Oxford University Press, 1968.
- _____. *Portuguese Society in the Tropics: The Municipal Councils of Goa, Macau, Bahia, and Luanda, 1550-1800*. Madison: University of Wisconsin Press, 1965.
- Brookshaw, David. "Imperial Diasporas and the Search for Authenticity. The Macanese Fiction of Henrique de Senna Fernandes". *Lusotopie* (2000): 271-282.
- _____, ed. e trad. *Visions of China. Stories from Macau*. Providence: Gávea-Brown, 2002.
- Brookshaw, David e Robert Clive Willis. *Luso-Asian Voices*. Bristol: U of Bristol, Dept. of Hispanic, Portuguese, and Latin American Studies, 2000.
- Cabral, João de Pina e Nelson Lourenço. "O Macau bambu: um estudo sobre a identidade étnica macaense e a sucessão das gerações". *Administração* 6.21 (1993): 523-558.
- _____, "A questão das origens. As relações interétnicas e a condição feminina em Macau". *Sociologia — Problemas e Práticas* 11 (1992): 9-25.
- Cabrerros, Peter. "Macao Patois Words in English?" *Revista de Cultura* 5 (Janeiro, 2003): 126-151.
- Castanheira, José Pedro. *Macau: Os últimos cem dias do Império*. Lisboa: Dom Quixote, 2000.
- _____. *Macau: The Final Years*. Trad. Felipe B. Nery. 2003. [coleção privada do tradutor].
- Castro, Isabel. "O universo dos idiomas de Joseph Levi." *Ponto Final* 17 1806 3 série 17 de Junho de 2009. 10-11.
- Chun, Wang. "A Literatura Macaense de Expressão Portuguesa". *Revista de Cultura* 23 (Abril/Junho 1995).
- Costa, Francisco Lima da. *Fronteiras da Identidade. Macaenses em Portugal e em Macau*. Lisboa: Fim de Século, 2005.
- Espadinha, Maria Antónia. "Elogio académico do Doutor Henrique Rodrigues de Senna Fernandes". Universidade de Macau.
<http://www.umac.mo/honorary/2008/2008_hc_citation_Dr_HRSF_ernandes.pdf>.

- ___, "A literatura macaense em língua portuguesa: Ruptura ou continuidade?"
<<http://www.fflch.usp.br/dlcv/lport/pdf/slt06/01.pdf>>. 1-13.
- Faria, Patrícia Souza de. "'Filhos de Portugal' contra 'Filhos da Índia': Escrita e identidade no império asiático português". *Usos do Passado. XII Encontro Regional de História*. Rio de Janeiro: Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, APERJ. Anpuh Rio de Janeiro.
<<http://www.rj.anpuh.org/resources/rj/Anais/2006/conferencias/Patricia%20Souza%20de%20Faria.pdf>>.
- França, Bento da. *Macau e os seus habitantes. Relações com Timor*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1897.
- Henrique de Senna Fernandes (1923-2010)." *Hoje Macau*.
<http://hojemacau.com.mo/?page_id=3297>.
- Hogg, James. "Lament for the Passing of a Way of Life". *South China Morning Post* 11 de Junho de 1988.
- Gomes, Luís Gonzaga. "Chegam os Portugueses, pela primeira vez, à China". *Boletim do Instituto Luís de Camões* 1 3 (1966): 267-273.
- Gunn, Geoffrey C. *Ao Encontro de Macau. Uma Cidade-Estado portuguesa na periferia da China, 1557-1999*. Trad. José António N. de Sousa Tavares. Macau: CTMCDP, 1998.
- Laborinho, Ana Paula. "Sociedade e cultura e fenómenos literários — perspectivas dos estudos comparados em Macau". *Administração Revista da Administração Pública de Macau* 16.2 5 (Agosto, 1992): 451-464.
- Lessa, Almerindo. *Macau — Ensaio de Antropologia Portuguesa dos Trópicos*. Lisboa: Editora Internacional, 1996.
- Levi, Joseph Abraham. "The Many Identity Markers of Luso-Americas: Linguistic and Psychological Identities among First-, Second-, and Third-Generation Portuguese-Americans." *International Journal of Arts and Social Science* 3 3 (May-June 2020): 277-301.
- ___, "Muslim Women in Mainland China and Macau. Old Barriers, New Solutions." *E-revista de estudos interculturais do CEI-ISCAP* 7 (May 2019). <https://www.iscap.pt/~cei/E-REI%20Site/7Artigos/Artigos/Joseph%20Levi_Muslim%20women%20in%20mainland%20china%20and%20macau.pdf>.
- ___, "A Telephone Conversation with Felipe B. Nery. Part I." 10 de Abril de 2009 (Colma, CA, USA)/11 de Abril de 2009 (Hong-Kong).

- ___, “A Telephone Conversation with Felipe B. Nery. Part II.” 13 de Junho de 2009 (Colma, CA, USA)/14 de Junho de 2009 (Hong-Kong).
- ___, “Macau’s Foodscape: Identity Marker within Two Worlds,” in *Food-Scape, Swiss Chinese Cultural Explorations*. Eds. Margrit Manz e Martin Zeller. Hong-Kong: MCCM Creations, 2009. 105-108.
- ___, “澳門食物風景：兩個世界中的身份標記,” trad. Cathy Wong, in *Food-Scape, Swiss Chinese Cultural Explorations*. Eds. Margrit Manz e Martin Zeller. Hong-Kong: MCCM Creations, 2009. 109-111.
- ___, “Gastronomia macaense: Sinal de identidade entre dois mundos,” in *Food-Scape, Swiss Chinese Cultural Explorations*. Eds. Margrit Manz e Martin Zeller. Hong-Kong: MCCM Creations, 2009. 112-114.
- ___, “A mulher macaense do novo milénio: pós-colonial e ponte entre culturas,” Maria Antónia Espandinha, ed. *A Vez e a Voz da Mulher Portuguesa na Diáspora: Macau e Outros Lugares/The Voice and the Choice of Portuguese Women in the Diaspora: in Macao and Elsewhere*. Macau: Universidade de Macau, 2009. 47-68.
- Levi, Joseph Abraham, Ângelo Adriano Faria de Assis e Maria de Deus Beites Manso, eds. *A Expansão: Quando o Mundo foi Português*. Braga: NICPRI (Núcleo de Investigação em Ciências Políticas Internacionais), 2014. [2015].
- Lopetegui, León, S.J. “Contactos entre España y China en el siglo XVI. Relación de la China del factor Juan Bautista Román”. *Missionalia Hispánica* 1 (1944): 341-352.
- Nery, Felipe B. *The Select Remnant (Third) Collection of Poems and Essays*. Bloomington, IN: AuthorHouse, 2009.
- ___ . *A Collection of Poems and Essays of Past Decades Involving Discussions of Important Matters & Topics*. Bloomington, IN: AuthorHouse, 2008.
- ___ . *Essays and Poems on Past and Current Events*. Bloomington, IN: AuthorHouse, 2007.
- ___ . *The Transitions. A Novel*. Bloomington, IN: AuthorHouse, 2006.
- ___ . *Mr. Right: O Homem Ideal*. Bloomington, IN: AuthorHouse, 2004.
- ___ . *Concealed Identities: A Mystery Novel*. [s. l.]: 1st Books, 2002.
- ___ . *Filho De Macau, (A Son of Macao): An Autobiography*. New York: Vantage P, 1988.

- Noronha, Manuel e Ian Chaplin. “Cultural Identity and Intercultural Communication: An Interdisciplinary Research Approach”.
<http://comm.louisville.edu/iic/books/MX%20I/MX_Volume%20I_211-225_NORONHA_CHAPLIN.pdf>.
- Porter, Jonathan. *Macau. The Imaginary City. Culture and Society, 1557 to the Present*. Boulder: Westview Press, 1996.
- Santos, José Ferreira dos. *Obras completas de Adé*. vol. V: *Macau Sã Assi*. Macau: Fundação Macau, 1996.
- _____. *Obras completas de Adé*. vol. III: *Macau di Tempo Antigo*. Macau: Fundação Macau, 1996.
- _____. *Poëma na língu maquista (Poesia em papel-de-arroz)*. Macau: Livros do Oriente, 1992.
- _____. *Dóci papiaçám di Macau*. Macau: Instituto Cultural de Macau, 1990.
- _____. “Nhum Vêlo”. 1986.
- _____. “Estória di Maria co Aléris Juám”. *Macau di tempo antigo*. Macau: José dos Santos Ferreira, 1985.
- _____. *Macau di Tempo Antigo. (Poesia e Prosa)*. — *Dialecto Macaense* —. Macau: José dos Santos Ferreira, 1985.
- _____. *Poëma di Macau*. — *Dialecto Macaense*. Macau: Leal Senado, 1983.
- _____. *Bilhar e caridade. Poesia*. Macau: José dos Santos Ferreira, 1982.
- _____. *Camões, Grândi na Naçám*. — *Dialecto Macaense* —. Lisboa: Fundação A-Má-Kók, 1982.
- _____. *Papiá Cristám di Macau — Epítome de gramática comparada*. Macau: José dos Santos Ferreira, 1978.
- _____. *Qui-nova, chencho — Dialecto Macaense*. Macau: José dos Santos Ferreira, 1974.
- _____. “Merenda Ai”. *Macau sã assi*. 1967. Macau: Tipografia da Missão do Padroado, 1968.
- _____. *Macau sa Assi*. 1968.
- _____. *Escandinávia, Região de Encantos Mil*. 1960.
- Silva, Frederic A. (Jim). *Todo o nosso passado: Os Filhos de Macau, sua história e herança. All Our Yesterdays: The Sons of Macao, Their History and Heritage*. Trad. Maria Alice Morais Jorge e Cecília Jorge. Ed. R. Beltrão Coelho. Macau: Livros do Oriente, 1996.
- _____. *Things I Remember*. San Francisco: Frederic A. Silva, 1999.
- Silva, Renelde Justo Bernardo da. *A identidade macaense. The Macanese Identity*. Macau: Instituto Internacional de Macau, 2001.

- Sousa, Lúcio de. *The Portuguese Slave Trade in Early Modern Japan: Merchants, Jesuits and Japanese, Chinese, and Korean Slaves*. Trad. Joseph Abraham Levi. Bóston: Brill, 2018.
- _____. *The Jewish Diaspora and the Perez Family Case in China, Japan, the Philippines, and the Americas (16th Century)*. Trad. Joseph Abraham Levi. Macau: Instituto Cultural de Macau, 2015.
- Teixeira, Manuel. “Os Macaenses”. *Revista de Cultura* 20 (1994): 61-96.
- _____. *Vultos marcantes em Macau*. Macau: Direcção dos Serviços de Educação e Cultura, 1982.
- Vale, Maria Manuela. “A escrita da cidade e a narrativa macaense”. *Revista de Filología Románica* 2 (2001): 301-322.
- Wan, Freda. “Girl Talk. A Macanese Play Exploring Timeless Women’s Issues Was Written to Rekindle Interest in a Dying Language.” *Sunday Morning Post* (Hong-Kong) Arts/The Review 6 de Março (2005): 9.

Universidade de Coimbra: 95 anos de tradição no ensino de língua e cultura portuguesas a alunos estrangeiros

Rui Pereira

Diretor dos Cursos de Português para Estrangeiros
Faculdade de Letras | Universidade de Coimbra

1. A Universidade de Coimbra e a língua portuguesa

Realizou-se no verão passado, mais precisamente de 24 de junho a 30 de julho, o 95.º Curso de Férias de Língua e Cultura Portuguesas. Realizado quase ininterruptamente desde 1925 (Fernandes 1996; Nunes 2014), este é um dos cursos promovidos pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (FLUC) com a finalidade de acolher e formar alunos estrangeiros em língua e cultura portuguesas, dotando-os não apenas de competências linguísticas, mas também de conhecimentos sobre o passado e o presente de Portugal e de outros países de língua portuguesa.

Ao longo dos últimos 95 anos, este e outros cursos de português têm levado à Universidade de Coimbra (UC) milhares de estudantes provenientes de dezenas de países dos cinco continentes, tornando a Faculdade de Letras um polo simultaneamente aglutinador e difusor de diferentes culturas, variadas línguas de comunicação, distintos modos de vida e visões do mundo, tendo como objetivo a partilha e construção de um mundo multilingue e multicultural. A língua portuguesa, veículo e expressão de diversas culturas (portuguesa, brasileira, mas também culturas africanas e asiáticas), sempre foi o motor principal e o elemento construtor desta possibilidade (Paiva 2014: 9).

Fundada em 1290, sendo, por isso, a mais antiga universidade do mundo lusófono e uma das mais antigas da Europa, a Universidade de Coimbra teve um papel determinante na fixação de um padrão de língua portuguesa, inicialmente falado apenas em Portugal, mas depois difundido em todas as zonas do planeta em que os portugueses marcaram presença pela expansão ultramarina a partir do séc. XV. Pode dizer-se que, durante séculos, ela foi o berço da norma linguística do português e, ainda hoje, a língua falada na região de Coimbra continua a ser vista como uma variante de prestígio, um exemplo de português correto.

Em 2013, a UNESCO conferiu à Universidade de Coimbra, à Alta da cidade e à Rua da Sofia a distinção de património mundial da humanidade. Como sublinhou o reitor da Universidade naquela ocasião, mais do que o rico valor patrimonial da universidade e da cidade, a UNESCO distinguiu “o valor universal da cultura e da língua portuguesas, reconhecendo o papel central que Portugal teve na formação do mundo como hoje o conhecemos” (Paiva 2014: 10).

De facto, ao longo de séculos, a Universidade de Coimbra formou as mais destacadas personalidades da cultura, da ciência e da política de diversos países, obviamente de Portugal, mas também do Brasil e dos restantes países que fazem parte da Lusofonia. Na Universidade de Coimbra estudaram alguns dos mais ilustres poetas e escritores da língua portuguesa, como Camões, Eça de Queirós, Antero de Quental, Vergílio Ferreira ou Miguel Torga, os quais continuam hoje a ser lidos e estudados em todo o mundo.

Boa parte do contacto entre Portugal e o Oriente teve a mediação da Universidade de Coimbra, seja por intermédio dos que viveram nesta cidade e depois partiram por mar rumo ao desconhecido, e aportaram na Índia (1498), Brasil (1500), China (1513) e Japão (1543), alterando radicalmente o mapa geopolítico mundial, seja através dos muitos que ali estudaram e difundiram o conhecimento por todo o mundo, participando ativamente no processo de globalização (Carvalho *et al.* 2014: 31).

Fruto da sua projeção no tempo e no espaço, o português é uma língua com uma memória textual de mais de oito séculos e com uma enorme relevância em termos geográficos, demográficos e económicos. O português é, como sabemos, língua materna no Brasil e em Portugal, língua oficial de vários países e regiões administrativas (Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe, Timor-Leste, Macau), língua de herança em muitos países da Europa, da América e da Ásia, e língua de comunicação e de identidade em muitas comunidades de emigrantes espalhadas por todo o mundo, conferindo-lhe um carácter transnacional e transcontinental. São emblemáticas as palavras de Agostinho da Silva a este respeito: “Do rectângulo da Europa passámos para algo totalmente diferente. Agora, Portugal é todo o território de língua portuguesa” (Mendanha 1994).

Importa sublinhar que o português é, segundo dados recentes fornecidos pelo *Observatório da Língua Portuguesa*, a 4.^a língua mais falada no mundo, logo após o mandarim, o inglês e o castelhano, sendo a língua mais falada no hemisfério sul e uma das mais usadas por quem navega na internet. O português é falado por cerca de 261 milhões de pessoas, um número que deverá continuar a crescer graças ao aumento demográfico que se irá registar, principalmente no continente africano. De acordo com projeções das Nações Unidas, em 2050, o número de falantes rondará os 400 milhões, prevendo-se que atinja os 500 milhões no fim do século.

Além de ser uma língua de ciência e de cultura, o português afirma-se cada vez mais como uma língua de comunicação e de negócios. É língua oficial e de trabalho de variadas organizações mundiais, como a União Europeia, a Comunidade de Países de Língua Portuguesa, o Mercosul, a Organização dos Estados Americanos e a União Africana. Por isso, saber falar português representa hoje, no mercado de trabalho, uma mais-valia competitiva. Estando o inglês tão globalizado, ser proficiente em português pode ser um fator diferenciador no momento de uma empresa ou instituição decidir contratar alguém.

Em suma, como nota Miguel Torga,

Não somos um povo morto, nem sequer esgotado. Temos ainda um grande papel a desempenhar no seio das nações, como a mais ecuménica de todas. O mundo não precisa hoje da nossa insuficiente técnica, nem da nossa precária indústria, nem das nossas escassas matérias-primas. Precisa da nossa cultura e da nossa vocação para o abraçar cordialmente, como se ele fosse o património natural de todos os homens. (Torga 1990: 37).

2. O ensino de português como língua estrangeira

A língua portuguesa é uma das linhas estratégicas da Universidade de Coimbra. Na linha do que sempre fez no passado e que foi reconhecido internacionalmente pela UNESCO, a Universidade de Coimbra deseja continuar a promover o português como uma língua de ciência e cultura à escala global, e como um elemento de coesão nos países de língua portuguesa. Hoje como ontem, os cursos de português para estrangeiros

contribuem de modo decisivo para que a Universidade de Coimbra seja uma *universitas*, isto é, uma universidade global, uma instância de saber universal partilhado com todo o mundo (Paiva 2014: 9-10).

Dando corpo a esta orientação estratégica, a Faculdade de Letras tem vindo a robustecer a sua já longa tradição de educação e investigação no campo do ensino de português a estudantes estrangeiros. Em primeiro lugar, pela diversificação da sua oferta formativa, com a criação dos cursos anuais, cursos intensivos, como o que é frequentado, por exemplo, pelos alunos da Universidade de Estudos Estrangeiros de Quioto (KUFS), cursos de formação avançada e cursos de português para fins e públicos específicos. Entre os cursos de formação avançada, contam-se (i) o doutoramento em Linguística do Português, (ii) o mestrado em Português como Língua Estrangeira e Língua Segunda, (iii) o curso de Ensino a Distância “Aprendizagem e Ensino de Português Língua Não Materna” e (iv) o curso “A China e os Países de Língua Portuguesa na Economia Mundial: Comércio, Turismo, Cooperação e Desenvolvimento” (cf. <https://www.uc.pt/fluc/ensino/cpe>).

Nos últimos anos, a Faculdade de Letras tem oferecido também o Curso Preparatório em Língua Portuguesa/Ano Zero, um curso dirigido a estudantes que foram aceites na Universidade de Coimbra com base em exames reconhecidos (e.g. Gaokao, Liankao, A-Level, International Baccalaureate), mas não possuem os conhecimentos de língua portuguesa necessários. Este programa provê uma formação intensiva e acompanhamento personalizado para o desenvolvimento de competências em língua portuguesa (do nível A1 ao nível B1), permitindo assim que o aluno possa frequentar os cursos de graduação e de pós-graduação desta universidade.

Para além disso, a FLUC tem trabalhado no sentido de produzir manuais de português específicos para alunos estrangeiros, de tornar mais eficientes os níveis de organização das atividades que promove e de acolher cada vez melhor os estudantes internacionais que a procuram cada vez em maior número.

2.1. Número e origem geográfica dos alunos

Na última década (de 2008 a 2018), frequentaram os Cursos de Português para Estrangeiros mais de 5 mil alunos, numa média de cerca de 600 alunos

por ano. Se exectuarmos os anos de 2011-2012 e 2012-2013, que coincidiram com o pico da crise económica que afetou Portugal e o mundo ocidental, a procura destes cursos tem vindo gradualmente a aumentar (cf. Gráfico 1).

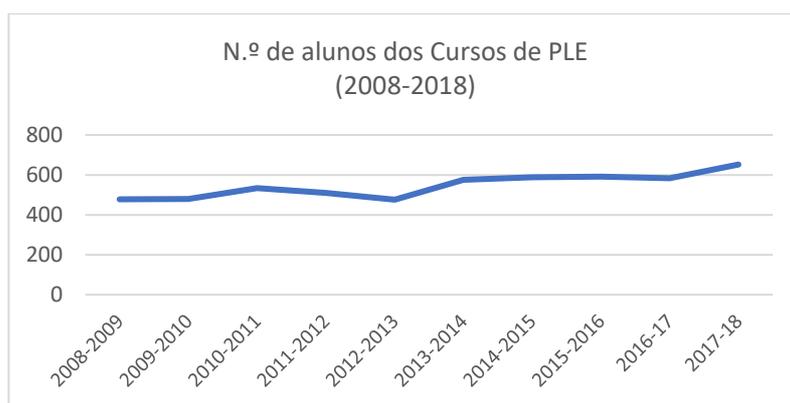


Gráfico 1. Evolução da procura dos Cursos de Português para Estrangeiros: de 2008 a 2018 (Fonte: FLUC)

Estes valores não incluem os alunos abrangidos pelo programa de mobilidade Erasmus (cerca de 1500 alunos por ano) que incluem a frequência da disciplina de Língua Portuguesa nos respetivos *Learning Agreement*.

Analisando os dados por Curso (cf. Gráfico 2), verificaremos que existe uma preponderância do Curso Anual de Língua e Cultura Portuguesas sobre os demais. Entre os Cursos Intensivos, o curso ministrado em setembro é o que apresenta maior procura, em virtude, sobretudo, da afluência de alunos Erasmus no início do ano letivo. Muitos destes alunos inscrevem-se neste curso para se ambientarem ao país e à cidade, mas sobretudo para adquirirem conhecimentos linguísticos que lhes permitam assistir às aulas de licenciatura e de mestrado com maior facilidade, uma vez que muitas delas são lecionadas em português.

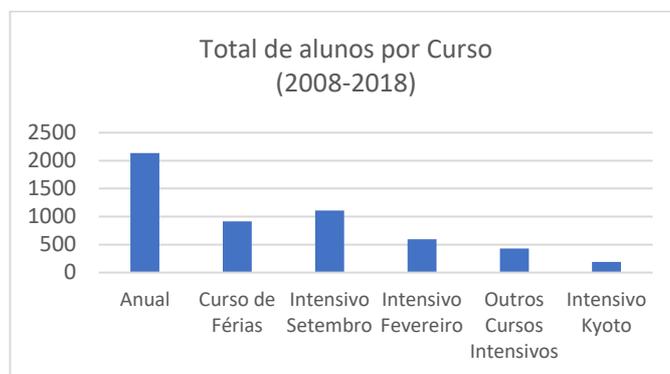


Gráfico 2. Distribuição, por curso, dos alunos de Português Língua Estrangeira: de 2008 a 2018 (Fonte: FLUC)

A atratividade do Curso Anual tem vindo a intensificar-se nos últimos cinco anos letivos, tendo este ano ultrapassado o limiar dos 300 alunos inscritos.

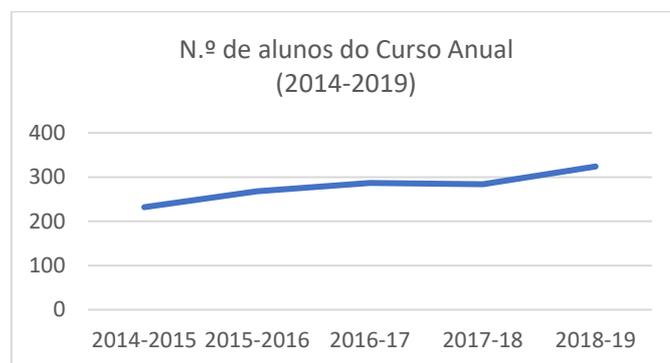


Gráfico 3. Evolução da procura do Curso Anual de Língua e Cultura Portuguesas para Estrangeiros: de 2014 a 2019 (Fonte: FLUC)

Os alunos que presentemente demandam estes cursos são oriundos de países muito diversos, indo do Canadá ao Chile, da Rússia à Grécia, da África do Sul aos Camarões, do Irão à Indonésia, com uma clara predominância dos alunos de origem asiática. Entre estes destacam-se os de nacionalidade chinesa (47%), coreana (9%) e japonesa (6%).

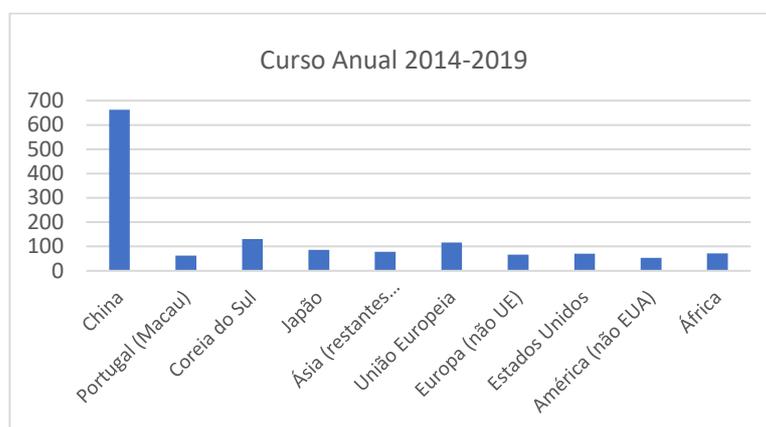


Gráfico 4. Distribuição, por nacionalidades, dos alunos do Curso Anual: de 2014 a 2019 (Fonte: FLUC)

A origem geográfica dos alunos destes cursos alterou-se profundamente nas últimas décadas. Se antes provinham maioritariamente de países europeus e dos EUA (Fernandes 1996, 2014; Rio-Torto 2014), nos últimos anos, os alunos provenientes da China e das regiões administrativas especiais de Macau e Hong Kong aumentaram exponencialmente, representando atualmente mais de metade dos alunos que frequentam o Curso Anual. Este estado de coisas reflete as mudanças que têm alterado o dinamismo geopolítico mundial, com a ascensão dos chamados “países emergentes”. A China vem apostando, sobretudo na última década, no ensino e aprendizagem da língua portuguesa, que considera vital para reforçar as relações comerciais com os países lusófonos, nomeadamente o Brasil e Angola. São já mais de meia centena as universidades na China com cursos de língua portuguesa, o que significa que todos os anos são formados centenas de licenciados em português para as áreas diplomática e económica (André 2018; Pereira, no prelo).

Em Macau, a língua portuguesa continua a ser uma das línguas oficiais, sendo o domínio do português importante não apenas nos planos legal, político e económico, mas também nos domínios cultural e histórico. Isso faz com que haja vários milhares de jovens e adultos de origem chinesa a estudar, todos os anos, a língua portuguesa em instituições públicas e privadas daquele território.

As autoridades chinesas estão bem conscientes da importância económica e cultural da língua portuguesa no mundo, o que se traduz na aposta consciente na preparação de numerosos jovens quadros como falantes de português, e o contexto de imersão linguística que Portugal e, em particular, a Universidade de Coimbra proporciona não é negligenciado. De facto, em muitos casos, o *Curso Anual* e o *Curso de Férias* constituem um complemento dos estudos de língua e cultura portuguesas que se estão a desenvolver em universidades daquele país.

A língua portuguesa também continua a atrair estudantes do outro lado do Atlântico, principalmente nos Estados Unidos (Furtoso & Rivera 2013; Saraiva 2010). A par da atratividade turística do nosso país, o reforço das ligações dos membros da NATO, nomeadamente entre os EUA e o Brasil, explica a procura dos cursos de português como língua estrangeira da FLUC por parte de cidadãos norte-americanos e tem impulsionado o intercâmbio científico entre a Universidade de Coimbra e instituições de ensino superior americanas, nomeadamente com a Universidade de Wisconsin-Madison e a Academia Militar de West Point.

2.2. Oferta formativa

A oferta formativa da FLUC em português como língua estrangeira encontra-se estruturada em cursos intensivos e cursos anuais, sendo estes organizados em dois semestres. A estes acrescem os cursos de ensino a distância.

Para o ano letivo 2019-2020, está prevista a oferta dos seguintes cursos:

- I. Cursos anuais:
 - a) *65.º Curso Anual de Língua e Cultura Portuguesas;*
 - b) *Língua Portuguesa Erasmus;*
 - c) *Curso Preparatório em Língua Portuguesa/Ano Zero.*
- II. Cursos Intensivos:
 - a) *96.º Curso de Férias de Língua e Cultura Portuguesas;*
 - b) *Curso Intensivo de Língua Portuguesa/setembro;*
 - c) *Curso Intensivo de Língua Portuguesa/fevereiro;*
 - d) *Curso Intensivo para alunos da Kyoto University of Foreign Studies (KUFS);*

e) *Curso Intensivo para alunos da Beijing Normal University (BNU) – Business School.*

2.2.1. Cursos anuais

2.2.1.1. Curso Anual de Língua e Cultura Portuguesas para Estrangeiros

Lecionado desde 1956, o Curso Anual de Língua e Cultura Portuguesas para Estrangeiros tem já mais de sessenta edições. Nos últimos anos, tem sido frequentado por uma média de duas centenas e meia de estudantes em cada semestre. Encontra-se organizado em cinco níveis (A1, A2, B1, B2 e C1), em conformidade com os parâmetros definidos no *Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas*.

Plano de estudos

1.º semestre	2.º semestre
Iniciação (A1) Elementar (A2) Pré-intermédio (B1) Intermédio (B2) Avançado (C1)	Iniciação (A1) Elementar (A2) Pré-intermédio (B1) Pré-intermédio (B1+) Intermédio (B2) Intermédio (B2+) Avançado (C1+)

Apresenta-se de seguida a sua estrutura curricular (o número de horas indicado é semanal). Às disciplinas elencadas, acresce em cada semestre, e em cada um dos níveis, um conjunto de *Atividades Culturais*.

Iniciação (A1)		Elementar (A2)	
Estruturas da Língua Portuguesa	5h	Estruturas da Língua Portuguesa	5h
Comunicação Oral	5h	Comunicação Oral	5h
Comunicação Escrita	4h	Comunicação Escrita	4h
Laboratório	4h	Laboratório	4h

Em todos os níveis são lecionadas as seguintes disciplinas de língua: *Estruturas da Língua Portuguesa*, que incide sobre os conhecimentos gramaticais; *Laboratório*, que trabalha a perceção e a produção fonética; *Comunicação Oral e Comunicação Escrita*, que desenvolvem as competências de compreensão e de produção de textos orais e escritos.

As disciplinas de natureza cultural são acrescentadas gradualmente a partir do nível Pré-intermédio (B1), pois é a partir deste limiar que os alunos detêm os conhecimentos mínimos para aceder aos conteúdos e ao tipo de textos que são utilizados nessas aulas. Assim, no nível Pré-intermédio têm aulas de *Cultura Portuguesa*; no nível Intermédio frequentam *História de Portugal*, *Geografia de Portugal e Arte Portuguesa*.

Pré-intermédio (B1 e B1+)		Pré-intermédio (B2 e B2+)	
Estruturas da Língua Portuguesa	5h	Estruturas da Língua Portuguesa	4h
Comunicação Oral	3h	Comunicação Oral e Escrita	4h
Comunicação Escrita	3h	Laboratório	2h
Laboratório	3h	História de Portugal	4h
Cultura Portuguesa	4h	Geografia de Portugal	2h
		Arte Portuguesa	2h

No nível Avançado, os alunos podem escolher cinco disciplinas entre as seguintes opções: *Arte Portuguesa*, *Geografia de Portugal*, *Portugal Contemporâneo*, *Linguística Portuguesa*, *Literaturas de Língua Portuguesa* e *Sociedade Portuguesa*.

Avançado (C1 e C1+)		
Estruturas da Língua Portuguesa		4h
Comunicação Oral e Escrita		4h
Opções	Arte Portuguesa	2h
	Geografia de Portugal	2h
	Linguística Portuguesa	2h
	Literaturas de Língua Portuguesa	2h
	Portugal Contemporâneo	2h
	Sociedade Portuguesa	2h

2.2.1.2. Língua Portuguesa Erasmus

Este curso destina-se a alunos que, ao abrigo do Programa de Mobilidade Erasmus, frequentam as Faculdades da Universidade de Coimbra e de outras instituições de ensino superior da cidade. Nos anos mais recentes, este curso tem sido frequentado por uma média de 1500 alunos por ano.

Organizada em quatro níveis (A1, A2, B1, B2), a formação que obtêm permite-lhes desenvolver a sua atividade diária com relativa normalidade e, em muitos casos, usar a língua portuguesa de forma mais proficiente nos cursos de graduação ou de pós-graduação que frequentam.

Plano de estudos

1.º semestre	Componente letiva	ECTS
Língua Portuguesa ERASMUS I	4 h	6
Língua Portuguesa ERASMUS II	4 h	6
Língua Portuguesa ERASMUS III	4 h	6

*ECTS - European Credit Transfer System

2.º semestre	Componente letiva	ECTS
Língua Portuguesa ERASMUS I	4 h	6
Língua Portuguesa ERASMUS II	4 h	6
Língua Portuguesa ERASMUS III	4 h	6
Língua Portuguesa ERASMUS IV	4 h	6

Visa-se, em todos os níveis, desenvolver a competência comunicativa dos alunos em língua portuguesa e, ao mesmo tempo, ajudar os estudantes a obter uma visão mais aprofundada sobre os aspetos da cultura e da sociedade portuguesa.

2.2.2. Cursos intensivos

Os cursos intensivos seguem *grosso modo* a estrutura do Curso Anual de Língua e Cultura Portuguesas para Estrangeiros. Tendo a duração de 3 ou 4 semanas, têm um regime de lecionação e de aprendizagem mais intensivo e, na maioria dos casos, uma estrutura curricular mais reduzida.

Localizados temporalmente no início (setembro), meio (fevereiro) e fim do ano letivo (julho), de modo a não colidir com as atividades dos cursos de licenciatura, mestrado e doutoramento, destinam-se a estrangeiros que, por motivos diversos, desejam iniciar-se ou aperfeiçoar-se no conhecimento da língua e cultura portuguesas. Estes cursos atraem um público muito diversificado, desde estrangeiros que mudaram a sua residência para Portugal, pessoas que casaram com cidadãos portugueses, emigrantes de 2.^a ou 3.^a gerações que desejam conhecer a língua e cultura maternas dos seus pais ou avós, profissionais de ramos diversos (jornalistas, empresários, advogados, tradutores, etc.), estudantes de português em outras geografias que desejam aperfeiçoar os seus conhecimentos linguísticos e culturais, alunos que pretendem ingressar na Universidade de Coimbra, só para referir os mais comuns.

Quando solicitada para tal, a Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra leciona cursos intensivos para fins ou públicos específicos. Disso são exemplo os cursos elaborados especificamente para alunos de algumas

universidades internacionais, como a Kyoto University of Foreign Studies (KUFS) e a Beijing Normal University (BNU) – Business School.

2.2.2.1. Curso Intensivo para alunos da KUFS

Este curso destina-se exclusivamente a alunos da Universidade de Estudos Estrangeiros de Quioto e realiza-se ao abrigo de um convénio estabelecido, em 1993, entre ambas as instituições. Tem lugar habitualmente durante o mês de fevereiro, sendo frequentado por cerca de duas dezenas de alunos em cada edição. O plano de estudos comporta 25 horas de aulas por semana, distribuídas por disciplinas de língua e de cultura portuguesas. Inclui ainda uma disciplina de acompanhamento pedagógico, na qual os alunos podem retirar dúvidas e/ou reforçar conhecimentos adquiridos.

Plano de estudos

Disciplina	Componente letiva
Língua Portuguesa	10 horas / semana
Conversação	5 horas / semana
Laboratório	5 horas / semana
Civilização	3 horas / semana
Estudo Acompanhado	2 horas / semana

2.2.2.2. Curso Intensivo para alunos da Beijing Normal University (BNU) – Business School

Este curso, frequentado unicamente por alunos da Universidade Normal de Pequim, procura dar resposta ao interesse crescente no aprofundar das relações económicas entre a China e os países lusófonos, garantindo os conhecimentos necessários ao sucesso da futura atividade profissional dos participantes.

Realizando-se normalmente nos meses de julho/agosto, este curso tem um plano de estudos de três semanas, em que se aliam as aulas de língua portuguesa e os seminários de Gestão e de Economia.

Plano de estudos

Disciplina	Componente letiva
Língua Portuguesa	10 horas / semana
Comunicação oral e escrita	10 horas / semana
Portuguese Business and economics an Introduction: 1 – Portuguese Economy: an abridged survey. 2 – Management in Portugal. 3 – Portuguese social and economic environment.	5 horas / semana

2.2.3. Atividades culturais

Os Cursos de Português para Estrangeiros da FLUC, para além da componente letiva, incorporam sempre um programa cultural. Na maioria dos casos, incluem viagens de estudo a lugares e espaços de inegável valor patrimonial histórico-cultural e/ou natural. Para além de constituírem momentos de convívio e de interação em português, o facto de serem orientadas por professores de História ou Geografia transforma estas viagens em verdadeiras “aulas vivas”, em momentos propícios à aquisição de conhecimentos geográficos, históricos e culturais deste povo “à beira-mar plantado”. Como sabemos, é fora do âmbito da sala de aula que muito da língua se aprende e, sobretudo, da cultura de um povo.

Às viagens de curso, juntam-se habitualmente outros variados eventos: a receção de boas-vindas e o jantar de fim de curso, visitas guiadas pela cidade de Coimbra e às ruínas romanas de Conímbriga, a participação em atividades temáticas, como o Dia Verde (com visita ao Jardim Botânico), Dia da Arte, Dia da Música, etc.

O programa cultural destes cursos configura, pois, uma indiscutível mais-valia da oferta da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, se comparada com as suas concorrentes diretas, e, acima de tudo, um fator de atratividade extra para os estudantes.

2.2.4. Cursos de ensino a distância

A Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra está a promover, num consórcio com a Universidade Aberta, vários cursos de Português a distância. No ano passado, realizou-se o primeiro curso de Português C1, estando a próxima edição prevista para o 1.º semestre de 2019-2020. No 2.º semestre do próximo ano letivo, irão arrancar também os Cursos de Português B1 e Português B2.

Trata-se de cursos na modalidade de e-Learning, com a duração de 104 horas, divididos em módulos temáticos e contemplando atividades que visam o desenvolvimento de competências nas diferentes modalidades de uso da língua portuguesa.

B1	B2	C1
1. Política ambiental e desenvolvimento sustentável	1. Educação ambiental	1. Quotidiano português: trabalho e lazer
2. Acesso à educação	2. Educação formal e informal	2. Economia e globalização
3. Viagens	3. Lazer no mundo digital	3. Turismo
4. Profissões em extinção	4. Automatização e mercado de trabalho	4. Migrações e mentalidades
5. Aspectos da geografia e da história de Portugal	5. Vultos da cultura portuguesa	5. Ciência, inovação, tecnologias e desenvolvimento
6. Desafios da demografia	6. Movimentos sociais	6. Estudar em Portugal
7. Fronteiras	7. <i>Media</i>	7. Língua Portuguesa: génese e variação
		8. Património material e imaterial

Estes cursos destinam-se a estudantes estrangeiros que, sem sair do lugar onde vivem, pretendam alcançar um nível de proficiência em língua portuguesa que lhes permita, por exemplo, iniciar um curso superior numa universidade portuguesa ou brasileira.

3. Investigação

Por último, importa referir que as universidades não podem resumir-se a simples transmissoras de conhecimento. Se assim fosse, não se distinguiriam das instituições de ensino básico e médio. As universidades devem ser, sobretudo, ambientes de construção de saber.

A longa tradição de ensino da língua portuguesa a estrangeiros na FLUC, a criação do mestrado em Português como Língua Estrangeira e Língua Segunda e o crescente interesse que a língua portuguesa tem suscitado um pouco por todo o mundo são condições que favoreceram, sobretudo na última década, o desenvolvimento de projetos de investigação no âmbito do ensino e aprendizagem do português como língua não materna. Entre esses projetos, destacam-se os que envolvem a criação de *corpora*, fundamentais para investigações de carácter empírico sobre o processo de aquisição de português como uma língua segunda, e os que foram desenvolvidos em parceria com outras instituições internacionais, com financiamento europeu, voltados para a utilização de novas tecnologias e novos *media* no ensino de línguas estrangeiras.

Conclusão

O mundo atual está “marcado pela compressão do espaço-tempo, pelo encurtamento das distâncias e consequente interligação entre os lugares” (Fernandes 2014: 79). Oscilando entre a cooperação e a concorrência, as universidades, as empresas e outros protagonistas sociais, ainda que em diferentes escalas geográficas, procuram afirmar-se e distinguir-se dos demais, aqui e ali colaborando e tirando partido das sinergias que enriquecem e fortalecem o trabalho em comum.

A Universidade de Coimbra, que desempenhou um papel importantíssimo na história do relacionamento Ocidente-Oriente a partir do século XVI, continua atualmente a contribuir, através dos Cursos de Português para Estrangeiros, para o conhecimento mútuo e reforço dos laços de amizade e cooperação entre os povos, estabelecendo a ponte entre o mundo lusófono e os países que “O Sol, logo em nascendo, vê primeiro”, para usar as palavras de Camões. Nesta que foi durante muito tempo a única universidade do mundo lusófono, têm estudado não apenas jovens oriundos de todos os países de língua oficial portuguesa, como também muitos estudantes japoneses, chineses e coreanos, futuros diplomatas,

professores ou tradutores de língua portuguesa e até juristas, uma vez que o Direito vigente em Macau e em alguns países de língua portuguesa continua a ser o Direito de matriz portuguesa.

Longe vão os tempos em que Portugal era um objeto de curiosidade. A opção de estudar a língua portuguesa em Portugal e, em especial, na Universidade de Coimbra reveste-se de inúmeras vantagens: à qualidade e diversidade da oferta formativa, resultante da experiência acumulada no ensino a estrangeiros, deve acrescentar-se o facto de Coimbra ser uma cidade pequena, não muito dispendiosa, de população afável, clima agradável, onde se pode estudar, passear e fazer desporto em parques verdes, contemplando as águas cristalinas do Mondego. Trata-se de um lugar com personalidade jovem e estudantil, multifacetada em termos linguísticos e culturais, onde os estudantes desenvolvem a sua atividade de forma tranquila e aprendem a língua portuguesa num verdadeiro ambiente de imersão linguística.

Fazendo *jus* à sua longa tradição e ao prestígio conferido pelo seu passado histórico, é propósito da Universidade de Coimbra, e em particular dos cursos de Português como Língua Estrangeira, continuar a contribuir para a valorização e difusão da língua portuguesa e fortalecer os laços de amizade e cooperação com universidades de todo o mundo, nomeadamente com a Universidade de Estudos Estrangeiros de Quioto.

Termino com as palavras que Joaquim Mendes dos Remédios, antigo Diretor da Faculdade de Letras, produziu em 1925 a propósito do primeiro Curso de Férias para estrangeiros:

Todos compreendem que vai nessa empresa a mais bela e mais simpática de quantas tentativas de aproximação recíproca de Portugal e dos países estrangeiros que marcham na vanguarda do progresso e da civilização que até agora se tem feito [...].

Nós criaremos pelos Cursos de Férias amizades e dedicações que sobrevivem a todos os dissentimentos e a todas as rupturas políticas. [...] Uma pomba voa por cima das nossas cabeças e leve, aérea, serena, acolhedora, segura no bico o seu ramo de oliveira. (Remédios, 1925: 96-97)

Curiosamente, são palavras que se enquadram perfeitamente no bonito lema da vossa universidade, a Universidade de Estudos Estrangeiros de Quioto: PAX MUNDI PER LINGUAS ('A paz mundial através das línguas').

Em suma, estamos longe no espaço, mas tão perto no espírito!

Referências

- ANDRÉ, Carlos. A. (2018, 5-18 de dezembro). O Português na China. Um crescimento exponencial. *Jornal de Letras*, 1257: 25-26.
- CARVALHO, J. R.; PAIVA, J. P.; BERNARDES, J. A. C.; MOTA, P. G. (2014, janeiro). A universidade de Coimbra e a China. *Rua Larga*, 39 (*Especial Oriente*): 28-31.
- FERNANDES, João Luís (1996). Coimbra, Universidade e difusão da Cultura Portuguesa no Mundo. A dimensão geográfica do Curso de Férias da Faculdade de Letras de Coimbra. *Cadernos de Geografia n.º especial 1996*: 67-77.
- FERNANDES, João Luís J. (2014). Curso de Férias da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra – fluxos, dinâmicas territoriais e origem geográfica dos estudantes. In Graça Rio-Torto (Org.), *90 anos de ensino de língua e cultura portuguesas para estrangeiros na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra* (pp. 79-100). Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- FURTOSO, Viviane Bagio; RIVERA, Serena J. (2013). Ensino de Português nos Estados Unidos: uma compilação”. *Revista Vozes dos Vales 4* (Ano II, 10/2013). Consultado em julho 12, 2019, em <http://www.ufvjm.edu.br/site/revistamultidisciplinar/files/2011/09/Ensino-de-Português-nos-Estados-Unidos-uma-compilação-Brasil-USA.pdf>
- MENDANHA, Victor (1994). *Conversas com Agostinho da Silva*. Lisboa: Pergaminho.
- NUNES, João Paulo Avelãs (2014). História e historiografia nos Cursos de Férias da FLUC (do final da Primeira República ao derrube do Estado Novo). In Graça Rio-Torto (Org.), *90 anos de ensino de língua e cultura portuguesas para estrangeiros na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra* (pp. 52-78). Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- OBSERVATÓRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA (2019). Consultado em julho 10, 2019, em <http://observalinguaportuguesa.org/as-linguas-mais-usadas-na-internet/>.

- PAIVA, José Pedro (2014). Nota de abertura. In Graça Rio-Torto (Org.), *90 anos de ensino de língua e cultura portuguesas para estrangeiros na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra* (pp. 9-12). Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- PEREIRA, Rui (no prelo). O português na China: “uma língua à solta”. In *Atas do I Encontro Internacional de Língua Portuguesa e Relações Lusófonas* (Bragança, 19 e 20 de outubro de 2018).
- REMÉDIOS, Joaquim Mendes dos (1925). Os Cursos de Férias da Faculdade de Letras. *Biblos* 1: 96-108.
- RIO-TORTO, Graça (2014). Passado e presente dos cursos de férias. Da edição de 1924–1925 à de 2014. In Graça Rio-Torto (Org.), *90 anos de ensino de língua e cultura portuguesas para estrangeiros na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra* (pp. 13-38). Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- SARAIVA, Luís Eduardo Marquês (2010). Portugal no contexto dos interesses dos EUA e da Europa, em relação a África. *Revista militar* 2505: 979-1005.
- TORGA, Miguel (1990). *Diário XV*. Coimbra: Coimbra Editora.

要 旨

コインブラ大学：外国人へのポルトガル言語文化教育 における 95 年の伝統

ルイ・ペレイラ

コインブラ大学は、恐らくポルトガル語圏において外国人学生へのポルトガル語教育に最も長年携わっている高等教育機関であろう。「外国人のためのポルトガル言語・文化夏期講座」は 1925 年以来、コインブラ大学文学部により実施されており、すでに 95 回目を数える。

本稿では、教育プログラムの多様性と様々な講座のカリキュラム編成という観点からコインブラ大学文学部により提供される外国人学生へのポルトガル言語・文化教育の特徴について述べる。また、特にアジア人学習者の増加について、また本講座でカモンイスとペソアの言語、ポルトガル語を学ぶ学習者の動機について分析を試みる。

Resumo

A Universidade de Coimbra é, provavelmente, a instituição de ensino superior que, no espaço lusófono, há mais tempo se dedica ao ensino de português a alunos estrangeiros. O Curso de Férias de Língua e Cultura Portuguesas, promovido desde 1925 pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, vai já na sua 95.^a edição.

Neste artigo, caracteriza-se o ensino de língua e cultura portuguesas a alunos estrangeiros que é ministrado na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra em termos da diversidade da oferta formativa e da organização curricular dos vários cursos. Analisa-se ainda o crescimento da procura destes cursos, sobretudo por alunos de origem asiática, e as motivações que os levam a aprender a língua de Camões e de Pessoa nesta instituição.

Palavras-chave: Universidade de Coimbra; Português Língua Estrangeira.

—役員一覧—

会長	黒澤直俊	(東京外国語大学)
理事 (五十音順)		
	市之瀬敦	(上智大学)
	住田育法	(京都外国語大学)
	平田恵津子	(大阪大学)
	水戸博之	(名古屋大学)
	矢持善和	(天理大学)
監事 (五十音順)		
	吉野朋子	(神田外語大学)

—執筆者一覧— (執筆順)

彌永史郎	(京都外国語大学)
Pedro Carlos Freitas Aires	(京都外国語大学)
福嶋伸洋	(共立女子大学)
César Rodrigues	(京都外国語大学)
荻野 恵	(上智大学)
高阪香津美	(愛知県立大学)
Joseph Abraham Levi	(ジョージワシントン大学)
Rui Pereira	(コインブラ大学)